



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

ELISETE ELVIRA DESSBESEL

**A AVALIATIVIDADE NOS QUADROS DE *MUJERES ALTERADAS 1*: UMA
ANÁLISE A PARTIR DE MARCAS DE TRADUÇÃO À LUZ DA TEORIA
FUNCIONALISTA**

**CHAPECÓ
2020**

ELISETE ELVIRA DESSBESEL

**A AVALIATIVIDADE NOS QUADROS DE *MUJERES ALTERADAS 1*: UMA ANÁLISE
A PARTIR DE MARCAS DE TRADUÇÃO À LUZ DA TEORIA FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria José Laiño.

CHAPECÓ
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Dessbesel, Elisete Elvira

A avaliatividade nos quadros de Mujeres Alteradas 1:
Uma análise a partir de marcas de tradução à luz da
teoria funcionalista / Elisete Elvira Dessbesel. --
2020.

97 f.:il.

Orientadora: Doutora Maria José Laiño

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2020.

1. Avaliatividade. 2. Tradução funcionalista. 3.
Mujeres Alteradas. I. Laiño, Maria José, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

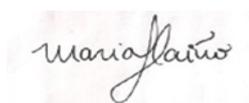
ELISETE ELVIRA DESSBESEL

**A AVALIATIVIDADE NOS QUADROS DE *MUJERES ALTERADAS 1*: UMA ANÁLISE
A PARTIR DE MARCAS DE TRADUÇÃO À LUZ DA TEORIA FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 24/08/2020

Aprovado em: 24/08/2020

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria José Laiño – UFFS
Presidente da banca/orientador



Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes – UFC
Membro titular externo



Profa. Dra. Mary Neiva Surdi da Luz – UFFS
Membro titular interno

Profa. Dra. Angela Luzia Garay Flain – UFFS
Membro suplente

Chapecó/SC, setembro de 2020.

*Às mãos calejadas de meus pais, Lirio e Nair,
que me fizeram chegar até aqui.*

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, profa. Dra. Maria José Laiño, que me acompanha desde o início da graduação e a qual admiro imensamente. Obrigada pela paciência, carinho e cuidado de sempre. Você sempre será um exemplo para mim!

Aos professores Valdecy de Oliveira Pontes e Mary Neiva Surdi da Luz pela leitura atenta e pelas contribuições a este trabalho. Obrigada pela participação na banca de qualificação e defesa.

À Universidade Federal da Fronteira Sul e todos que a construíram, pela oportunidade.

Aos meus pais, Lirio e Nair, pelo incentivo ao estudo. Obrigada por todo o esforço durante todos estes anos. Devo tudo a vocês.

Ao meu irmão, Eduardo. Obrigada por sempre estar “aqui” quando precisei. Serei sempre grata a tudo que você fez por nossos pais e por mim.

Ao meu companheiro, Henrique. Obrigada por ser meu maior incentivador durante este período e por acreditar em mim, mesmo quando eu não o fazia.

Às colegas de turma, em especial Bruna, Gabriele e Suelen. Meninas, obrigada pela parceria, que iniciou antes mesmo do nosso ingresso. As tardes de aula sempre ficavam mais divertidas com vocês.

À minha amiga-irmã, Alice. Obrigada pelo apoio inenarrável desde a minha chegada a Chapecó.

Às pessoas que me ajudaram ao longo deste caminho.

En general, culturalmente, la educación para las mujeres no tiene que ver con el humor. Porque el humor es corrosivo, trasgresor, irónico y sucio a veces; el humor no es la mujer que se ríe con recato, es todo lo contrario, es la gran carcajada, es '¡me río en tu cara!'. Y tradicionalmente hay una educación para la mujer que la ha dejado fuera del mundo del humor, al menos como ámbito profesional (MAITENA, 2003)

RESUMO

Nas diversas situações de interação humana, estamos, constantemente, emitindo e sendo alvos de julgamento de valor. Todos os sistemas linguísticos possuem formas de fazê-lo, o que não significa que o façam igual. Assim, recursos valorativos são encontrados de modo constante por tradutores, que, nessas situações, precisam tomar decisões no tocante à tradução. Portanto, este trabalho debate aspectos relacionados à tradução de elementos valorativos do par linguístico espanhol<>português das histórias em quadrinhos do livro *Mujeres Alteradas 1* ([2003] 2005) da cartunista argentina Maitena Burundarena. Diante disso, nosso foco de análise esteve voltado, primeiramente, em verificar a presença da linguagem avaliativa nos quadros, compreendendo e classificando a incidência de acordo com a Teoria da Avaliatividade. Em seguida, como segundo passo, a tradução das marcas avaliativas foram analisadas sob a ótica da teoria funcionalista de tradução, com isso, ao propormos um diálogo entre os estudos da Avaliatividade e da tradução funcionalista, buscamos seus pontos de convergência. Assim sendo, podemos afirmar que nosso referencial teórico está, basicamente, dividido em duas grandes áreas: linguagem avaliativa, objeto de discussão do capítulo 2, e tradução funcionalista, abordada no capítulo 3. Em relação à primeira, exploramos o sistema da teoria avaliativa, buscando compreender o funcionamento, primeiramente, de suas partes, e, *a posteriori*, o conjunto como um todo. Para isso, recorreremos às fontes teóricas, com os estudos de Martin (2000), Martin e Rose (2003), White (2004), Martin e White (2005), bem como a teóricos brasileiros, como é o caso de Cruz (2012), Vian Junior, Souza e Almeida (2010) e Cabral (2007). Já em relação à segunda, tradução funcionalista, buscamos apoio, principalmente, em Reiss e Vermeer (1996) e em Nord (2012, 2010a, 2009, 1997, 1994), vislumbrando compreender conceitos importantes para a teoria e explorando perspectivas de análise quando visamos atender a tradução das funções de um texto. A fim de relacionar as duas áreas, selecionamos um *corpus* de pesquisa composto por dez quadros. Quanto à metodologia, adotamos uma pesquisa de cunho qualitativo, mobilizando os objetivos a cada uma das análises. A seleção do corpus deu-se por dois critérios: (i) presença de elementos valorativos; e (ii) a tradução da Avaliatividade ao português brasileiro; (iii) à título de variedade de elementos, a localização do excerto dentro do Sistema de Avaliatividade. Por isso, no capítulo 4, propomos suas análises, contextualizamos o quadrinho, detalhando informações importantes. Logo, situamos o segmento avaliativo dentro do sistema que apresentamos anteriormente. Depois disso, comparamos a versão original com a versão traduzida, levando em consideração aspectos relacionados à tradução funcionalista, verificando as marcas de tradução existentes nos aspectos avaliativos. Por fim, em alguns casos, julgamos necessário sugerir outra proposta de tradução, pois percebemos que a tradução gerou incongruências em relação à funcionalidade do texto original. Finalmente, percebemos que a aproximação entre os campos da Avaliatividade e da tradução sob viés funcionalista possibilitaram uma análise mais sólida. Assim, os resultados indicam que a Avaliatividade é uma característica intrínseca dos quadrinhos de Maitena. Entretanto, nem sempre as traduções seguiram padrões funcionais, já que, em alguns casos, deixaram de cumprir o escopo a que julgamos que tenham sido planejadas, ao passo que se desvincularam do sentido proposto, o que gerou como consequência a alteração dos elementos avaliativos em incidência e grau.

Palavras-chave: Avaliatividade. Tradução funcionalista. *Mujeres Alteradas*.

ABSTRACT

In the various situations of human interaction, we are constantly issuing and being targets of value judgment. All linguistic systems have ways of doing this, which does not mean that they do it the same way. Thus, valuable resources are constantly found by translators, who, in these situations, need to make decisions regarding translation. Therefore, this paper discusses aspects related to the translation of evaluative elements of the Spanish <> Portuguese language pair of the comic books in the book *Mujeres Alteradas 1* ([2003] 2005) by the Argentine cartoonist Maitena Burundarena. Therefore, our focus of analysis was, first, to verify the presence of the evaluative language in the tables, understanding and classifying the incidence according to the Theory of Evaluativity. Then, as a second step, the translation of the evaluative marks were analyzed from the perspective of the functionalist theory of translation, with this, by proposing an dialogue between the studies of Evaluativity and functionalist translation, we sought their points of convergence. Therefore, we can say that our theoretical framework is basically divided into two main areas: evaluative language, the subject of discussion in chapter 2, and functionalist translation, covered in chapter 3. In relation to the first, we explore the system of evaluative theory, seeking to understand the functioning, first, of its parts, and, after, the set as a whole. For this, we turn to theoretical sources, with the studies of Martin (2000), Martin and Rose (2003), White (2004), Martin and White (2005), as well as Brazilian theorists, such as Cruz (2012), Vian Junior, Souza and Almeida (2010) and Cabral (2007). Regarding the second, functionalist translation, we seek support, mainly, in Reiss and Vermeer (1996) and in Nord (2012, 2010a, 2009, 1997, 1994), aiming to understand important concepts for the theory and exploring analysis perspectives when we aim assist the translation of the functions of a text. To relate the two areas, we selected a research corpus composed of ten tables. As for the methodology, we adopted a qualitative research, mobilizing the objectives for each of the analyzes. The corpus was selected according to two criteria: (i) presence of evaluative elements; and (ii) the translation of the Evaluativity into Brazilian Portuguese; (iii) by way of variety of elements, the location of the excerpt within the Evaluation System. For this reason, in chapter 4, we propose your analyzes, contextualizing the comic, detailing important information. Therefore, we place the evaluation segment within the system that we presented earlier. After that, we compared the original version with the translated version, considering aspects related to functionalist translation, checking the existing translation marks in the evaluation aspects. Finally, in some cases, we consider it necessary to suggest another translation proposal, as we realized that the translation generated inconsistencies in relation to the functionality of the original text. Finally, we realized that the approximation between the fields of Evaluativeness and translation under a functionalist bias enabled a more solid analysis. Thus, the results indicate that Evaluativeness is an intrinsic characteristic of Maitena's comics. However, the translations did not always follow functional standards, since in some cases, they failed to fulfill the scope to which we believe they were planned, while they disengaged from the proposed meaning, which resulted in the alteration of the evaluation elements in incidence and degree.

Keywords: Evaluativity. Functionalist translation. *Mujeres Alteradas*.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – O Sistema de Avaliatividade, 26
- Figura 2 – O subsistema da atitude, 27
- Figura 3 – As modalidades do Julgamento de Estima e Sanção, 30
- Figura 4 – A divisão do subsistema de apreciação, 32
- Figura 5 – Exemplo de escala de intensidade, 33
- Figura 6 – Subdivisão do sistema de gradação, 34
- Figura 7 – Subdivisão do sistema de Engajamento, 38
- Figura 8 – O sistema avaliativo: visão global, 40

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Estrutura das páginas de Mulheres Alteradas, 67
- Imagens 2 – Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres, 69
- Imagens 3 – Seis maneiras típicas de desvalorizar o outro, 72
- Imagens 4 - Seis bons motivos para uma mulher querer ver o Ex, 73
- Imagens 5 – Algumas boas razões para começar um regime, 77
- Imagens 6 – Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres, 79
- Imagens 7 – Algumas delícias de relação pai-filha, 79
- Imagens 8 – Os seis riscos mais comuns da festa de aniversário, 83
- Imagens 9 – As coisas que você percebe com a chegada do calor, 83
- Imagens 10 – As seis injustiças mais machistas quando o assunto é beleza, 86
- Imagens 11 – Os seis primeiros passos clássicos de uma recém-separada, 88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aspectos extra e intratextuais presentes em *Mujeres Alteradas 1*, de Maitena, 68

LISTA DE ABREVIATURAS

CB – Cultura-base

CM – Cultura-meta

LSF – Linguística Sistêmico-Funcional

SA – Sistema de avaliatividade

TA – Teoria de avaliatividade

TB – Texto-base

TM – Texto-meta

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL AO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE.....	20
2.1 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	20
2.2 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE	23
2.2.1 Atitude.....	26
2.2.1.1 Afeto	27
2.2.1.2 Julgamento.....	29
2.2.1.3 Apreciação	31
2.2.2 Gradação	33
2.2.2.1 Força	34
2.2.2.2 Foco	35
2.2.3 Engajamento	36
2.2.3.1 Monoglóssico.....	38
2.2.3.2 Heteroglóssico	39
2.3 À GUIA DE CONCLUSÃO: UMA SÍNTESE	40
3 ESTUDOS DA TRADUÇÃO: DOS PRINCÍPIOS À TEORIA FUNCIONALISTA ...	42
3.1 PRECEITOS BÁSICOS: ENTENDENDO O QUE É TRADUÇÃO	43
3.2 A TRADUÇÃO SOBRE A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA.....	49
3.3 AVALIATIVIDADE E TRADUÇÃO FUNCIONALISTA	60
4 AS MUJERES ALTERADAS DE MAITENA: AVALIATIVIDADE E TRADUÇÃO ...	63
4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	63
4.2 OS QUADROS: ELEMENTOS INTRA E EXTRATEXTUAIS	64
4.3 CONSTRUINDO AS ANÁLISES DO <i>CORPUS</i>	68
4.3.1 Análise 1 – O caso da palavra <i>tarada</i>	69
4.3.2 Análise 2 – Da expressão ao objeto.....	71
4.3.3 Análise 3 – Valoração através de animais.....	73
4.3.4 Análise 4 – Valoração através de animais: <i>cerdo</i>	76
4.3.5 Análises 5 e 6 – Dois pesos, duas medidas: <i>atorranta</i>.....	79
4.4.6 Análises 7 e 8 – Outras possibilidades de tradução: literalidade ou não?	83
4.4.7 Análise 9 – Ser um <i>crack</i>	86
4.4.8 Análise 10 – Tirar un par de lances.....	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente, em situações comunicativas, os usuários da língua(gem) emitem/expressam julgamentos acerca dos mais variados temas, como os relacionados à expressão de sentimentos, pensamentos, apreciações, desejos etc. Em outros termos, o ser humano, dotado de linguagem, está, a todo momento, em maior ou menor grau, avaliando ou sendo avaliado. Nessa perspectiva, o sistema linguístico dispõe de determinados recursos que permitem que tais avaliações sejam formuladas (VIAN JUNIOR, SOUZA, ALMEIDA, 2010).

Por exemplo, na frase “Que dia lindo!”, o adjetivo destacado emite uma avaliação positiva em relação ao substantivo “dia”. Em comparação, basta que se troque a palavra frisada por outra como “feio” para que se altere significativamente o conteúdo de tal avaliação. É verdade que o exemplo citado é bastante simples, mas já nos serve para elucidarmos como a avaliatividade está presente em nosso dia a dia. O conceito de avaliatividade, como veremos no capítulo 2, refere-se, justamente, de acordo com Martin e White (2005), propulsores da área, ao estudo de como os emissores de textos orais ou escritos manifestam, diariamente, posicionamentos e julgamentos a respeito de aspectos que circundam os usuários da língua.

Em nosso trabalho, o conceito de avaliatividade, que é essencial para a pesquisa, une-se a outro também muito importante que é o da tradução. Os dois conceitos se relacionam à medida que a tradução, a partir do trabalho do tradutor, possibilita comparar como diferentes línguas emitem julgamentos de valor sobre temas diversos. A tradução, conceito relacionado tanto ao processo, quanto ao produto¹, em poucas palavras, em sua acepção mais comum, refere-se a uma atividade relacionada à transposição de um determinado texto de uma língua a outra. Entretanto, ela não se restringe a isso, pois, de acordo com Jakobson (1999), um signo verbal pode ser traduzido para outros signos dentro de uma mesma língua, para outra língua e, até mesmo, para um sistema de símbolos não-verbais. A esses três processos Jakobson definiu, respectivamente, como tradução intralingual, interlingual e intersemiótica.

Assim, quando nos referimos à tradução intralingual, pensamos em uma tradução que ocorre dentro de uma mesma língua, com base na interpretação e reescrita com a utilização de signos verbais diferentes². Percebesse-a, principalmente, em edições de obras destinadas a públicos

¹ Souza (1998) se refere ao conceito como sendo polissêmico, pois, ao mencionarmos o termo “tradução”, podemos referir-nos ao processo, à ação tradutória ou ao produto, o próprio texto traduzido. O autor propõe, ainda, que o termo se refere ao ofício e à disciplina.

² Nesse sentido, mencionamos Octavio Paz (2009, p. 9) quando afirma que “aprender a falar é aprender a traduzir: quando a criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que ela realmente quer é que traduza para

específicos, como uma versão de “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, direcionada ao público infantojuvenil. A tradução interlingual, concepção de tradução mais conhecida, refere-se à interpretação de um texto a partir do uso de signos linguísticos de outra língua. Essa é a abordagem da qual partimos em nossa pesquisa. Finalmente, a tradução intersemiótica projeta-se com base na transposição de um sistema linguístico a outro, como, por exemplo, em uma versão em quadrinhos da obra de Dom Casmurro, de Machado de Assis, ou uma produção cinematográfica desta mesma obra, demonstrando a passagem da linguagem escrita ao sistema semiótico visual e audiovisual, respectivamente.

Mas... Como a avaliatividade se relaciona com a tradução? A resposta para tal indagação é complexa, porém perceptível, pois, se consideramos que a Avaliatividade está presente na esfera comunicativa das mais variadas línguas e, nesse sentido, se ponderamos que elas não, necessariamente, estabelecem tais relações avaliativas do mesmo modo e sob os mesmos parâmetros, é correto presumir que o tradutor se depara com ela, mesmo inconscientemente. Nesse cenário, o tradutor, aqui representante da tradução, precisa tomar decisões em relação à tradução de certas palavras e expressões que, dependendo da escolha, podem alterar totalmente o sentido, como veremos mais adiante.

Essa tarefa de traduzir elementos valorativos torna-se ainda mais complexa quando percebemos que eles, os itens avaliativos, perpassam a esfera dos elementos puramente linguísticos e encontram-se, frequentemente, no contexto extralinguístico. Por isso, há uma intrínseca relação entre a cultura³ e os elementos valorativos, uma vez que estes estão imbricados naquela. Consideramos como elemento valorativo toda palavra e/ou expressão que, em um determinado contexto, expressa algum tipo de avaliação. Como veremos, as apreciações aparecem sob diversos graus e níveis, de forma mais perceptível ou não. Nesse aspecto, analisamos a tradução de tais elementos com base em uma perspectiva funcionalista, já que tal teoria preocupa-se com a tradução em seus aspectos funcionais, isto é, com seus objetivos, descartando uma visão simplista e, até mesmo, mecânica que foi, por muito tempo, associada à tradução. Os aspectos funcionais estão ligados ao porquê, ou seja, aos objetivos de produção de um texto ou de uma tradução, uma vez que a perspectiva funcional extrapola as dimensões sintática e lexical. Como veremos, o processo deve

sua linguagem o termo desconhecido. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente distinta da tradução entre duas línguas [...]”.

³ O conceito de cultura é complexo de ser construído. De modo geral, à cultura se associam os hábitos e costumes de um povo, os saberes produzidos, os modos de expressão artística e, até mesmo, o modo de civilização. Assim, de acordo com Godoy e Santos (2014, p. 34) “a cultura é formada por um conjunto de sistemas de significados que dão sentido às ações humanas, sejam elas as nossas ou as demais, possibilitando o entendimento de que qualquer ação social é cultural e que, por isso, as práticas sociais que expressam, comunicam e produzem significados são práticas de significação, discursivas.”

dar-se com base no aspecto funcional. Assim, julgamos que a escolha pela teoria funcionalista de tradução justifica-se por ela nos oferecer subsídios para análise do objeto em relação à funcionalidade dos quadros e, mais especificamente, aos excertos.

Assim, pensando na relação entre Avaliatividade e tradução, apresentamos nosso objeto de estudo: os quadros de *Mujeres Alteradas* ([2003] 2005), *Mulheres Alteradas no Brasil*, da cartunista argentina Maitena Burundarena. Em relação aos quadros, todas as histórias têm como personagens principais as mulheres e seus dilemas na vida cotidiana. Por isso, cada seção trata sobre um tema distinto e ironiza comportamentos sociais clichês e estereotipados relacionados ao gênero feminino. Nessa perspectiva, Maitena, como se percebe no capítulo 4 desta dissertação, concede um tom ácido aos seus quadros e, conseqüentemente, às suas críticas. A acidez associa-se, em geral, às críticas tecidas e a forma como as faz, pois, a partir de cenas do cotidiano, demonstra como as mulheres estão submetidas aos clichês e estereótipos. Desse ponto, desprende-se o aspecto valorativo de sua obra, uma vez que utiliza de situações cotidianas para emitir sua opinião sobre determinados assuntos. Maitena o faz, principalmente, através de expressões idiomáticas, uso da ironia e do uso conotativo da língua

Nesse âmbito, esta dissertação apresenta uma investigação que tem como temática a relação entre avaliatividade e tradução utilizando, para verificação, um *corpus* para análise composto pelos quadros de *Mujeres Alteradas* ([2003] 2005) em sua versão original, em espanhol, variedade rio-platense, e a sua tradução, em português brasileiro. Neste sentido, buscamos estabelecer um diálogo entre duas grandes áreas, sendo estas: a da linguagem avaliativa e a da tradução, especificamente sob a perspectiva funcionalista, utilizando aquela para verificar a presença dos elementos avaliativos e esta para perceber como tais elementos foram traduzidos.

Diante disso, nosso objetivo geral é averiguar como os elementos valorativos presentes nos quadros originais foram traduzidos ao português à luz da teoria funcionalista. Como objetivos específicos, propomo-nos a identificar a presença da linguagem avaliativa na obra *Mujeres Alteradas I* ([2003] 2005); classificar tais elementos dentro da Teoria da Avaliatividade (doravante TA); e analisar, a partir da teoria funcionalista de tradução, como eles foram traduzidos ao português com vistas ao cumprimento ou não de seus objetivos.

Em relação à metodologia, delimitamos nosso trabalho com base nas seguintes perspectivas as quais foram utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. No tocante à abordagem, partimos da vertente qualitativa⁴, articulando os objetivos a cada um dos quadros em si. Em outras palavras,

⁴ De acordo com Marconi e Lakatos (2003) o método qualitativo se caracteriza, principalmente, pela forma de coleta e análise de dados. Em outros termos, os autores ponderam que essa abordagem se preocupa em analisar e interpretar os dados de modo mais profundo, não restringindo-a aos aspectos quantitativos. Silva (2008), mesmo focado na pesquisa

pensamos as teorias a partir de cada elemento do objeto de pesquisa. Ademais, tem uma natureza de predominância descritiva-analítica, propondo a discussão entre os campos já mencionados, cuja relação é verificada a partir das análises.

Em relação aos procedimentos, partimos de um estudo preliminar⁵, no qual percebeu-se a possibilidade de articulação entre o Sistema de Avaliatividade (doravante SA) e o campo da tradução funcionalista. Constando-se essa relação, verificou-se, nos quadros da *Mujeres Alteradas 1* ([2003] 2005), quais eram as incidências de elementos valorativos. Na sequência, houve uma comparação dos quadros em relação à versão em português e, com base nessa, as análises foram realizadas, com base na forma em que as traduções foram feitas ao português.

Diante disso, nossas hipóteses residiram, basicamente, em duas vertentes: a primeira, relacionada à ampla presença de elementos avaliativos nos quadros. A segunda, relativa à tradução de tais elementos, pois consideramos que, em algumas situações, a tradução não cumpriria os objetivos para qual foi feita, principalmente no que se refere à alteração do sentido do termo valorativo. Tais hipóteses sustentam-se em Dessbesel e Laiño (2017).

Assim, a construção deste trabalho parte de uma discussão teórica com via de mão única: esmiuçamos a TA, dividindo-a em pequenas partes para compreendê-la de forma unitária e integral, ao mesmo tempo que apresentamos os principais postulados do campo da tradução, especificamente, da vertente funcionalista. Assim, após a apresentação dessas reflexões, que são tema dos capítulos 2 e 3, respectivamente, direcionamo-nos à análise do *corpus*.

Como já mencionado, o *corpus* de investigação são os quadros de Maitena, mais especificamente o livro *Mujeres Alteradas 1*, publicado em 2005, pela Editora *Sudamerica – Lumen*, em sua 6ª edição, 1ª edição em 2003, e sua versão em português, *Mulheres Alteradas 1*, publicado em 2003, 1ª edição, pela Editora Rocco, com tradução de Ryta Vinagre. Apesar da data, os quadros começaram a ser publicados muito antes, nos anos 1990 na revista argentina feminina *Para Ti* e no jornal argentino *El Clarín*. Somente alguns anos depois é que eles foram compilados e publicados em cinco edições.

Em nosso trabalho, optamos por trabalhar apenas com o primeiro volume, pois almejamos propor análises mais qualitativas do que quantitativas. Essa escolha deveu-se, principalmente, em virtude da forma de análise dos dados e aos procedimentos imbricados a ela. Quanto à análise,

qualitativa dentro das ciências sociais, corrobora a tal perspectiva ao acrescentar que “as investigações qualitativas têm-se preocupado com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as movimentações, crenças, valores, representações sociais e econômicas, que permeiam a rede de relações sociais” (SILVA, 2008, p. 29).

⁵ Dessbesel e Laiño (2017).

priorizamos pela descritiva de cada um dos quadros, utilizando, para isso, procedimentos ligados à pesquisa bibliográfica, como fonte de teoria, e à pesquisa documental, para análise dos dados.

No interior do livro, selecionamos para este estudo dez quadros, visando apresentar as distintas formas de se realizar avaliação, conforme o que apresentamos no capítulo 2. Vale salientar que essa escolha se deu a partir do olhar construtivo entre a versão fonte e a traduzida. A eleição do material de análise baseou-se em critérios previamente estabelecidos, a saber: (i) presença da linguagem avaliativa, priorizando distintas formas de materialização valorativa⁶; (ii) aspectos relacionados à sua tradução ligadas, sobretudo, a incongruências, como desvios de funcionalidade do texto traduzido; (iii) à título de variedade de elementos, a localização do excerto dentro do SA. Assim, com base nesses três critérios, os quadros foram selecionados.

Nessa perspectiva, com base nas discussões teóricas e no *corpus*, propomos o exame deste no capítulo 4. A análise, parte final da pesquisa, ocorreu seguindo alguns parâmetros, a saber: (i) observação do quadro fonte, com contextualização em relação ao livro; observação da presença e do “tipo” de linguagem avaliativa e o(s) sentido(s) que essa palavra/expressão evoca na língua espanhola; (ii) comparação com a versão em português, apreciando se a mesma “classe” de avaliação foi mantida e qual(is) o(s) sentido(s) que ela evoca, se são iguais ou divergem do original, em síntese, observando as marcas da tradução em relação ao aspecto funcional; (iii) em alguns casos, pareceu-nos necessário, propor outras possibilidades de tradução, como solução aos problemas encontrados. Tais pontos são detalhados no início do capítulo 4.

Com base nos pontos apresentados, de modo especial aos objetivos que traçamos, entendemos que a problemática pode ser traduzida a partir dos seguintes questionamentos: como é a presença de elementos valorativos no livro *Mujeres Alteradas I* de Maitena? Como tais componentes valorativos foram traduzidos à língua portuguesa, em sua variedade brasileira? E, por fim, houve a manutenção do aspecto semântico-avaliativo no produto tradutório em nível pragmático?

Esta dissertação oferece contribuições que se relacionam ao aprofundamento da intersecção entre avaliatividade e tradução funcionalista, a partir do *corpus* de quadros do livro *Mujeres Alteradas I*. Dentro dessa perspectiva, Almeida e Vian Jr. (2018) fizeram um panorama das pesquisas ligadas ao SA e verificaram que a Avaliatividade contribuiu em um expressivo número de áreas, isto é, em contextos diversos. Na aproximação com a área dos Estudos da Tradução, especificamente sob a perspectiva funcionalista, não percebemos um número significativo de

⁶ O SA possui diversas subdivisões que percebem os aspectos avaliativos sob critérios e aspectos diferentes. Fez-se perceptível que algumas formas de valoração foram mais evidentes que outras, mas buscamos um equilíbrio entre os dados apresentados.

trabalhos. Mesmo assim, podemos mencionar alguns que são representativos em relação à intersecção com a tradução, como Souza (2006), Blauth (2015), Oliveira Jr. (2016) e Miranda (2018). Nesse cenário, entre as duas áreas, reside nossa pesquisa, a qual contribui para tal aproximação, justamente por propor a análise da manutenção da avaliatividade a partir da tradução sob viés funcionalista.

Assim, em síntese, organizamos da seguinte maneira o trabalho: apresentamos, no capítulo 2, a TA, desde os primórdios de seu surgimento até os postulados mais recentes, utilizando, principalmente, os estudos desenvolvidos por Martin (2000), Martin e Rose (2003), White (2004), Martin e White (2005), bem como teóricos brasileiros da área como Cruz (2012), Vian Junior, Souza e Almeida (2010) e Cabral (2007). Na sequência, no capítulo 3, nos dedicamos a compreender o funcionamento da tradução, utilizando como ponto de partida o próprio conceito de tradução, abordando aspectos históricos e conceituais ligados à área, até chegarmos, especificamente, à ótica funcionalista, representada pelos estudos de Nord (2012, 2010a, 2009, 1997, 1994). Diante disso, no capítulo 4, relacionamos os dois anteriores e propomos nossas análises. Finalmente, na conclusão, retomamos alguns pontos relevantes do desenvolvimento do trabalho, sobretudo no tocante à consecução dos objetivos propostos.

2 DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL AO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Neste capítulo, traçamos um caminho que parte da Linguística sistêmico-funcional, (doravante LSF) cujo campo de estudo se centra, independente da ótica de estudo, na análise das funções dos elementos linguísticos em correlação às suas formas. Como veremos, essa área de investigação pode ser explicada a partir de quatro características basilares: seu caráter sistêmico, funcional, social e semiótico.

Esse campo deu, posteriormente, origem ao SA, sob o qual nos debruçamos com mais afinco. Para falar da Avaliatividade, dividimos o sistema e conceituamos cada uma de suas partes, apresentando exemplos para compreensão mais efetiva de como tais elementos aparecem no dia a dia. Julgamos que, ao final do capítulo, cada uma das partes auxilie no entendimento do sistema como um todo.

2.1 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Antes de nos determos sobre o SA, propomos apresentar a vertente linguística da qual se originou a teoria avaliativa: a LSF. Tal teoria foi proposta, influenciada por estudiosos como Firth, pelo linguista britânico Michael A. K. Halliday, cujo estudos são abordados na sequência. Mas, antes ainda, o funcionalismo, que deu origem a LSF, já estava em discussão. Por isso, iniciamos nossa discussão a partir dele para podermos chegar a LSF.

Aqui, vamos ao encontro de Neves (1997), quando a autora afirma que definir a corrente funcionalista não é uma tarefa simples, já que envolve diversas ramificações e áreas dentro, e até mesmo, fora da Linguística. O surgimento do funcionalismo remonta a Escola de Praga⁷, e ocorre, principalmente, em oposição ao movimento formalista. Enquanto este considerava o estudo da “forma” linguística isolada de seu uso social, aquele se interessa mais pelo uso linguístico, isto é, a comunicação eficiente em contextos diversos.

Dito de outra forma, de acordo com Oliveira (2003, p. 96), a principal diferença entre essas duas correntes é que “o formalismo vê a língua como um sistema autônomo, enquanto o funcionalismo vê a língua como um sistema não-autônomo inserido em um contexto de interação social”. Tal diferenciação é passível de ser realizada com base na “ordem”, ou melhor, na prioridade de importância do objeto de análise, pois, de acordo com Neves (1997, p. 39, destaques da autora)

⁷ Segundo Martins (2009), denomina-se Círculo de Praga ou Escola Linguística de Praga a um grupo de autores que se reuniram a partir de 1926 e propuseram novas diretrizes para o estudo de áreas da Linguística, inclusive em relação as primeiras análises em termos mais funcionais.

Pode-se distinguir dois polos de atenção opostos no pensamento linguístico, o *funcionalismo*, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante, e o *formalismo*, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários.

Por isso, em aspectos gerais, é possível afirmar que a LSF valoriza mais aspectos relacionados à semântica e aos contextos de produção. Nesse sentido, Halliday (1994), autor já mencionado, considerado um dos propulsores de uma das vertentes da área⁸, propõe que a LSF pode ser explicada através de quatro conceitos, ou melhor, abordagens, sendo essas: sistêmica, funcional, social e semiótica, as quais desdobramos nos próximos parágrafos.

É *sistêmica* em virtude de a linguagem ser um sistema composto por diversas possibilidades, isto é, de escolhas, conscientes ou não, uma vez que, em certas situações, o falante/escritor toma determinadas decisões linguísticas. Ainda, segundo o autor, o sistema tem um fator probabilístico, pois, utilizando-nos das palavras de Cruz (2012, p. 25), “diante desse conjunto de escolhas, algumas serão mais prováveis do que outras, dependendo do contexto”.

Além disso, é *funcional* porque baseia-se em verificar como a língua é utilizada em contextos reais de interação, ou seja, em função da sua característica comunicativa. Por isso, Halliday (1994) considera que a linguagem não seja algo arbitrário, mas uma instância que evolui, se transforma e se ressignifica para atender as necessidades comunicativas de seus usuários.

Seu caráter *social* é, praticamente, autoexplicativo, já que a língua é vista na LSF como uma instância social, ou seja, algo coletivo, afastando-se da perspectiva individual. Assim, para o pesquisador, há uma relação direta entre o código propriamente dito e a cultura. Esse fato também implica que a comunicação se realiza dentro de contextos comunicativos, sejam eles através da fala ou da escrita.

Finalmente, a LSF é *semiótica* porque a construção do significado é vista como um processo que, muitas vezes, foge da semiologia dicionarizada. Vale destacar que a semiótica é um ramo da Linguística que estuda as “formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos” (NÖTH; SANTAELLA, 2017, p.7). Quando nos referimos à signo retomamos o postulado de Saussure (2006 [1916], p. 81, destaques do autor) “chamamos

⁸ Apesar da importância de M.A.K Halliday dentro da Escola Inglesa, conhecida atualmente como Escola da Sidney, outras vertentes do funcionalismo também foram expoentes para a LSF. Martelotta e Kenedy (2003) destacam algumas escolas e autores importantes. De acordo com os autores, na Escola de Genebra, a perspectiva teve como representantes autores como Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei, todos influenciados por Saussure. Nesse cenário, o ponto de vista funcional foi também representado no chamado grupo holandês, principalmente por Simon Dik. Finalmente, nos Estados Unidos, “Paul Hopper, Sandra Thompson e Talmy Givón, [...] passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (MARTELOTTA; KENEDY, 2003, p. 22).

signo a combinação do conceito e da imagem acústica [...]”, isto é, a relação entre significante e significado.

Entretanto, em nosso trabalho, parece-nos insuficiente considerarmos o signo a partir de uma díade, pois a diversidade de usos da língua possibilita a construção de novos significados a partir do uso de um mesmo significante, sem, necessariamente, possuir relação com o significado “original”. Em síntese, propomos ver o signo como uma construção com significante e significado, em que o segundo não está engessado no primeiro. Nas palavras de Halliday (1994, p. 14), “a língua é interpretada como um sistema de signos acompanhados por formas, por meio das quais os significados podem ser realizados.”⁹

Vale ressaltar que, dentre os aspectos mencionados, esse último é de suma importância para o desenvolvimento desse trabalho, pois a análise da realização e a da compreensão textual são pensadas como unidades semânticas, que nem sempre vem com sentidos pré-estabelecidos. Em síntese: “o estudo da linguagem possibilita ao analista mostrar como e por que o texto significa aquilo que ele significa” (CRUZ, 2012, p. 26).

Já a nível de análise, Halliday e Mathiessen (2004) apresentam que a LSF pode percorrer distintos níveis e perspectivas de estudo, sendo elas a estrutura, o sistema, a estratificação, a instanciação e a metafunção. Dentre essas, basta-nos para atingir o objetivo de nosso trabalho que exploremos a estratificação, pois essa, em nossa visão, se aproxima mais da nossa proposta baseada na Avaliatividade.

Sem delongas, a estratificação refere-se aos estratos, isto é, aos níveis do sistema linguístico. Basicamente, podemos considerar a estratificação como as “camadas” que compõem o sistema linguístico. A língua(gem) representaria o sistema como um todo, mas, dentro dela, há subdivisões específicas, cada qual voltado para um objeto de análise. Essas divisões estão organizadas hierarquicamente, não em sentido de importância, mas em nível de organização linguística, partindo da fonologia, nível mais interno, e chegando ao contexto, nível mais externo. Em geral, cada área de pesquisa dentro da Linguística se interessa por partes, isto é, estratos específicos dentro desse todo.

Dentre os estratos do sistema linguístico, a LSF se interessa, de acordo com Halliday e Mathiessen (2004) pelo nível fonético, com recursos de articulação e de recepção auditiva, fonológico, da organização dos sons da fala, lexicogramatical, com base na relação gramática e significado, semântico, a nível de sentidos e, finalmente, a nível contextual. Os dois últimos são os que abrangemos em nosso trabalho: a semântica dedica-se ao estudo de como ocorre a construção de significados. E para a construção desses significados é necessário olhar para o contexto que

⁹ No original: “A language is interpreted as a system of meanings, accompanied by forms through which the meanings can be realized”.

determinado texto está inserido, isto é, onde ele circula, para quem foi produzido e com qual(is) objetivo(s).

Interessante é perceber que, dentre os estratos, esse é o único que não faz parte diretamente à língua, em termos de produção. Essa discussão é retomada e aprofundada no Capítulo 3, no qual a relacionamos a semântica e o contexto a aspectos ligados à tradução, mas é, por certo, a partir de tais estratos que dar-se-ão as análises apresentadas no Capítulo 4. Com base nisso, passemos a discutir, especificamente, a TA.

2.2 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Nesse âmbito, situa-se a TA, que surge como um dos ramos da LSF. Como dito anteriormente, tal vertente busca analisar como os emissores difundem julgamentos utilizando-se de elementos diversos disponíveis pelo sistema linguístico. Certamente, tais avaliações são formuladas nos mais diferentes níveis e das mais diversas formas, já que vão muito além do simples exemplo dado na introdução deste trabalho.

De forma geral, pensa-se que, quando falamos de avaliação, estamos nos referindo à dualidade positivo e negativo, isto é, *bom x ruim, feio x bonito, feliz x infeliz* etc. Entretanto, a valoração não se restringe ao que é positivo e ao que é negativo, pois essas são apenas umas das diversas possibilidades. Por exemplo, como apresenta Martin (2000), às vezes, dentro de um texto é possível que não existam elementos linguísticos que geralmente estão ligados à avaliação, como os adjetivos, porém essa ausência não significa que não exista nenhuma espécie de posicionamento valorativo, que, no contexto apresentado, pode se dar através de outros elementos.

Isso significa que as marcas textuais apreciativas podem se figurar de modo variado nos diferentes gêneros textuais. Em outras palavras, podemos encontrá-las postas de modo explícito, desprovido de dúvidas e ambiguidades, mais claras, e/ou implícitas, que podem ser subentendidas, pois se apresentam de modo obscuro (MARTIN, 2000). Tais modos não são expressos ao acaso, mas dependem de, basicamente, dois fatores, como apresenta Wilson (2009). O primeiro se refere à intencionalidade, pois dependendo das pretensões do falante/escritor, este pode optar por deixar tais julgamentos mais ou menos evidentes. Já o segundo, depende da interpretação do ouvinte/leitor, pois a avaliatividade não acontece sem que ela seja interpretada como tal.

Em síntese, como já mencionado, as avaliações podem estar presentes de modo explícito ou implícito, dependendo da intencionalidade do emissor. Portanto, quando as avaliações são realizadas de maneira explícita, utilizam-se recursos léxico-gramaticais ligados, principalmente, aos

adjetivos, advérbios e conjunções. Do outro lado, as avaliações implícitas, implicadas ou sugestivas, ocorrem quando o falante/escritor não quer e/ou não pode deixar tal apreciação clara no texto. Nesse segmento, a “avaliação implícita é realizada pelos significados ideacionais. Esses significados podem ser usados para efetuar as avaliações mesmo quando não há o léxico avaliativo” (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010, p. 101). Neste caso, de acordo com Martin e White (2005), pode-se utilizar um *token* (símbolo, sinal) que é, de modo geral, uma palavra ou expressão que, dentro de um contexto, adquire um significado diferente daquele que possui originalmente. Assim, a avaliação explícita ocorre através de um “enriquecimento lexical”, envolvendo, de forma sutil, a sugestão de um determinado significado, que pode ou não ser interpretado como o pretendido, como veremos em um exemplo mais adiante.

Por isso, é interessante perceber que elementos textuais isolados podem não apresentar nenhuma carga avaliativa, mas quando utilizados em um determinado contexto atribuem, intencionalmente ou não, avaliações definidas pelo falante/escritor. Tal fato chama nossa atenção para outro aspecto muito importante da teoria: o contexto. Segundo Martin e White (2005, p. 52, tradução nossa), “quando se trata de linguagem em contexto, é comum um mesmo item lexical variar seu significado de valor dependendo do contexto dado”¹⁰.

Por conseguinte, segundo White (2004), o objeto de estudo da TA é o texto como um todo, pois se considera que o termo isolado, isto é, a palavra solta, não permite a sua análise real. Assim, só é possível olhar para a carga avaliativa quando temos o enunciado completo, pois, como compara Wilson (2009, p. 85), o texto é como uma colcha de retalhos, “onde cada pedacinho de pano representa uma escolha lexical ou gramatical. Quando vários pedacinhos de pano com escolhas lexicais se juntam, eles formam cadeias lexicais [...]” que constroem entre si significados que só podem ser interpretados olhando para o todo.

Para demonstrar como o contexto é importante, apropriamo-nos do exemplo dado por Wilson (2009) em relação à expressão “mãe de família”. Tal expressão se refere, em geral, a uma mulher, casada e com filhos. Imaginemos que essa mulher é acusada por um crime e, no tribunal, o advogado de defesa resolve utilizar a expressão supracitada. Pensamos que ele poderá utilizar o dito “mãe de família” em busca de gerar, no júri, uma estima social positiva em relação à acusada. Por exemplo, se o advogado dissesse: “Imaginem o desespero desta mulher de família”, é com a pretensão de causar um sentimento de solidariedade sobre a ré. Entretanto, a mesma frase “mãe de família” poderia ser utilizada pelo advogado de acusação, com objetivo contrário, isto é, querendo

¹⁰ No original: When it comes to language use in context, it is often the case that given lexical item will vary its attitudinal meaning according to that context.

causar uma estima negativa em relação à ré aos que estão presentes no julgamento. Pensemos na seguinte frase que poderia ser proferida por ele: “E pensar que se trata de uma mulher de família”.

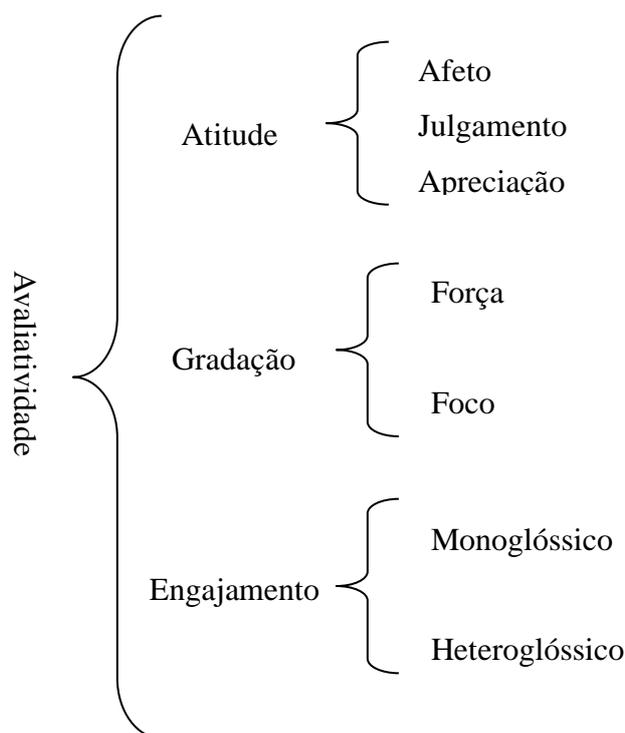
Nos dois casos se utilizaria a mesma expressão, mas com sentidos totalmente diferentes. Enquanto, no primeiro evento, ser “mãe de família” ajudaria no caso através de um apelo relacionado ao papel de mulher nessa determinada posição, isto é, de uma pessoa boa, no segundo, a expressão geraria justamente a estima contrária, ou seja, que seria um absurdo uma mulher em tal posição envolver-se em um crime. Faz-se importante destacar que nesse exemplo citado, “mãe de família” apresenta uma avaliação implícita, isto é, um *token*, pois não há nenhum indício aparente na expressão que indique a ideia de avaliação.

A linguagem avaliativa materializa-se, ainda, na própria escolha, consciente ou inconscientemente, do vocabulário utilizado para referir-se a uma determinada situação. Um exemplo que se discute em algumas áreas, principalmente nas ligadas à Análise de Discurso, é o uso que se faz dos verbos “ocupar” e “invadir” quando se referem a ações do Movimento Sem Terra (MST), exemplo dado por Fernandes (2008). Assim, de acordo com o autor, “as escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema.” (FERNANDES, 2008, p. 12). Portanto, “escolher” por usar uma ou outra forma não é algo que ocorre de forma aleatória, apesar de ser, muitas vezes, inconsciente, pois tal uso avaliativo acaba por evidenciar uma determinada posição ideológica e política em relação ao tema.

Portanto, diante do já que vimos, é possível perceber que a linguagem avaliativa pode ocorrer de diversas maneiras, pois o sistema linguístico dispõe de uma série de escolhas possíveis. Entretanto, isso não significa dizer que tais eleições acontecem de forma arbitrária, já que, mesmo com tantas variantes, os recursos léxico-gramaticais avaliativos podem ser categorizados (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010). Para isso, pesquisadores como Martin e White (2005) e outros coautores criaram um SA, que categoriza, a partir da LSF, os recursos disponíveis passíveis de serem utilizados. Assim, o sistema é dividido em, basicamente, três partes que, por sua vez, se dividem em subsistemas.

A primeira é definida como *atitude*, pela qual expressamos sentimentos, emoções, avaliações, julgamentos de caráter, que está subdividida em: afeto, julgamento e apreciação. Além desta, temos a *gradação*, com posicionamentos monoglóssicos e heteroglóssicos de contratação e expansão dialógica, e o *engajamento*, com recursos de força e foco de modo a ampliar ou mitigar tais avaliações (CRUZ, 2012). Nas próximas seções detalhamos cada uma dessas partes, bem como seus subsistemas. Na sequência, a Figura 1 apresenta um esquema do SA.

Figura 1 – O Sistema de Avaliatividade



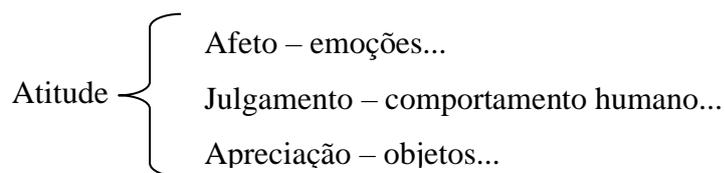
Fonte: a autora com base em Martin e White (2005).

2.2.1 Atitude

A primeira parte do SA está relacionada à atitude, que, em síntese, é responsável pela expressão linguística de avaliações positivas e negativas. Assim, ela abrange três áreas semânticas divididas em: afeto, julgamento e apreciação. Vale retomar que as avaliações relacionadas a ela, assim como outras, pode ser explícita, quando determinada avaliação está materializada no discurso e pode ser interpretada facilmente, ou implícita, nos casos em que aparece indiretamente, o que demanda uma interpretação do leitor/ouvinte.

Nessa perspectiva, a atitude ocupa um lugar central no SA ao “revelar os tipos e níveis em que a avaliação é desenvolvida e expressa no discurso” (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010). Portanto, de acordo com Martin e Rose (2003), a atitude tem relação com a avaliação das coisas, do caráter das pessoas e de seus sentimentos, podendo ser expressas com maior ou menor intensidade. O subsistema da atitude está dividido em três partes, isto é, em três campos semânticos, sendo estes: afeto, julgamento e apreciação. Tal divisão pode ser observada na Figura 2.

Figura 2 – O subsistema da atitude



Fonte: a autora com base em Vian Junior, Souza e Almeida (2010).

Assim, quando nos referimos ao afeto pensamos na expressão de sentimentos, ou seja, de emoções. Já, no julgamento, a avaliação se dá em relação ao comportamento humano em relação aos padrões éticos e morais da sociedade, que foram estabelecidos pelas diversas instituições que nos regem, entre elas a Igreja e o Estado. Finalmente, a apreciação trata das avaliações de coisas e objetos em relação a sua forma, estética etc. Nas seções a seguir, vemos com mais detalhes como funcionam os subsistemas do parâmetro atitude. Para sintetizar, de acordo com White (2015, p. 2, tradução nossa), o subsistema da atitude é dividido em três subtipos amplos:

[...] (1) avaliação positiva/negativa apresentada como reações positivas (classificada como “afeto”), (2) avaliações positivas/negativas do comportamento humano e caráter por referência à ética/moralidade e outros sistemas convencionalizados ou normas institucionalizadas (classificada como “julgamento”) e (3) avaliações de objetos, artefatos, textos, estados de coisas e processos em termos de como eles são designados socialmente (classificada como “apreciação”), isto é, em termos de suas qualidades estéticas, seu potencial de dano ou benefício, sua importância social e assim por diante.¹¹

2.2.1.1 Afeto

O afeto é a forma como expressamos nossos sentimentos no discurso linguístico, seja de maneira escrita ou oral. Ele se refere à emoção, isto é, uma avaliação que se baseia nas emoções e sentimentos do emissor em relação às pessoas, aos objetos, às coisas e aos acontecimentos em geral (MARTIN, 2000). Tais registros podem referir-se a sentimentos positivos ou negativos, de acordo com a relação estabelecida no texto. Um exemplo básico é a dicotomia “feliz x triste”, na qual o primeiro termo se refere a um afeto positivo e o segundo a um negativo.

¹¹ No original: (1) positive/negative assessment presented as emotional reactions (labeled “affect”), (2) positive/negative assessments of human behavior and character by reference to ethics/morality and others systems of conventionalized or institutionalized norms (labeled “judgment”), and (3) assessments of objects, artifacts, texts, states of affairs, and processes in terms of how they are assigned value socially (labeled “appreciation”), that is, in terms of their aesthetic qualities, their potential for harm or benefit, their social salience, and so on.

De acordo com Halliday (1994) e Vian Junior, Souza e Almeida (2010), as referências acerca do afeto podem modificar os participantes, os processos e os adjuntos, conforme os exemplos a seguir:

(i) Afeto expressando uma qualidade. Nessa perspectiva, os participantes são qualificados a partir de um epíteto¹².

(1) Menino **alegre**.

(ii) Afeto atribuindo qualidades aos participantes.

(2) Depois daquela situação, comecei a sentir **ciúmes**.

(iii) Afeto qualificando, por meio de adjuntos de circunstância, como os processos ocorrem.

(3) Ele começou a falar **com um remorso** sem fim.

Observamos que, nos exemplos acima, os sentimentos foram lexicalizados de distintas maneiras e com distintos objetivos. Em (1), temos um afeto positivo representado na frase pelo termo “alegre”, posto em função de epíteto. Já em (2), apresenta-se o sentimento de “ciúmes”, que, em geral, é associado a um estado penoso em relação a algo ou alguém. Finalmente, em (3), o elemento verbal “falar” é modificado pelo adjunto de circunstância “com um remorso”, que representa, em suma, o sentimento de arrependimento.

Percebemos que para compreender a estrutura do afeto é preciso identificar os tipos de sentimentos envolvidos. Nesse contexto, de acordo com Vian Junior, Souza e Almeida (2010), há sentimentos que são semelhantes a uma onda ou a um ímpeto de emoção, que precisam de aspectos comportamentais para defini-los, como em (4):

(4) Ele **enfiou o pé na jaca** naquele jantar.

¹² “Epíteto é descrito como uma expressão, substantivo ou mesmo um adjetivo que se torna um nome para qualificar algo, isto é, uma alcunha ou apelido que distingue algo ou alguém, deixando o nome ornamentado – tanto para o bem como para o mal”. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/epiteto>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

Outros envolvem uma determinada predisposição mental para a expressão de sentimentos mentais (5) e relacionais (6) para a expressão do afeto. E, por fim, o afeto pode ser expresso através de adjuntos modais como em (7).

(5) Você sempre **pensa** mais nele do que em você.

(6) Eu me **sentí tranquila** com a sua presença.

(7) **Felizmente**, os projetos foram executados de maneira correta.

2.2.1.2 Julgamento

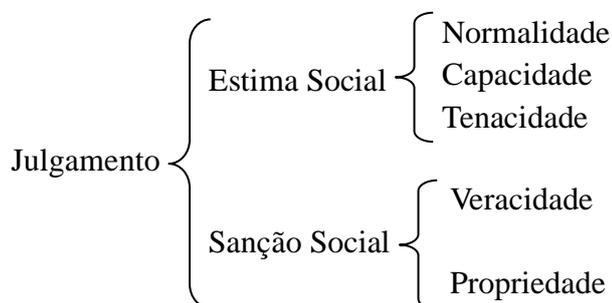
Outra área semântica dentro do campo da atitude é o julgamento. A própria nomenclatura da subárea já nos indica ao que ela se refere, isto é, nela estão localizadas as avaliações linguísticas que se referem ao comportamento social das pessoas. Tais avaliações são construídas com base em um conjunto de normas ou de regras convencionadas de comportamento, que são estabelecidas de modo diferente em cada cultura. Esse recurso, portanto, ressalta as qualidades do falante/escritor e materializa-se através dos epítetos e atributos (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010).

Dentro do campo do julgamento, faz-se, ainda, uma outra divisão: julgamento de estima social e julgamento de sanção social. Enquanto o primeiro é direcionado à admiração ou crítica em relação a algum comportamento, sem outras implicações, o segundo tem um cunho mais sério, às vezes materializado em forma de lei, e que pode ter algum tipo de implicação legal. Tal fato acarreta de igual forma o modo como eles são materializados: o julgamento de estima social, por seu caráter mais volátil, se associa a representações orais, como piadas, fofocas, brincadeiras etc. Já quando pensamos no julgamento de sanção social, nos referimos a representações mais estáveis, como leis, regras legais ou morais etc. (MARTIN; WHITE, 2005).

Nesse aspecto, o tipo de avaliação realizada, de estima social ou de sanção social, depende, em grande medida, da posição que o determinado “avaliador” ocupa, isto é, de sua posição institucional. Portanto, segundo Vian Junior, Souza e Almeida (2010, p. 106), “é quem avalia que possui o respaldo, dependendo do lugar que ocupa, para julgar as outras pessoas positivamente ou negativamente”. Como exemplo, pode-se citar dois papéis sociais existentes: enquanto o julgamento de uma vizinha está mais ligado a estima social, a de um delegado se enquadra na de sanção social.

Além dessa divisão básica, é possível, ainda, classificá-los com base em algumas outras particularidades, de acordo com Martin e White (2005), conforme a Figura 3:

Figura 3 – As modalidades do Julgamento de Estima e Sanção



Fonte: a autora com base em Martin e White (2005).

Assim, para a identificação do julgamento, algumas considerações podem ser feitas. Pensando, primeiramente, na estima social, o conceito de normalidade se refere até que ponto um determinado comportamento é normal ou não, se é algo habitual, frequente etc., como no exemplo (8):

(8) Maria **sempre foi estudiosa**, por isso conseguiu a aprovação.

Já quando falamos de capacidade, como o próprio nome nos dá pistas, é a atribuição da capacidade e/ou competência de alguém/algo para realizar/fazer alguma coisa, como podemos perceber em (9).

(9) Ele é muito **inocente** para exercer tal função na empresa.

Finalmente, ao mencionarmos a tenacidade, pensamos em avaliações ligadas ao quão perseverante, obstinada e confiável uma determinada pessoa é. Apesar de parecer estar mais ligada a julgamentos positivos, a tenacidade pode se referir a características negativas como em (10):

(10) Percebe-se que está **apática** à situação, nada lhe importa.

Finalmente, quando falamos em sanção social, temos a seguinte divisão: a veracidade se refere à honestidade, à confiança e ao quão verdadeira a pessoa é, como no exemplo (11). Já a propriedade, por sua vez, tange à ética, ou seja, ao julgamento do quanto uma determinada atitude humana é condenável (ou não) perante os princípios éticos de uma determinada sociedade, como menciona-se em (12).

(11) O juiz foi **imparcial** no julgamento do caso.

(12) O menino teve um comportamento **corrupto** ao não devolver o troco.

2.2.1.3 Apreciação

A última subárea da forma atitude concerne à apreciação. Nela, as avaliações se referem a coisas, objetos e fenômenos, uma vez que a apreciação engloba as reações do falante e suas relações com a realidade. Assim, em outros termos, “apreciação envolve avaliação de fenômenos naturais e semióticos, de acordo com as formas em que eles são valorizados ou não em um determinado campo”¹³ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 42, tradução nossa).

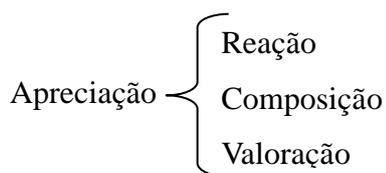
Desta forma, ela diz respeito a avaliações de elementos que nos circundam, que vão desde bens e serviços do dia a dia até fenômenos naturais. É nesse ponto que a apreciação se diferencia da subárea anterior, julgamento, pois à medida que a primeira avalia o valor de objetos/pessoas com base em um parâmetro estético, a segunda avalia o comportamento humano.

Nessa perspectiva, o parâmetro apreciação está mais ligado a coisas, objetos e fenômenos, como mencionado anteriormente, porém isso não significa dizer que não possa estar ligado a pessoas. De acordo com White (2004), pessoas podem ser “apreciadas” ao invés de serem “julgadas”, desde que se estejam levando em consideração aspectos estéticos, como a dicotomia bonito/feio.

Em síntese, “na apreciação os sentimentos avaliativos são relacionados à forma, à aparência, à composição, ao impacto e ao valor de objetos naturais ou abstratos (processos) e performances” (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010, p. 109). Como nas subáreas apresentadas anteriormente, a apreciação também pode ser dividida em algumas partes, como podemos observar na Figura 4.

¹³ No original: “Appreciation involves evaluations of semiotic and natural phenomena, according to the ways in which they are valued or not in a given field”.

Figura 4 – A divisão do subsistema de apreciação



Fonte: a autora com base em Martin e White (2005).

A subárea reação concerne a como as pessoas reagem a determinadas coisas, isto é, quais são suas reações diante de um determinado fato. A reação ramifica-se em outras duas, que ajuda a mapeá-la com mais assertividade: a reação-impacto compreende ao “impacto” que um determinado objeto causa em uma pessoa, já a reação-qualidade diz respeito à “qualidade” dos objetos, como é possível verificar nos seguintes exemplos, respectivamente:

(13) Estou **chocada** com a apresentação teatral que ocorreu ontem.

(14) A notícia **duvidosa** já gerou uma série de problemas.

Já a composição se refere às nossas impressões sobre a proporcionalidade e os detalhes em um determinado objeto/coisa/texto. Como bem expõem Vian Junior, Souza e Almeida (2010, p. 110), “concentram-se os sentimentos que dizem respeito à organização, à elaboração e à forma pela qual as coisas e objetos foram construídos ou elaborados”. Igualmente, possuem uma divisão interna: enquanto a proporção está vinculada ao equilíbrio, como no exemplo (15), no qual a avaliação ocorre através de um *token*. Já a complexidade postula ao quão complexo (ou não) algo é, como no exemplo (16).

(15) “De **médico** e de **louco** todo mundo tem um pouco.”

(16) É incrível a **simetria** que possui o projeto arquitetônico dessa cidade.

Finalmente, temos a valoração, que tem como interesse as avaliações em relação ao valor, isto é, o significado social que algo tem. É preciso ressaltar que, de acordo com Cruz (2012, p. 111), “o que tem valor para uma área pode não ter o mesmo valor para outra”. Por isso, a avaliação, não só dentro da valoração, é algo que expõe a nossa personalidade. Assim, um(a) mesmo(a)

objeto/coisa/texto pode ser valorado de maneiras distintas, como é possível observar nos exemplos (17) e (18), o referente é o mesmo, mas a avaliação não.

(17) O roteiro do filme mostrou ser **inovador** para a época.

(18) O roteiro do filme mostrou ser **insignificante** para a época.

2.2.2 Gradação

Após a discussão sobre a parte do sistema que se refere à atitude, nos atentamos agora à gradação. Basicamente, essa subárea incide sobre as outras duas, atitude, já discutida anteriormente, e engajamento, tema da próxima seção, atenuando ou intensificando as avaliações. Em outros termos, a gradação “é o subsistema de avaliação escalar, de questões de tamanho, força, proximidade, e é expresso em graus de positividade e negatividade” (CRUZ, 2012, p. 54-55).

Assim, com base no que Martin e White (2005) consideram, podemos inferir que exista uma espécie de escala de intensidade na qual existem, de um lado, as avaliações menos intensas e, passando por uma linha contínua, outras avaliações que chegam até um grau mais intenso (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010). A título de exemplificação, pensemos nos seguintes itens lexicais: horrível, feio, bonito, lindo. Os quatro são considerados, morfologicamente, adjetivos e se referem a uma avaliação estética de algo/alguém. Dentro de um padrão semântico, os dois primeiros impõem uma avaliação negativa e os dois últimos uma avaliação positiva. Entretanto, mesmo com essa proximidade semântica, não significa que os dois itens similares tenham a mesma intensidade. As palavras “feio” e “bonito” apresentam uma menor intensidade em relação a “horrível” e “lindo” dentro dos campos negativo e positivo. A Figura 5 ilustra tal escala de intensidade.

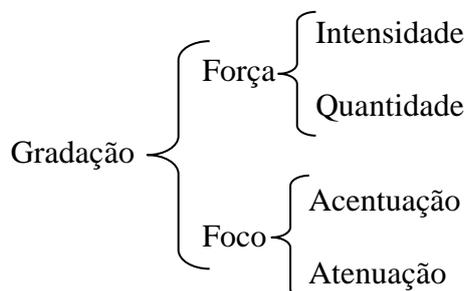
Figura 5 – Exemplo de escala de intensidade



Fonte: a autora com base em Vian Junior, Souza e Almeida (2010).

Nesse sentido, a gradação é expressa de maneira diferente, ou seja, com distintas bases. Assim, sua subdivisão pode ser vista na Figura 6.

Figura 6 – Subdivisão do sistema de gradação



Fonte: a autora com base em Martin e White (2005).

Portanto, de acordo com a figura anterior, a primeira divisão existente é entre dois grandes campos: a força e o foco. Além disso, dentro de cada uma temos, ainda, uma outra divisão. Desse modo, a força divide-se em termos de intensidade e quantidade e o foco em condições de acentuação e atenuação. Vale ressaltar que existem, ademais das mencionadas, outras classificações dentro das subáreas. Entretanto, dentro do nosso objetivo, a classificação presente é suficiente para cumpri-lo. Finalmente, para entendermos um pouco mais a função de cada uma das partes, abordaremos cada uma nas próximas duas subseções.

2.2.2.1 Força

O subsistema força pode ser definido a partir de sua própria divisão, isto é, em termos de intensidade e quantidade. Por isso, a força oferece recursos para graduar qualidades, como bonito, feio, inteligente etc., e processos, como comer, andar, correr etc. Assim, na sua realização linguística, ela pode ser responsável por intensificar qualidades e processos, como em (19) e para quantificar, no qual tal uso se dá em relação a entidades, evidenciando noções ou ideias imprecisas tanto em entidades concretas, como livros, automóveis etc., ou abstratas, como dúvidas, problemas, sentimentos etc., como em (20).

(19) Eu caminhei **muito** para chegar até aqui.

(20) Precisamos resolver alguns **pequenos** problemas antes de sairmos.

2.2.2.2 Foco

Quando falamos de foco nos referimos ao uso de determinadas construções semânticas que, isoladamente, não seriam consideradas avaliativas, ou mais especificamente, gradativas, mas que, dentro de um contexto, exercem tal função. Assim, de acordo com Wilson (2008, p. 104), na gradação por foco “constam construções lexicais que não têm relação aparente com valoração, geralmente com significados experienciais que podem vir a construir uma valoração a partir de dois mecanismos: ‘sharpening’ (reforço) ou ‘softening’ (suavização)”.

Entretanto, é preciso destacar que, de acordo com Martin e White (2005), há categorias que, em princípio, não podem ser graduadas, ou seja, não podem ser acentuadas nem atenuadas. Aqui, nos apropriamos pelo exemplo dado por Vian Junior, Souza e Almeida (2010, p. 200), que consta em (21).

(21) “Este vestido é **de seda**”.

Nesse caso, de acordo com os autores,

o termo *seda* representa uma categoria semântica distinta, que utilizamos para nos referir ao tecido feito a partir do filamento do casulo da larva do bicho-da-seda. Prototípica e experiencialmente falando, portanto, não poderia haver um ‘meio-termo’, um tecido ‘mais ou menos’ de seda. Em outras palavras, em termos absolutos um tecido **é** ou **não é** de seda. (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010, p. 200, destaque dos autores)

Entretanto, o próprio sistema linguístico, que é formado e moldado a partir do uso que as pessoas fazem dele, propicia que, mesmo dentro do exemplo anteriormente mencionado, possam existir formas de utilização dos fatores de foco, isto é, a acentuação e a atenuação, possibilitando a existência de diferentes “graus”.

Dessa maneira, de acordo com os autores supracitados, o uso de algumas locuções, como puro, verdadeiro, legítimo, podem acentuar o grau de seda, como verifica-se no exemplo (22). O exemplo mostra que a partir da caracterização da seda podemos elevá-la a um grau de autenticidade maior, transformando, assim, a seda em uma entidade graduada.

(22) Este vestido é de seda **legítima**.

É possível verificar que, a partir da Atenuação, o contrário também pode acontecer. Isto é, há a possibilidade de um determinado item passar a ser um exemplar pior ou com menor qualidade, dependendo de sua qualidade de concretos ou não. No português-brasileiro há algumas expressões que, geralmente, são atenuantes, como expõem Vian Junior, Souza e Almeida (2010, p. 202, destaques dos autores), “*uma espécie de, um(a) certo(a), tipo assim e suposto*”. Assim, usando o mesmo exemplo da seda, teríamos sua qualidade atenuada utilizando um recurso gradativo de Foco como em (23).

(23) Este vestido é de **uma espécie de** seda.

2.2.3 Engajamento

Finalmente, chegamos a última parte de apresentação do sistema avaliativo: o engajamento. Entretanto, antes de nos atermos a ele, faz-se necessário discutir outro conceito, que está estritamente ligado a essa área: o conceito de dialogismo, aqui representado pelos estudos de Mikhail Bakhtin. O autor, a sua época, ultrapassou os estudos que consideravam o diálogo a partir de uma base estrutural e o considerou como um produto histórico, marcado social e culturalmente. Além disso, pensou o diálogo como um “local” de encontros diversos com oposições, desigualdades, lutas, embates etc., que, de certa forma, refletem a própria dinâmica da interação social. Assim, portanto, de acordo com Bakhtin (2012 [1929], p. 117),

o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Nesse aspecto, quando nos referimos a diálogo, incorporamos um conceito mais amplo do que a simples compreensão e emissão de mensagens. Por isso, pensemos inicialmente no conceito de recepção ativa, que vai além da decodificação da mensagem do outro, uma vez que abrange a incorporação do outro no meu discurso, de modo que o outro passe a constituir o meu sujeito-emissor, mesmo no diálogo interior, de forma consciente ou, até mesmo, inconscientemente, o que acaba por tornar relativo o conceito de autoria individual (SCORSOLINI-COMIN, 2014).

Assim, para Bakhtin (2012 [1929]), a palavra sempre carrega consigo um sentido ideológico e/ou vivencial, já que ela está intrinsecamente relacionada ao seu contexto de uso, isto é, ao contexto

e, por isso, leva consigo os significados que foram atribuídos a ela. Nesse ponto, nos aproximamos da Avaliatividade, ao concluirmos que a palavra e, por conseguinte, o diálogo acarreta a polissemia, de presença histórica e ideológica. Por suposto, pressupomos que tal fenômeno ocorra de maneira diferente em línguas diferentes, como discute-se mais adiante.

Assim, a partir do dialogismo, considera-se que há uma interação frequente entre o autor de um determinado enunciado e outros participantes do discurso, que podem ser desde os interlocutores até mesmo outras pessoas que já falaram sobre o tema. Por isso, como pondera Tezza (1988, p. 55), “nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam”.

A interação, citada anteriormente, pode ter diferentes graus, ou seja, o autor de um enunciado e os outros participantes podem ter um envolvimento de maior ou menor intensidade e, para a teoria avaliativa, isso é nomeado como engajamento. Nesse sentido, dentro do SA, o interesse está voltado a como os emissores, falantes/escritores, demonstram tal envolvimento linguisticamente. Portanto, de acordo com Martin e White (2005, p. 93, tradução nossa),

[...] estamos interessados no grau em que oradores/escritores reconhecem esses oradores anteriores e na maneira como se envolvem com eles. [...] Assim, estamos interessados em saber se o posicionamento de valor é apresentado como algo que pode ser dado como certo para esse público em particular, como algo que de alguma forma é novo, problemático ou contencioso, ou como algo que provavelmente será questionado, resistido ou rejeitado.¹⁴

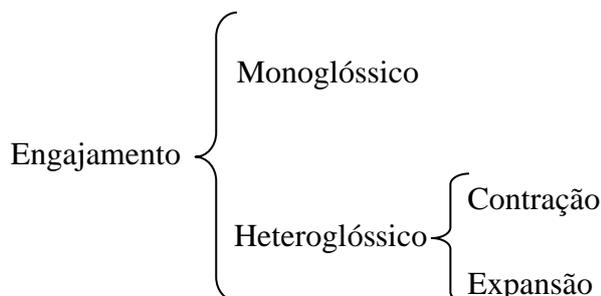
Entendendo o objetivo de análise do sistema engajamento, podemos observar que ele apresenta, assim como os anteriores, uma divisão dicotômica, como percebemos na Figura 7. Quando nos referimos à primeira parte, monoglóssico, o próprio prefixo utilizado, “mono”, já nos dá pistas ao que indica, uma vez que ele se atribui a algo único. Por isso, a proposição monoglóssica se refere à quando não se expõe a outras vozes abertamente ou não se reconhecem posições alternativas (CABRAL, 2007).

O referente heteroglóssico, assim como o anterior, apresenta um prefixo que, nesse caso, remete ao que é diferente, à ideia do outro. Por isso, de acordo com Cabral (2007, p. 76), “o posicionamento heteroglóssico reconhece que toda comunicação é diversificada, e o espaço dialógico é preenchido por outras e variadas vozes”. Ambas partes são, ainda, divididas em

¹⁴ No original: “[...] we are interested in the degree to which speakers/writers acknowledge these prior speakers and in the ways in which they engage with them. [...] Thus we are interested in whether the value position is presented as one which can be taken for granted for this particular audience, as one which is in some way novel, problematic or contentious, or as one which is likely to be questioned, resisted or rejected.”

subsistemas, como veremos adiante. Finalmente, de acordo com a pesquisadora supracitada, o “exame das ocorrências de Engajamento oferece condições para se verificar se falantes/escritores apresentam-se como simpatizantes, contrários, indecisos ou neutros com respeito aos outros falantes e suas posições de valor” (CABRAL, 2007, p. 76-77).

Figura 7 – Subdivisão do sistema de Engajamento



Fonte: a autora com base em Martin e White (2005).

2.2.3.1 Monoglóssico

Quando pensamos no conceito de dialogismo, que é essencial para o sistema de engajamento, pode soar contraditório falar em monoglossia, já que a relação dialógica exige a presença do outro. Nesse sentido, aqui, há duas perspectivas possíveis, de acordo com Vian Junior, Souza e Almeida (2010): na primeira, considera-se a perspectiva da oração, na qual é possível realizar uma asserção categórica sem abrir margem para dialogia ou para o próprio questionamento. Já na segunda, ao considerarmos o estrato semântico-discursivo, tal possibilidade não poderia ser verdadeira, partindo do princípio que os significados são construídos histórica e socialmente. Nesse caso, todo o tecido de asserções seria considerado heteroglóssico e não haveria uma monoglossia real.

Pensando na diferença mencionada anteriormente, poderíamos ter um exemplo como (24) pensando na monoglossia e um como (25) na heteroglossia, que é discutida mais afundo na próxima seção. Em relação aos exemplos, apropriamo-nos dos que foram mencionados por Cruz (2012, p. 49). Neles, é nítido quando não há uma abertura dialógica, pelo menos explícita, e quando se reconhece a dialogia.

(24) “Os bancos são gananciosos.”

(25) “**Todos sabem** que os bancos são gananciosos.”

2.2.3.2 Heteroglóssico

Como já mencionado anteriormente, a heteroglossia, dentro do SA, é o caminho em que, através de recursos linguísticos, o falante/escritor admite ou, até mesmo, indica a presença de outras vozes e pontos de vista. A partir da Figura 7, já podemos observar que há uma divisão dentro da heteroglossia, leia-se aqui: a contração e a expansão dialógica (MARTIN; WHITE, 2005). Tal fato já nos leva a perceber que, enquanto a monoglossia se fecha em si mesma, a heteroglossia se abre a diversas possibilidades, movimentos que são entendidos em razão de seus próprios conceitos.

Na sequência, veremos com mais detalhes essas duas acepções que estão presentes na heteroglossia. Vale mencionar que dentro dela, mais especificamente da subdivisão entre contração e expansão, há ainda outras divisões dentro dessas que não serão abordadas em nosso trabalho por compreendermos que os conceitos gerais já dão conta de nosso objetivo.

Quando falamos em contração, o próprio conceito nos ajuda a entendê-lo: “Ação ou efeito de contrair (encolher); em que há diminuição do comprimento e/ou do volume de alguma coisa; encolhimento ou estreitamento.”¹⁵ Em outras palavras, quando falamos de contração, dentro do engajamento, nos referimos a um fechamento, “uma posição em desacordo ou em rejeição a uma posição contrária. Isso equivale a dizer que tais formulações desafiam, evitam ou até mesmo restringem o escopo das posições e de vozes alternativas” (VIAN JUNIOR; SOUZA; ALMEIDA, 2010). Como podemos perceber no exemplo (26).

(26) **Na verdade, não é bem assim** que se faz um bolo de milho.

Utilizando-nos novamente da definição, torna-se fácil entender ao que compete a expansão dentro do engajamento: “Ação de expandir, de aumentar, de alargar, de ampliar algo; aumento, alargamento [...]”¹⁶. Isto é, quando falamos da expansão, nos referimos ao fato de que o autor/falante dá abertura e voz a outras posições, fazendo com que a sua voz seja uma dentre as várias possibilidades que possam ser assumidas, tanto de aceitação quanto de negação. O exemplo (27), em analogia com o (26), demonstra uma das formas de heteroglossia por expansão.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/contracao/>>. Acesso em 13 jan. 2020.

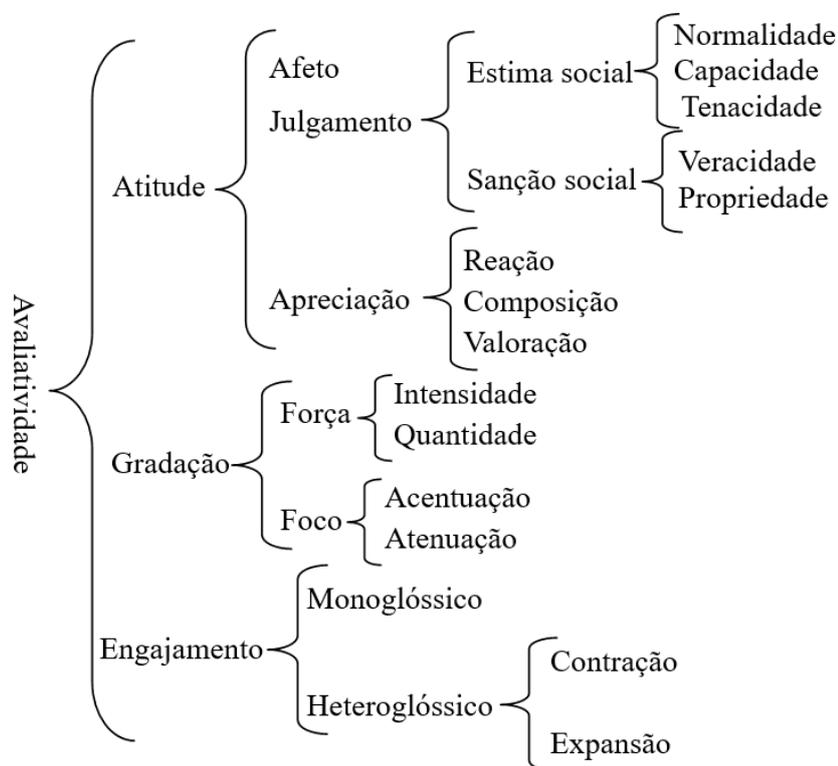
¹⁶ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/expansao/>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

(27) Minha mãe **disse** que não é assim que se faz um bolo de milho.

2.3 À GUISA DE CONCLUSÃO: UMA SÍNTESE

Depois de passarmos por todo o SA, parece-nos interessante apresentar, juntas, as partes que o compõem. Assim, abaixo expomos a organização com todas as ramificações apresentadas em nosso trabalho. Tal figura permite-nos concluir esse capítulo, ao passo que demonstra a complexa malha que entrelaça a emissão valorativa dentro da linguagem. Retomamos esses conceitos ao final do capítulo 3 e nas análises, no capítulo 4.

Figura 8 – O sistema avaliativo: visão global



Fonte: a autora com base em Martin e White (2005).

Os pressupostos teóricos apresentados ao longo do capítulo 2 nos serviram de base para identificação e classificação dos aspectos valorativos presentes nos quadros de *Mujeres Alteradas 1* ([2003] 2005) selecionados para compor o *corpus* de análise. Nesse cenário, a partir do que discutimos, tornou-se possível perceber, primeiro, a própria presença do aspecto valorativo, que, por vezes, construiu-se através do uso de *tokens*. Além disso, o próprio SA ofereceu-nos subsídios para

que saíssemos da simples identificação da presença de elementos valorativos, já que permitiu a especificação do próprio tipo de valoração. Portanto, conceitos apresentados anteriormente foram retomados para a localização dos aspectos valorativos dentro do sistema. Nesse ponto, reside a necessidade de percebê-lo por inteiro, já que as partes estão interligadas e, por isso, dialogam entre si.

Assim, diante do que apresentamos, encerramos o capítulo 2. No próximo capítulo, debruçamo-nos sobre a tradução. Nele, apresentamos aspectos gerais introdutórios do campo de estudo. Além disso, discutimos a teoria funcionalista de tradução, trazendo ao texto os princípios e preceitos dessa vertente. Ao final, correlacionamos a tradução com a avaliatividade.

3 ESTUDOS DA TRADUÇÃO: DOS PRINCÍPIOS À TEORIA FUNCIONALISTA

A interação faz parte da natureza humana. Dentro dela, pressupomos a existência de, pelo menos, alguns agentes, sendo estes: o emissor, que emite a mensagem, e o destinatário e o receptor, a quem a mensagem se dirige. Nord (2009, p. 212, tradução nossa) explica que há uma diferença entre destinatário e receptor: o primeiro “é a pessoa (ou o grupo de pessoas) ao qual o emissor dirige sua mensagem. Converte-se em receptor no momento no qual recebe (escuta, lê) a mensagem, e é possível que uma mensagem seja recebida por indivíduos não pertencentes ao grupo destinatário”¹⁷.

Essas interações ocorrem dentro de uma determinação temporal e espacial, por isso é possível afirmar que, em cada interação, há dimensões históricas e culturais que a caracterizam. Quando emissor e receptor estão dentro de uma mesma comunidade cultural, há mais chances de que essa comunicação funcione. Entretanto, há situações em que isso não ocorre, isto é, quando emissor e receptor não compartilham as mesmas características linguísticas e culturais, tornando mais difícil um contato direto.

Nesses casos, como define Nord (2009), eles precisam de um intermediário, que terá o objetivo de romper a barreira que os separa. Esse intermediário é chamado de tradutor e, de forma análoga, atribui-se também à tradução essa função de intermédio. Assim, a tradução pode ser vista como uma ponte, que interliga comunidades culturais e linguísticas diferentes, promovendo que emissor e receptor se comuniquem facilmente sem precisar de ajuda adicional, ademais do próprio auxílio do tradutor. Por isso, conforme Nord (2009, p. 214, tradução nossa), o fator mais importante relacionado à tradução “é que esteja pensada para mudar um estado de coisas existentes (como mínimo, a incapacidade de certas pessoas para comunicarem-se entre si)”¹⁸.

Sabendo da importância da tradução, ainda mais para nossa pesquisa, apresentamos na próxima seção alguns aspectos importantes para a compreensão desse amplo campo de pesquisa e atuação. Para isso, na primeira seção, discutimos alguns aspectos básicos relacionados ao seu surgimento, teorias, técnicas e alguns paradigmas pertinentes. Na sequência, refletimos sobre a vertente funcionalista da tradução, teoria que defendemos e utilizamos em nosso trabalho. Finalmente, relacionamos essa teoria ao SA, debatido no capítulo anterior.

¹⁷ No original: es la persona (o el grupo de personas) a la que el emisor dirige su mensaje. Se convierte en receptor en el momento en que recibe (escucha, lee) el mensaje, y es posible que un mensaje sea recibido por individuos no pertenecientes al grupo destinatario.

¹⁸ No original: queremos decir que lo más importante es que esté pensada para cambiar un estado de cosas existente (como mínimo, la incapacidad de ciertas personas para comunicarse entre sí).

3.1 PRECEITOS BÁSICOS: ENTENDENDO O QUE É TRADUÇÃO

“O que quer dizer traduzir?” pergunta-nos Umberto Eco (2007, p. 9). Para responder, a primeira concepção que vem à tona é a que traduzir é “dizer a mesma coisa em outra língua”. Só que até mesmo essa aceção apresenta problemas, pois o que significa a *coisa* e como dizê-la em outra língua, sendo que, muitas vezes, o tradutor pode nem sequer saber o que significa *dizer*. Eco (2007, p. 10, destaque do autor) pondera que “mesmo sabendo que nunca se diz a mesma coisa, se pode dizer *quase* a mesma coisa”. Tentando responder a essa pergunta inicial é que construímos essa seção.

Inicialmente, é válido destacar que para Hurtado Albir (2001), ao caracterizar a tradução, entende que é preciso pensar em três pontos, quais sejam: a tradução é um ato comunicativo que está direcionado a um determinado fim, o qual perpassa a mera estrutura linguística, como veremos adiante; é um processo que ocorre entre textos, isto é, o foco não deve estar na palavra descontextualizada, mas no texto; e é um processo mental complexo, uma vez que requer compreensão de sentido e sua reformulação em outro idioma, visando atender as suas finalidades (HURTADO ALBIR, 2001).

Assim, há de se examinar que, quando falamos em tradução, estamos, ao mesmo tempo nos referindo a traduções, no plural, pois é fácil perceber que não se pode definir esse campo de estudos por apenas uma teoria. O ideal é referir-se a teorias da tradução, como autores como Souza (1998) propõem. Há de se falar em teorias, haja vista que até mesmo o significado de tradução é polissêmico, representando, ao mesmo tempo, de acordo com Souza (1998, p. 51), “(a) o produto, ou seja, o texto traduzido; (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo)”.

Nesse cenário, destacamos que, apesar da polissemia, em nosso trabalho vislumbramos a tradução a partir do conceito dado por Hurtado Albir (2001)¹⁹. Assim, convergimos com Hurtado Albir (2001) quando esta defende que a tradução pode ser definida como “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”²⁰ (HURTADO ALBIR, 2001, p. 41, tradução nossa).

¹⁹ Hurtado Albir e Christiane Nord convergem em diversos pontos da teoria, entretanto divergem em outros. Por exemplo, esta pensa em um modelo quadrifuncional de tradução, enquanto aquela em um modelo trifásico. Mesmo assim, julgamos que o conceito de tradução dado por Hurtado Albir (2001) seja conveniente a nosso trabalho.

²⁰ No original: un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada.

Ao falar de teorias, pensemos em algo mais amplo do que um conjunto sistematizado de preceitos e postulados, pois para Anthony Pym (2017), o tradutor está teorizando o tempo inteiro. Teorizam quando encontram um problema de tradução, no texto-base (doravante TB), e precisam solucioná-lo, no texto-meta (doravante TM)²¹, optando por uma das possibilidades existentes. Esse processo perpassa a formulação, isto é, o campo das possibilidades, das traduções possíveis, e chega ao ponto da decisão, ou seja, da escolha por uma delas. Ainda que pareça difícil, os tradutores tomam essas decisões o tempo todo, quase que de forma imediata. Segundo Pym (2017, p. 18), “sempre que realizam tal operação, sempre que escolhem uma possibilidade e não outra, eles colocam em jogo uma série de ideias a respeito do que é a tradução e de como deve ser realizada. Eles estão teorizando.”

Já pensando a tradução como campo de investigação, existem distintos caminhos a que se podem recorrer. Entretanto, é curioso perceber que a teoria da tradução é, ao mesmo tempo, um campo novo e antigo, a depender do ponto de vista de observação. É novo quando pensamos em sua existência como ciência, mas é antigo em virtude do processo, que remonta, inclusive a tempos bíblicos, como na Torre de Babel²², conforme apresenta Gentzler (2009).

Não nos cabe apresentar as teorias de tradução em seus aspectos mais específicos, mas, sem grandes pormenores, há, de acordo com Furlan (1998, p. 91), três grandes posições que parecem despontar dentro das teorias de tradução, de maior ou menor modo:

(I) a da intraduzibilidade absoluta, que professa a unicidade e singularidade absolutas de cada indivíduo ler, compreender, interpretar o mundo a partir de si e para si, chegando-se em última instância à total incomunicabilidade humana; (II) a da traduzibilidade relativa, isto é, da possibilidade da tradução, mas com alguns casos pontuais de exceção; e (III) a da traduzibilidade absoluta, onde na prática tudo pode ser traduzido e os problemas da tradução existem apenas em nível teórico.

É certo que determinados campos de investigação têm a tendência de aproximar-se mais ou menos de acordo com seus preceitos. À título de exemplificação, podemos pensar em como teorias baseadas em equivalência evidenciam essas posições. Quando falamos em equivalência natural, propõe-se que “tudo aquilo que podemos dizer em uma determinada língua *pode* ter o mesmo valor [...] quando for traduzido para outra língua” (PYM, 2017, p. 25, destaque do autor). Nessa

²¹ Para nos referirmos ao texto original e ao traduzido, optamos por utilizar a mesma nomenclatura de Nord (2012), texto-base e texto-meta, respectivamente, exceto nas citações diretas, nas quais, preferimos manter o proposto pelo autor mencionado. Isso também vale para quando mencionamos os aspectos culturais relacionados aos dois textos, trataremos como cultura-base e cultura-meta.

²² História bíblica, do Antigo Testamento, que busca explicar o surgimento das línguas. A história conta que um povo tinha a intenção de construir uma torre que fosse capaz de alcançar o cume do céu. A soberba de tais homens acabou por despertar a ira de Deus, que, como forma de castigo, confundiu-lhes a língua e os espalhou por toda a Terra.

perspectiva, nos aproximamos da terceira posição, isto é, de uma possibilidade de traduzibilidade absoluta.

Contudo, ao verificarmos teorias com base em equivalência direcional, tal premissa não é verdadeira, já que, nessa posição, se compreende que a equivalência não é algo sempre natural e recíproco. Assim, Pym (2017) pondera que a direção é um quesito importante, por isso não é simplesmente igual traduzir de A para B e de B para A. Essa aceção percebe o processo como uma traduzibilidade relativa, diante dos critérios estabelecidos por Furlan (1998). Entretanto, dificilmente, alguma teoria, até mesmo algum tradutor, encerra-se dentro de um dos critérios, pois conceitos como intraduzibilidade e traduzibilidade dependem também, em grande via, do texto que se está traduzindo.

Em relação às teorias de tradução, Pym (2017) explora as vertentes que vão desde os preceitos de equivalência até os teóricos atuais que já pensam em uma tradução cultural. Historicamente, para nosso trabalho, bastará abordar, na próxima seção, as vertentes que deram origem à teoria funcionalista. Em síntese, consideramos que, de acordo com Souza (1998, p. 53), “é bem verdade que não existe tradução perfeita, do mesmo modo que não existe comunicação perfeita”. Ousamos estender que tampouco há teoria da tradução perfeita e que abranja tudo o que o processo pode ensejar.

Sem dúvidas, o personagem mais importante do processo tradutório é o próprio tradutor, já que sua própria percepção do que é a tradução produz a possibilidade e os parâmetros do processo. Assim, de acordo com Furlan (1998), por detrás de cada obra produzida através da atividade tradutória há, mesmo que de forma inconsciente, concepções, teorias, métodos de tradução que se evidenciam através de sua própria figura.

Em relação às concepções de tradução, percebemos que, por muito tempo, considerou-se que a tradução seria uma mera transposição entre línguas. Em analogia, a tradução seria o transporte entre línguas e o tradutor seria um simples transportador. Percebe-se, dentro de tal aceção, os sentidos de um texto como sendo estáveis, fixos. Essa ainda é uma visão bastante perceptível dentro do senso comum, de leigos, em relação à tradução. Nessa perspectiva, como apresenta Ruth Bohunovsky (2001), uma boa tradução deveria reproduzir identicamente o original, manter estilo e ter a mesma fluência e naturalidade do texto original. O tradutor, sendo visto como mero transportador, deveria manter-se fiel ao texto original e estar invisível²³.

²³ Dentro do campo dos Estudos da tradução, por muito tempo concebeu-se que o tradutor não poderia “aparecer” em sua tradução, isto é, sua presença não deveria ser notada. Nessa perspectiva, o tradutor deveria ser invisível. Entretanto, tal invisibilidade precisa ser questionada, uma vez que, incide em dois pontos do cerne da tradução: pressupor a invisibilidade do tradutor atribui à tradução um caráter mecânico, como se os sentidos de um texto estivessem todos aparentes na superfície textual. Além disso, a invisibilidade do tradutor acaba, de certa forma, apagando seu próprio

Surgem, mais recentemente, teorias que já se afastam dessa perspectiva limitadora. A tradução, e até mesmo o tradutor, passam a ser vistos como integrantes de um processo que envolve muito mais do que a transposição de uma língua a outra. Assim, atualmente, a percepção de fidelidade, ao texto e ao autor, também foi alterada. Segundo Bohunovsky (2001, p. 54), esse conceito está sendo “relacionado à inevitável interferência por parte do tradutor, à sua interpretação e manipulação do texto. O tradutor é entendido como um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico - que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução”.

E, complementar a essa figura do tradutor, também existe a impossibilidade de fidelidade ao autor, pois, mesmo que fosse um objetivo a alcançar, parece-nos inconcebível, como bem pontua Arrojo (2003, p. 40), pois “é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido”. Em síntese, compreendemos que seja improvável, para não dizer impossível, que em uma tradução não apareçam marcas do tradutor, fato não concebido, em nossa investigação, como algo negativo, bem como é ilusório idealizar que se possam apreender plenamente o que um autor *quis dizer*.

Já mencionamos que existem diversas teorias de tradução. Entretanto, é interessante retomar esse aspecto, pois essa diversidade serve para que falemos da variedade de métodos de tradução. Certamente, não devemos confundir os dois termos, teoria e método, pois, apesar de parecer que possuem um limite um tanto difuso, ambos se afastam na prática. Para entendermos melhor essa diferença, utilizamos o trabalho de Barros (2013, p. 274). Por teoria remetemo-nos a “uma maneira de ver o mundo ou de compreender o campo de fenômenos que está sendo examinado”, já a metodologia, “refere-se mais particularmente a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eger ou constituir materiais, de extrair algo destes materiais, [...] vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete à ação”.

É certo que, dentro de um campo de estudo, qualquer teoria abre um leque para diferentes métodos, mas cabe esclarecer, ainda, que, quando nos referimos a método de tradução, não estamos pensando somente em metodologias de pesquisa dentro da área, mas, principalmente, a estratégias

trabalho. Opõe-se a isso a visibilidade do tradutor, perspectiva que considera o tradutor como sujeito ativo do processo tradutório. Nessa perspectiva, Venuti (1995) pondera que esse apagamento é causado pela exigência, por parte de críticos, autores e editores, de que o TM seja/tenha fluência. Assim, quanto mais fluente, mais invisível o tradutor se torna. O autor critica veemente essa posição e propõe, inclusive, que os tradutores devem se opor a ela, visto que ela é resultado de um baixo status atribuído a sua própria função. Para isso, ele propõe que os tradutores deixem de utilizar uma linguagem de assimilação e passem a operar a partir de uma linguagem de resistência.

de tradução, isto é, a qual(is) é(são) o(s) método(s) usado(s) pelos tradutores, na prática, para solucionar algum problema dentro do ofício.

Essa percepção é importante em nossa pesquisa, pois, como veremos nas análises, no próximo capítulo, entender o método utilizado pelo tradutor nos possibilita perceber características de seu produto tradutório e, até mesmo, de suas percepções sobre a tradução. É possível perceber que quando assumimos uma determinada teoria, como em nosso caso a funcionalista, alguns métodos parecem fazer mais sentido em razão a ela. Entretanto, uma teoria não engendra a utilização de um método específico, pois, como veremos, até métodos mais tradicionais podem ser utilizados, dependendo do tipo de texto a se traduzir, desde que possibilitem cumprir o objetivo da tradução.

Dessa forma, apresentamos, nos próximos parágrafos, algumas das técnicas de tradução mais utilizadas. Barbosa (2004) e Hurtado Albir (2001) apresentam procedimentos para responder à pergunta “como traduzir?”²⁴. Entretanto, no âmbito desta pesquisa, basta-nos que discutamos dois: a tradução literal e a equivalência. Essa eleição justifica-se pelo próprio *corpus* de análise, uma vez que são estas as técnicas que foram utilizadas pela tradutora, como percebe-se no próximo capítulo. Assim, faz-se suficiente entender como as duas funcionam. Para uma compreensão mais clara, apresentamos o uso do método a partir de um exemplo utilizando o par linguístico espanhol<>português. Os exemplos apresentados são simples e conseguem contemplar as técnicas.

Em relação à primeira, Barbosa (2004, p. 65) pondera que a técnica de *tradução literal* “corresponde a ideia mais difundida a respeito da tradução”. Assim, de acordo com Aubert (1987), a tradução literal pode ser explicada de diferentes formas: (i) pode ser aquela que ocorre “ao pé da letra”, isto é, na qual mantém-se uma mesma ordem sintática e uma proximidade semântica idêntica ao excerto original; (ii) pode ser representada pela busca de uma fidelidade semântica estrita, mas com adequações a normas morfossintáticas, vide exemplo (28); (iii) de acordo com o autor, “aquela em que se observa uma fidelidade semântico-contextual estrita, adequando a morfossintaxe e o estilo às normas e usos da LC [leia-se língua de chegada]” (AUBERT, 1987, p. 188, comentário nosso).

(28) La mujer se quedó en casa **un día más**.

A mulher ficou em casa **mais um dia**.

²⁴ À título de conhecimento, Barbosa (2004) considera treze procedimentos que recobrem o tradutor no momento da realização de uma tradução, são estes: palavra-por-palavra, literal, transposição, modulação, equivalência, omissão vs. explicitação, compensação, reconstrução de períodos, melhorias, a transferência, a explicação, o decalque e adaptação.

Outra técnica bastante recorrente foi a *equivalência*, técnica relacionada à adaptação. Ela é utilizada quando não é possível traduzir um segmento de forma literal, da cultura-base (doravante CB), pois não faria sentido na língua-meta. Assim, substitui-se esse por outro que é funcionalmente equivalente, em relação ao sentido principalmente, na cultura-meta (doravante CM). Essa é uma técnica muito utilizada quando nos referimentos a ditados populares, provérbios, expressões idiomáticas etc. e seus exemplos são os mais diversos possíveis como em (29). Nessa perspectiva, Pym (2017, p. 27) propõe que a equivalência não significa que as línguas são iguais, mas “apenas que os valores podem ser os mesmos”, isto é, que é possível alcançar uma mesma relação de valor em outro idioma. Como exemplo, o autor pondera que no inglês e em outras línguas ocidentais o azar do dia 13 é associado à sexta-feira, enquanto, no espanhol, refere-se à terça-feira (PYM, 2017).

(29) Tu reacción es igual a de tu padre: **de tal palo, tal astilla.**

Tua reação é igual a de teu pai: **filho de peixe, peixinho é.**

É interessante perceber que, em vários casos, dentro do par português<>espanhol, mesmo com uma expressão idiomática, é possível aplicar a tradução literal, pois há expressões que funcionam e são utilizadas de modo semelhante nos dois idiomas, como em (30). Julgamos que esse fato se explique pela proximidade dos dois idiomas.

(30) En internet, parecía ser un hotel cinco estrellas, pero nos dieron **gato por liebre.**

Na internet, parecia ser um hotel cinco estrelas, mas nos venderam **gato por lebre.**

Apesar da apresentação de duas técnicas, é sabido que o tradutor dispõe de uma gama de possibilidades e que, na maioria das vezes, é o texto, isto é, o segmento a ser traduzido, que definirá qual, ou quais, das opções é mais viável, juntamente com o objetivo da tradução, como veremos na próxima seção. Temos ciência que não esgotamos o tema, pois a prática tradutória é uma atividade ampla e que, dependendo da perspectiva adotada, do gênero textual, do destinatário, do objetivo da tradução etc., uma estratégia pode ser mais viável que a outra²⁵. Entretanto, a fim de cumprir os objetivos apresentados, as que foram discutidas são suficientemente elucidativas.

²⁵ Aubert (1987, p. 187) elucida bem essa situação ao mencionar que “uma certidão de nascimento ou uma listagem de componentes de uma furadeira elétrica impõem ao tradutor (salvo no caso de lacuna terminológica) um cerceamento máximo de sua criatividade, enquanto que um texto publicitário, pelo contrário, usualmente exige que o tradutor ultrapasse os limites da tradução *strictu sensu*, para elaborar uma verdadeira recriação”.

Assim, ao encerrarmos esta seção, compreendemos que a tradução é uma atividade que acompanha a humanidade há bastante tempo e, mesmo assim, ainda é difícil defini-la. Percebemos que há teorias totalmente opostas sobre o que ela é e como se deve fazê-la. Assim, há teorias de tradução e há, igualmente, métodos, como vimos. Inclusive, a depender da teoria adotada, alguns métodos acabam sendo mais propícios que outros. Por fim, concebemos que a figura do tradutor é crucial nesse processo. No *corpus* notamos a presença de duas técnicas de tradução, a saber: tradução literal e a equivalência, ligada a uma perspectiva adaptativa. Assim, os dois conceitos nos serviram a fim de compreender como deu-se a tradução. Além disso, a verificação da técnica empregada propiciou a nossa percepção sobre como um determinado elemento foi analisado, uma vez que a tradução literal pressupõe um modo de expressividade igual nas duas línguas, enquanto na adaptação admite-se que há uma forma para dar o mesmo sentido, mas que esta não se dá de forma igual nos dois idiomas. A continuidade, na próxima seção, nos detemos sobre a teoria funcionalista de tradução, apresentando conceitos importantes para sua compreensão.

3.2 A TRADUÇÃO SOBRE A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Como vimos, a tradução é uma atividade que remonta desde os tempos mais antigos, mas, apesar disso, como campo de estudos é uma ciência bastante recente. Gentzler (2009) pondera que, nas últimas décadas, houve duas grandes mudanças ao que se refere à tradução: (i) uma mudança de perspectiva com foco voltado ao TM e não apenas ao TB; (ii) a inclusão mais expressiva dos fatores culturais, inclusive os presentes na linguagem, dentro da prática tradutória. A tradução funcionalista foi pioneira em ambas, de acordo com o autor.

Ao falarmos da teoria funcionalista de tradução, aqui representada pelos estudos de Christiane Nord, precisamos refletir sobre os estudos que a procederam. Um dos pontos mais importantes para o seu surgimento, foi a criação da teoria do escopo (*skopos*) idealizada por Katharina Reiss e Hans Vermeer, dentro do contexto do funcionalismo alemão. A palavra escopo provém do grego, *skopos*, e se refere ao que pode ser chamado de propósito/objetivo. De acordo com os autores,

Toda ação se dirige [...] a um objetivo determinado, e se realiza de modo que tal objetivo possa ser alcançado da melhor forma possível na situação correspondente [...] a produção de um texto é uma ação que se dirige a seu objetivo: que o texto “funcione” o melhor possível na situação e condições previstas. Quando alguém traduz ou interpreta, produz um texto. Também a tradução/interpretação deve

funcionar de forma excelente para a finalidade prevista (REISS; VERMEER, 1996, p. 5).²⁶

Assim, para essa vertente, o que importa dentro do processo tradutório é que o texto traduzido cumpra o seu escopo, isto é, seu propósito comunicativo, ao invés de, simplesmente, refletir o TB. Em outros termos, para Reiss e Vermeer (1996), a finalidade do texto é o princípio predominante para a realização da tradução.

Nord (2009) salienta que parece haver certa discrepância na obra supramencionada, já que Reiss buscou ajustar seu enfoque ao texto, ao passo que Vermeer à ação. De toda forma, de acordo com Pym (2017), Reiss e Vermeer estabeleceram um novo paradigma ao campo da tradução com a teoria do escopo, pois confrontaram a ideia comum que se tinha sobre equivalência. Em outros termos, até aquele momento, buscava-se o sentido de equivalência no texto de partida e, a partir dela, a noção de equivalência passa a depender, substancialmente, do propósito que o texto traduzido terá. Por isso, “essa abordagem aceita que um determinado texto de partida possa ser traduzido de diferentes maneiras a fim de realizar diferentes funções” (PYM, 2017, p. 95). Em síntese, conforme Vermeer (1989, p. 20 apud NORD, 1997, p. 29),

todo texto é produzido com um certo propósito e ele deve refletir esse propósito. A regra do escopo é formulada da seguinte maneira: traduza/interprete/fale/escreva de tal maneira que torne seu texto/tradução capaz de funcionar na situação em que ele é utilizado e com as pessoas que o utilizem do modo que eles desejarem que ele funcione.²⁷

Um aspecto importante destacado por Pym (2017, p. 99, destaque do autor) acerca dessa abordagem é o fato “de que ela *não* afirma”. Isto é, a teoria do escopo e, de forma análoga, a teoria funcionalista não se preocupa em determinar como o tradutor deve realizar a tradução, mas orientá-lo sobre o que se deve levar em consideração ao traduzir: os propósitos de tradução. Por isso, independe se o texto é traduzido literalmente ou sofre adaptações, o que importa é que cumpra os objetivos de tradução, que, inclusive, podem ser diferentes dos objetivos do texto de partida. Por isso, Nord (2012, p. 8) afirma que “os textos podem ser exportados de sua situação original a outra nova, na qual, às vezes, se utilizam para funções diferentes. A situação translativa é uma situação

²⁶ No original: Toda acción se dirige [...] a un objetivo determinado, y se realiza de modo que dicho objetivo pueda alcanzarse lo mejor posible en la situación correspondiente [...] la producción de un texto es una acción que también se dirige a su objetivo: que el texto «funcione» lo mejor posible en la situación y en las condiciones previstas. Cuando alguien traduce o interpreta, produce un texto. También la traducción/interpretación ha de funcionar de forma óptima para la finalidad prevista.

²⁷ No original: Each text is produced for a given purpose and should serve this purpose. The Skopos rule thus reads as follows: translate/interpret/speak/ write in a way that enables your text/translation to function in the situation in which it is used and with the people who want to use it and precisely in the way they want it to function.

‘nova’ neste sentido.”²⁸ Em resumo, “o fim justifica os meios”²⁹ é como Nord (1997, p. 29) sintetiza a teoria do escopo.

Nessa perspectiva, Gentzler (2009, p. 101) percebe o funcionalismo na tradução como uma evolução teórica, pois seu surgimento repercutiu na quebra do arquétipo fiel *versus* livre, justamente porque o texto “pode ser uma coisa ou outra, e ainda assim permanecer verdadeiras à teoria, desde que a abordagem escolhida seja suficiente para o objetivo da comunicação”. Por isso, como citado anteriormente, tudo depende do propósito: em um texto instrucional a tradução palavra a palavra, mais fiel à letra e à estrutura, pode ser o mais indicado, já em uma peça publicitária talvez seja mais adequado uma tradução livre.

Outro aspecto interessante é o da figura do tradutor dentro da teoria funcionalista. Ele é visto como um personagem ativo dentro do processo tradutório, um profissional intercultural, afastando-se da ideia de ter uma função mecânica. Isso nos permite afirmar que o tradutor passa a ter, dentro do funcionalismo, um “*status* igual aos dos autores, editores e clientes” e que possui a capacidade de “tomar decisões apropriadas, racionais, que levem à realização da comunicação entre as culturas” (GENTZLER, 2009, p. 101).

Pensando nas características da tradução funcionalista, Nord (2010a) propôs que o modelo funcional pode ser definido através de sete características básicas, apresentadas a seguir, incluído algumas que já foram mencionadas. A primeira se refere justamente ao objetivo de tradução, pois é ele quem define o processo tradutório. Por isso, quando se traduz, é preciso ter em mente que aquela tradução tem um determinado objetivo e é a partir dele que se define como o conteúdo será “transferido”, já que, antes de tudo, temos um “para que” e depois temos um “como”.

A segunda relaciona-se à importância do tradutor, pois ele tem uma grande responsabilidade ao traduzir um texto, uma vez que somente ele conhece tanto a cultura do TB quanto do TM, devendo, assim, ser “bicultural” (REISS; VERMEER, 1996). Nesse sentido, é ele quem pode “jogar” com os sentidos do texto sem perder o TB e nem enganar quem lerá o TM. Ainda nesse viés, Nord (2010a) pondera que, apesar de ser o objetivo que define o modo como será realizada a tradução, ele dispõe de uma gama limitada para ser definido, isto é, não se pode estabelecer qualquer coisa como o escopo de tradução.

A essa virtude dá-se o nome responsabilidade, também chamada de lealdade, que o tradutor tem com os demais participantes da tradução, visto que ele “deve lealdade ao autor do texto-base,

²⁸ No original: Los textos escritos pueden "exportarse" de su situación original a otra nueva, en la que a veces se utilizan para funciones distintas. La situación traslativa es una situación "nueva" en este sentido.

²⁹ No original: The end justifies the means.

aos destinatários do texto-meta, ao cliente que encomenda a tradução, e a si mesmo”³⁰ (NORD, 2010a, p. 240, tradução nossa). Assim, enquanto a lealdade ocorre entre as pessoas envolvidas no processo de tradução, a fidelidade se refere a uma similaridade entre os textos (NORD, 2012).

Ligado ao objetivo e ao tradutor está a “encomenda” da tradução. De acordo com Nord (2010a, p. 241, tradução nossa), “o objetivo da tradução se define mediante a encomenda da tradução, que especifica – explícita ou implicitamente – a situação comunicativa para a qual se precisa do texto-meta”³¹. Em outras palavras, a tradução, ou melhor, o TM sempre vai estar vinculado (mesmo que implicitamente) a determinados padrões, como o público, o tempo, o lugar, o meio de circulação e transmissão, os objetivos pelos quais ele é utilizado etc. Assim, na sequência, a autora ressalta que o fator mais importante é a função ou a hierarquia de funções que deve cumprir o TM.

Além disso, é preciso levar em consideração que os receptores do TM não vão recebê-lo todos da mesma maneira, ou seja, pode ser que uma tradução não cumpra a sua função pré-estabelecida. Isso porque Nord (2010a, p. 241, tradução nossa) afirma que “a função ou funcionalidade não é uma qualidade do texto ‘em si’, mas algo que se atribui no ato da recepção”³², ou seja, a função não é algo intrínseco ao texto, até mesmo porque um mesmo TB pode ter diferentes traduções de acordo com o que se espera alcançar com o TM. Nessa perspectiva, é preciso perceber a diferença que existe entre o destinatário de um texto (público para o qual o texto deverá funcionar de uma determinada forma) e o receptor (qualquer pessoa que tenha acesso a ele e que não faz parte, necessariamente, do público destinatário)³³.

A nível textual, Nord (2010a) considera que, ao definir-se como um funcionalista, o tradutor precisa levar essa consideração ao campo da tradução. Explicamo-nos melhor: quando o tradutor está produzindo a tradução, ele deverá produzi-la de modo que os receptores reconheçam os “sinais” funcionais e para que a recebam mediante a função definida. Isso implica que ele, o tradutor, tenha um domínio excelente de produção escrita.

Finalmente, como última característica, Nord (2010a) apresenta um aspecto já mencionado em nosso trabalho e de extrema importância para a teoria funcionalista, por diferenciá-la das demais teorias de tradução. A autora dispõe que a função ou a hierarquia de funções do TM podem ser

³⁰ No original: el traductor les debe lealtad al autor del texto base, a los destinatarios del texto meta, al cliente que le encarga la traducción, y a sí mismo.

³¹ No original: El objetivo traslativo se define mediante un encargo de traducción, que especifica — explícita o implícitamente — la situación comunicativa para la que se necesita el texto meta.

³² No original: La función o funcionalidad no es una cualidad del texto “en sí” sino que se le atribuye en el acto de recepción

³³ Nord (2012) determina que existe um receptor destinatário e um secundário. Por exemplo, uma publicidade que fala sobre o consumo de refrigerante tem como destinatários pessoas que consomem refrigerantes. Entretanto, é bem provável que entre os receptores estejam pessoas que não tomam refrigerantes, os chamados receptores secundários.

diferentes daquelas que são cumpridas pelo TB, desde que não sejam incompatíveis com as intenções do emissor ou do autor do texto original³⁴.

Assim, dentro da perspectiva funcionalista, o aspecto mais importante é a função comunicativa que o texto deverá cumprir. Entretanto, como já vimos, essa(s) função(ões) não é(são) um resultado automático, isto é, não podem ser pré-estabelecidas apenas levando em consideração o TB. Essa análise depende, em grande medida, de aspectos extra e intratextuais, como veremos mais adiante. Entretanto, antes de falarmos de tais aspectos, faz-se necessário que exploremos as funções comunicativas apresentadas por Nord (2010a, 2009, 1997, 1994): a fática, a referencial, a expressiva e a apelativa.³⁵

A primeira, função fática, é considerada pela teórica como sendo a mais importante, pois sem ela não haveria as demais. Ela é responsável por analisar como se desenvolve a relação comunicativa entre emissor e receptor. Está dividida em quatro subfunções: (i) abertura do contato: ocorre através de uma saudação, como *oi!*, *bom dia*, *tudo bem?*, ou com o uso de marcadores conversacionais, como *escuta*, *me diga*; (ii) continuação do contato: usamos partículas como *entende?*, *sabe?*, *não acha?*, ou preenchemos as pausas com *hum*, *uhum*, *é*, *sim*; (iii) fechamento do contato: com recapitulações, como *enfim*, *em resumo*, ou com despedidas, como *até logo*, *obrigado pela atenção*; (iv) desenvolvimento da relação. Essa função se baseia em formulações e formas convencionais. Todas as culturas possuem tópicos de comunicação fática, por exemplo, no Brasil, quando o silêncio é incomodativo em uma situação comunicativa, costuma-se recorrer ao tópico tempo: *será que chove?*

A segunda função relaciona-se ao aspecto referencial, em especial, ao objeto da comunicação. Entre emissor e receptor podemos considerar que exista um jogo entre informações já conhecidas e informações novas, isto é, entre os dois há um fluxo de conteúdo já conhecido e novo. O excesso de um tipo ou de outro pode prejudicar o texto, pois se a comunicação gira em torno somente de informações conhecidas o texto fica desinteressante e redundante, já, caso ocorra o contrário, apenas informações desconhecidas, o receptor terá dificuldades de fazer relação com outros conhecimentos e, portanto, não compreenderá o texto. Dentro do contexto da função referencial, Nord (2010a) pondera que essa relação influencia diretamente na tradução, visto que o

³⁴ Emissor e autor são termos sinônimos em grande parte das situações. Entretanto, é preciso atentar-se que isso não é uma regra, pois há situações em que o emissor é diferente do autor. Por exemplo, pensemos em uma nota oficial lançada por uma determinada multinacional. Para que ela existisse, certamente ao menos uma pessoa foi responsável pela sua emissão, isto é, por redigi-la. Entretanto, a nível de publicação, a autoria será atribuída a própria instituição e não a uma pessoa específica.

³⁵ Nord (2010a) propõe um modelo quadrifuncional com base nas funções mencionadas. Este segue um modelo circular, no qual a figura do tradutor encontra-se ao centro. A autora propõe esse formato com base no modelo orgânico de Bühler (1934) e no modelo de funções de Jakobson (1960), ambos citados por Nord (2010a).

público destinatário do TM pode possuir conhecimentos, quantitativa ou qualitativamente, diferentes dos destinatários do TB. Por isso, muitas vezes, será preciso ajustar ou mudar o balance entre as informações conhecidas e novas.

Na sequência, temos a função expressiva, que se refere diretamente ao emissor, uma vez que através dela ele pode expressar sua opinião, desejos, emoções, sentimentos etc. Em outros termos, segundo as próprias palavras de Nord (2010a, p. 245, tradução e destaque nossos), pode “expressar a sua *atitude* diante das coisas e dos fenômenos do mundo, *avaliando-os*, ou suas *emoções*, *sentimentos* positivos ou negativos etc.”³⁶ Ao nosso ver, essa é uma das funções mais importantes para a nossa pesquisa, pois ela vai ao encontro da TA. É fácil perceber essa relação, uma vez que o sistema avaliativo busca, justamente, explicar como os emissores transmitem essas avaliações. Por isso, destacamos alguns termos da citação de Nord (2010), uma vez que eles são conceitos essenciais na Avaliatividade. Aprofundamos essa discussão na próxima subseção.

A expressividade, assim como analisado dentro da Avaliatividade, é manifestada tanto de modo explícito, quanto de maneira implícita. Além disso, pode-se dizer que ela se divide em três subfunções, sendo essas: a emotiva, a avaliadora e a irônica, como podemos verificar nos exemplos (36), (37) e (38), respectivamente:

- (31) **Meu Deus!** Eu não aguento mais essa situação.
- (32) A sua atitude foi **muito grosseira**. Não gosto de pessoas assim.
- (33) Guia de como não **matar** os filhos em época de quarentena.

Em relação à tradução, essa função pode ou não implicar em dificuldades ao tradutor. Para obter essa resposta, bastaria avaliar se entre as duas línguas há um sistema de valores igual ou não. Assim, caso haja, o tradutor não precisa explicitar essa característica, pois o próprio destinatário conseguirá estabelecer um sentido. O problema é que, dificilmente, haverá uma equidade total entre duas culturas, ou seja, elas podem se aproximar em alguns pontos, mas estarem em lados totalmente opostos em outros.

Por fim, temos a função apelativa, situada no campo do destinatário/receptor. Nord (2009) resume-a propondo que ela sirva, principalmente, para incitar ou sugerir que o destinatário reaja de uma determinada maneira. Essa é uma função muito utilizada pelo meio publicitário, por exemplo

³⁶ No original: expresar su actitud frente a las cosas y los fenómenos del mundo, evaluándolos, o sus emociones, sentimientos positivos o negativos etc.

“se queremos que alguém compre um produto determinado, apelamos para as suas necessidades reais ou imaginárias, descrevendo precisamente aquelas qualidades dos produtos que se supõem que têm um valor positivo no sistema valorativo do receptor”³⁷ (NORD, 2009, p. 224, tradução nossa).

A depender da reação que se quer causar no destinatário, a função apelativa pode ser realizada por diferentes aspectos. Por isso, ela está dividida em subfunções: *persuasão*, quando busca convencer, *petição*, à medida que solicita algo, de *aviso*, caso tente dar algum tipo de aviso, e de *alusão*, cada vez que faz referência a algo/alguém. Nessa perspectiva, Nord (2010) considera que, dentre as quatro funções, essa é a mais difícil de ser traduzida, pois mesmo que os destinatários do TM tenham as mesmas características do TB, como idade, escolaridade, status social etc., ainda assim terão outra socialização cultural, outra bagagem e, até mesmo, outra perspectiva de mundo.

Olhando para essas quatro funções, o funcionalismo nos propõe que pensemos bem mais em uma tradução das funcionalidades do que das estruturas (NORD, 1997). A teoria nos sugere isso porque concebe que a tradução apenas centrada na transposição estrutural, sem ter uma finalidade definida, muitas vezes não alcançará os resultados esperados. Por isso, quando exista um escopo definido, o tradutor, com vistas a atingir essas funções na língua pretendida, pode valer-se de diversas técnicas de tradução, como as que apresentamos na seção passada. Consideramos que não há, olhando de forma descontextualizada, uma técnica melhor que a outra. Esse parâmetro só pode ser estabelecido dentro de um contexto.

Assim, pressupor que uma determinada técnica é superior a outra, de forma isolada, é incoerente, conforme demonstra Nord (2010, p. 254, tradução nossa), exemplificando a partir da técnica de tradução literal, “uma tradução que utiliza estruturas (lexicais, sintáticas, estilísticas) análogas às do TB corre mais perigo de não atingir as funções pretendidas para os receptores da cultura meta que uma tradução adaptada às normas e convenções comunicativas desta cultura”³⁸. Certamente, em algumas situações, a tradução literal pode cumprir, de forma efetiva, os objetivos de uma tradução, mas, em síntese, o que buscamos demonstrar é que nenhuma técnica, de forma isolada, pode alcançar todos os escopos possíveis de um encargo de tradução.

Como vimos, as funções acabam tendo implicações na hora da tradução. Por isso, Nord (2010) faz algumas recomendações em relação à tradução delas. Há dois caminhos, como já indicamos anteriormente, se as condições de funcionamento de um determinado segmento são

³⁷ No original: Si queremos que alguien compre un producto determinado, apelamos a sus necesidades reales o imaginadas, describiendo precisamente aquellas cualidades del producto que se supone tienen un valor positivo en el sistema valorativo del receptor.

³⁸ No original: Una traducción que usa estructuras (léxicas, sintácticas, estilísticas) análogas a las del texto base corre más peligro de no lograr las funciones pretendidas para los receptores de la cultura meta que una traducción adaptada a las normas y convenciones comunicativas de esta cultura.

iguais na CB e CM, basta que se realize uma tradução literal. Entretanto, quase sempre não é essa a realidade. Por isso, cada tipo de função exige do tradutor um olhar especial.

A autora apresenta duas opções, soluções, para cada uma das funções. Na função fática, pode-se reproduzir as condições de uso do TB através de uma nota, glossário etc. ou adaptar o comportamento para a CM para que possa funcionar da mesma maneira. Na sequência, pensando na função referencial, é possível explicar a informação do TB através de um metatexto ou integrar a explicação no mesmo texto, tomando o cuidado com as informações conhecidas em relação às novas. De forma semelhante, para a função expressiva, é viável utilizar alguma forma de metatexto ou tornar explícito as informações que estão implícitas. Finalmente, com a expressão apelativa, faz-se necessário explicar por que aquela sentença deve funcionar de tal maneira ou substituir o TB por algum da língua-meta que atenda o mesmo objetivo comunicacional.

Apesar de não existir uma receita, Nord (2012) busca auxiliar os tradutores ao propor um método de análise dos fatores intra e extratextuais com base em perguntas norteadoras. A pesquisadora considera que somente a partir de uma análise exaustiva, em sentido positivo, o tradutor poderá discernir as finalidades do TM e, assim, utilizar os meios adequados para alcançá-los. Essa investigação é facilitada quando a pessoa que a solicita apresenta informações mais sólidas. Entretanto, em muitas vezes, isso não ocorre e o tradutor costuma receber pedidos reduzidos a “traduza ao espanhol, por favor”. Assim, para realizar a tradução, Nord (2012, p. 23, tradução nossa) pondera que o

tradutor estabelece a função-em-cultura de um texto base dado, para compará-la com a (pretendida) função-em-cultura do texto meta encomendado, distinguindo os elementos (funcionais) do texto base que pode ou devem se manter iguais no processo de tradução dos que precisam ser adaptados às exigências da cultura meta.³⁹

Não nos cabe esgotar as possibilidades de discussão do método de análise proposto por Nord (2012), porém parece interessante apresentar algumas de suas características, que corroboram para nossas análises. Vale destacar que nossa proposta se centra mais na análise das traduções em si, mas, como apresentamos adiante, em algumas situações pareceu-nos necessário uma proposta tradutória diferente e para propô-la utilizamos alguns dos critérios apontados. A pesquisadora

³⁹ No original: El traductor establece la función-en-cultura de un texto base dado, para compararla con la (pretendida) función-en-cultura del texto meta encomendado, distinguendo los elementos (funcionales) del TB que pueden o deben mantenerse iguales en el proceso de traducción de los que han de adaptarse a las exigencias de la cultura meta.

defende que o processo de análise comece pelos fatores extratextuais e depois passe para os intratextuais, isto é, em um processo *top-down*⁴⁰.

Dessa forma, quando se refere aos fatores extratextuais, pensamos em características como emissor/redator, receptor/destinatário, meio/canal, lugar, tempo, motivo e função textual. Vejamos cada uma com mais atenção. A relação entre emissor/redator e receptor/destinatário já foi abordada anteriormente. A ela basta acrescentar que Nord (2012) considera que o tradutor pode ser visto como uma espécie de redator que deve seguir algumas regras pré-estabelecidas, mas que pode, em certa medida, utilizar sua criatividade e que o par receptor/destinatário é o fator que, em geral, mais se descuida. O aspecto meio/canal se refere ao veículo que conduz o texto aos destinatários, seja por via oral ou escrita. Essa relação permite ao tradutor verificar como o conteúdo é apresentado, inclusive ao que se refere a elementos verbais e não verbais.

Os aspectos lugar e tempo são relevantes por fazerem parte do que chamamos de dêiticos e ambos podem apontar aspectos importantes de produção e circulação do texto. Não considerar tais perspectivas pode levar o tradutor a uma tradução compreensível, mas não idiomática (NORD, 2012). Pensemos em um exemplo que, mesmo descontextualizado, faz sentido. Suponhamos que queremos traduzir o slogan “Vocês precisam provar nossos pratos!”, de uma rede de restaurantes do Brasil, para o espanhol. Se não nos atentássemos para o local em que o TM circulará, poderíamos cometer um grande equívoco, uma vez que, se fosse difundido em determinadas regiões da Espanha, o ideal seria traduzir o “vocês” utilizando o pronome pessoal de segunda pessoa do plural, *vosotros*. Entretanto, se estivesse dirigido a Argentina, isso não faria sentido, pois, nesse país, e no restante da América Latina, não é usual o uso de tal pronome, sendo mais adequado o uso do pronome de terceira pessoa do plural, *ustedes*. Em outras palavras, seria uma tradução compreensível, porque os argentinos a entenderiam, mas não seria idiomática, pela falta de proximidade.

Já o motivo, como o próprio nome nos elucida, busca demonstrar a causa, a razão pela qual o emissor produziu o texto. Muitas vezes, é fácil perceber qual é, já em outras situações, isso pode não ficar tão perceptível. Desse aspecto, é interessante perceber que alguns tipos de motivação podem, em geral, ser associados a gêneros textuais específicos. Por exemplo, se o motivo é a venda de algum objeto, é bastante provável que se utilize o gênero textual anúncio publicitário.

Diante desse aspecto, podemos trazer à discussão o último elemento de análise extratextual: a função textual. Aqui, ponderamos que existe uma diferença significativa entre gênero e função

⁴⁰ É uma expressão que, quando traduzida, significa “de cima para baixo” e propõe que dividamos o processo de análise: primeiro, analisa-se as características que circundam a produção textual e depois os aspectos do próprio texto. Essa divisão permite que, ao final, obtenha-se uma análise mais clara do todo.

textual. O primeiro se refere às características estruturais que compõem um texto, enquanto o segundo está ligado a um aspecto comunicativo. Nord (2012, p. 76, tradução nossa) define que ambos são como as faces de uma mesma moeda: “não podem ser separados, mas não são a mesma coisa”⁴¹.

Já a nível intratextual, a pesquisadora propõe que o tradutor investigue fatores como o tema, o conteúdo, as pressuposições, a macro e microestrutura, os elementos não-verbais, léxico, sintaxe, características suprasegmentais e o efeito. Pela própria listagem de aspectos a serem verificados, percebemos que essa análise prevê um trabalho árduo do tradutor antes mesmo de realizar a tradução em si. Entretanto, quando o profissional tem acesso a essas informações, alcançar o objetivo de tradução, e inclusive realizar a tradução, torna-se mais fácil pela riqueza de dados.

Os dois primeiros, tema e conteúdo, merecem ser abordados de modo integrado. Por tema, em poucas palavras, compreendemos que se trate do assunto do texto. De acordo com Nord (2012), a partir dele o autor pode identificar características extratextuais, uma vez que, se há um tema estabelecido, se diminuem as possibilidades de objetos de referência. Dentre os aspectos temáticos, julgamos interessante o apontamento feito pela pesquisadora relacionado ao fato de que há temas mais relacionados à CB e outros que abrangem temas universais. Por exemplo, os dilemas apresentados pelas *mujeres alteradas* de Maitena, fazem sentido para o público brasileiro? Veremos mais adiante. Complementar ao tema, está o quesito conteúdo, que “entendemos a referência do texto aos objetos e fenômenos de uma realidade extralinguística, que pode ser também fictícia”⁴² (NORD, 2012, p. 98, tradução nossa). Assim, dentro do conteúdo entram as formas semânticas, lexicais e sintáticas usadas no texto.

Já as pressuposições têm relação com aquilo que o autor/redator do texto considera que seja conhecido no horizonte dos receptores. Em síntese, as informações que são julgadas como conhecimento prévio. Essa discussão tem relação com o que já conversamos sobre a relação entre informações novas e conhecidas dentro de um texto. Aqui, o tradutor precisa ter uma atenção especial, pois uma informação considerada trivial para os receptores do TB, pode ser muito importante para os receptores do TM.

A estrutura de um texto é refletida em sua macroestrutura e em sua microestrutura. A macroestrutura afeta a divisão de parágrafos de acordo com temas e o tipo de texto em questão. Esta é uma organização particular de informações que caracterizam o gênero do texto. Assim, por exemplo, em artigos de jornais a ordem de informações da sua macroestrutura é feita sobre um

⁴¹ No original: no pueden ser separados, pero no son la misma cosa.

⁴² No original: entendemos la referencia del texto a los objetos y fenómenos de una realidad extralingüística, que puede ser también ficticia.

aspecto piramidal. A microestrutura, no entanto, se refere aos elementos gramaticais e semântico-lexical dos enunciados.

Ainda há os elementos não-verbais que, por analisarmos histórias em quadros, tornam-se tão importantes quanto os lexicais. Os elementos não-verbais podem ser definidos como todos aqueles códigos não-linguísticos utilizados para aclarar, ilustrar, complementar ou intensificar um texto (NORD, 2012). Por isso, o tradutor precisa preocupar-se também com eles, detectando quais são importantes e quais, talvez, possam ser dispensados. Nesse aspecto, retomamos Jakobson (1999), uma vez que o autor considera a tradução intersemiótica tão importante quanto a interlingual.

Já a nível lexical, isto é, das palavras utilizadas no texto, algumas informações como nível estilístico, tipo de registro, formação morfológica das palavras, figuras retóricas (como metáforas ou repetição de elementos léxicos), levando em consideração certas estruturas lexicais funcionam em uma língua, mas em outras não. Esse último comentário também deve ser observado na análise e tradução de estruturas sintáticas.

Os elementos apresentados anteriormente, como o léxico e a sintaxe, fazem parte dos chamados elementos segmentais. Contudo, em um texto, principalmente no oral, há características suprasegmentais⁴³. Nos textos escritos, esses atributos são representados por elementos visuais, como o negrito, o itálico, os parênteses, as aspas etc., ou seja, por itens que destacam e realçam informações.

Por fim, temos o efeito, que mantém uma relação direta com a intenção do emissor. Há diversos tipos de efeitos, a depender do que se espera alcançar. O tradutor deve ter essa informação muito clara, pois há, em geral, efeitos que deverão manter-se no TM. Contudo, com a distância cultural que há, muitas vezes, entre as duas culturas, implica que ele faça modificações, inclusive para que não exista um efeito interpretado de maneira equivocada (NORD, 2012).

Ao encerrarmos essa seção, compreendemos aspectos marcantes da tradução funcionalista, como seus primórdios e princípios que a regem. Em síntese, nessa teoria, a tradução é vista como um processo ativo que depende, sobretudo, dos objetivos para os quais está planejada alcançar. Assim, é o escopo de tradução que define como ela será realizada, inclusive os métodos que a possibilitarão. O tradutor é visto como agente atuante dentro do processo e cabe a ele a análise meticulosa dos elementos intra e extratextuais do texto a ser traduzido.

⁴³ Para entender melhor esta diferença entre aspectos segmentais e suprasegmentais utilizemos com exemplo a área de estudo da fonética. Nela, há o estudo de segmentos como o fonema, como de suas características articulatorias, que são, em certa medida, gerais dentro uma língua. Contudo, há características suprasegmentais, que apresentam outras características de análise, como o ritmo e a entonação.

Nessa seção, ainda, apresentamos alguns pontos de conexão entre o funcionalismo tradutório e a teoria de Avaliatividade. Entretanto, parece-nos que essa relação precisa estar bastante clara. Por isso, na próxima e última seção do capítulo, aproximamos os campos de estudos, retomando alguns pontos já discutidos, visando evidenciar as convergências que existem entre eles.

3.3 AVALIATIVIDADE E TRADUÇÃO FUNCIONALISTA

Constantemente os emissores de texto realizam avaliações acerca das coisas que o circundam. Tais avaliações são projetadas de formas distintas e podem ser classificadas através de vários parâmetros, como vimos anteriormente. A tradução, em sua vertente funcionalista, tem como propósito permitir que o TM, fruto de uma tradução, cumpra os objetivos pelos quais foi idealizado. Portanto, qual é a relação entre esses dois campos? É o que almejamos responder nesta seção.

Uma das características mais importantes da Avaliatividade é o seu caráter cultural, pois muitos dos julgamentos de valor feitos estão ligados, intrinsecamente, a referentes culturais de uma determinada comunidade linguística. Há, certamente, avaliações, negativas e positivas, que são universais, como as noções de *bom* e *ruim*, porém até mesmo elas fazem referência a valores pré-estabelecidos dentro de uma sociedade que não são iguais em todos os lugares. Por exemplo, nem tudo a que nós, brasileiros, em geral, atribuímos um valor negativo, será visto/tratado da mesma forma em outro país ou cultura. Inclusive porque dentro de um mesmo país podemos perceber a incidência de aspectos valorativos diferentes: o que é valorativo em uma região pode não o ser em outra ou, até mesmo, pode o ser de modo diferente. Em síntese, de acordo com Reiss e Vermeer (1996, p. 19, tradução nossa), “os valores que se atribuem aos objetos variam para cada cultura e indivíduo”⁴⁴ e, antecipando a discussão, mencionamos que os autores dão, ainda, destaque a como os aspectos refletem no processo tradutório, isto é, “estas ‘refrações’ podem chegar a expor problemas de tradução”⁴⁵ (REISS; VERMEER, 1996, p. 19).

Certamente, há culturas que estão mais próximas, mesmo que não compartilhem a mesma língua, até mesmo porque o limite entre elas não é, necessariamente, geográfico e/ou linguístico. Contudo, há momentos que elas se diferenciam muito. Esse é o caso do Brasil e da Argentina, pois em alguns casos se aproximam, mas em outros se afastam. Por exemplo, no próximo capítulo, veremos que alguns dilemas dedicados às mulheres argentinas e apresentados por Maitena, em seus quadros, fazem total sentido também para mulheres brasileiras.

⁴⁴ No original: Los valores que se atribuyen a los objetos varían para cada cultura y cada individuo.

⁴⁵ No original: estas “refracciones” del mundo pueden llegar a plantear problemas de traducción.

Além disso, a Avaliatividade, como discutimos no capítulo 2, não está presente somente pelo uso de adjetivos, de forma explícita, uma vez que, com frequência, a valoração é atribuída a segmentos por meio de *tokens* que, quando descaracterizados, não teriam esse sentido. Em síntese, os usuários da língua, pelo uso criativo que fazem desta, conseguem criar e atribuir sentidos diversos para construções linguísticas.

A tradução funcionalista enfatiza a necessidade de traduzirmos muito mais que as meras estruturas linguísticas, propõem que pensemos em uma tradução das funções da linguagem e, por analogia, de um texto. Dentro das funções apresentadas, está a função expressiva, que, sem dúvidas, é a que mais se aproxima do SA, justamente porque é através dela que se identificam as expressões de julgamentos, expressões, emoções, pontos de vista etc.

Nesse âmbito, Nord (2010a), ao mencionar um ponto chave da função expressiva, acaba por citar uma característica da Avaliatividade. De acordo com a autora, a função expressiva pode estar explícita, permitindo que seja facilmente identificada, como em “Eu gosto do seu vestido”, ou implícita em “Ah, você tem um novo vestido...”, exemplos mencionados por Nord (2010a). No primeiro caso, a expressividade – de forma análoga a Avaliatividade – está evidente em seu aspecto positivo. Já no segundo caso, a interpretação dependerá do “sistema de valores comum para poder interpretar a expressividade como positiva ou negativa”⁴⁶ (NORD, 2010a, p. 246, tradução nossa).

Sem dúvidas, esse é um ponto de encontro entre as duas áreas. Além disso, ao pensarmos que a Avaliatividade nem sempre está explícita no texto, essa relação torna-se ainda mais importante, pois não bastaria simplesmente a tradução da estrutura, por exemplo, quando se quisesse traduzir a função expressiva, caso fosse o objetivo. Nord (2010a) apresenta algumas possíveis soluções para traduzir a função expressiva: (i) acrescentar à tradução alguma forma de metatexto, isto é, um texto explicativo, por exemplo, ao não encontrar um equivalente funcional a alguma expressão, é viável que o tradutor adicione uma nota explicativa; (ii) tornar explícita uma avaliação que estava implícita no TB. A título de exemplificação, supomos que um excerto avaliativo seja subjetivo na CB. Nesse contexto, para que a função expressiva fique mais translúcida, o tradutor pode transformá-la em uma forma mais objetiva.

Nessa perspectiva, comparando as duas áreas, acreditamos que a vertente funcionalista seja viável para quando pensamos na tradução de elementos avaliativos. Afinal, toda avaliação pretende alcançar algum fim, mesmo que não intencionalmente, assim como a tradução funcionalista. Para alcançá-lo, em outra língua, é possível o uso de outros recursos, desde que o sentido, com uma nova

⁴⁶ No original: [...] sistema de valores común para poder interpretar la expresividad como positiva o negativa.

tradução, seja compreendido de igual forma, isto é, tenha o mesmo impacto, considerando que esse é, em geral, o escopo.

Assim, em resumo, consideramos que as duas áreas se ocupam de temas diferentes. Entretanto, uma pode auxiliar a compreensão da outra, isto é, a tradução funcionalista pode contribuir para o entendimento da tradução dos segmentos avaliativos. Inclusive, o que fazemos é analisar a tradução da Avaliatividade, utilizando as lentes da tradução funcionalista, isto é, pensando no objetivo pelo qual determinada avaliação foi feita e como esta poderia cumprir o mesmo objetivo no português brasileiro.

Ao longo do capítulo, perpassamos alguns pontos importantes concernentes ao campo da tradução. Inicialmente, propomos um recorrido com base em alguns tópicos, como teorias e métodos tradutórios, que se relacionam ao campo de pesquisa. Essa parte, por sua vez, nos auxiliou a percebermos que a tradução é um campo de estudo vasto e com diversas abordagens. Em nosso trabalho, nos aproximamos da vertente funcionalista, representada, principalmente, pelos estudos de Christiane Nord. Por isso, dedicamos parte do capítulo a apresentar e discutir seus principais postulados, uma vez que o aspecto tradutório do *corpus* foi discutido com base neles. Em outras palavras, é com base nessa perspectiva que analisamos os quadros selecionados, tencionando uma aproximação ao campo da Avaliatividade. Assim, muitos aspectos teóricos foram retomados pontualmente em cada análise, a partir do que a própria tradução nos remitia a discutir.

4 AS MUJERES ALTERADAS DE MAITENA: AVALIATIVIDADE E TRADUÇÃO

Chegamos ao último capítulo de nosso trabalho. Nele, pretendemos retomar aspectos discutidos anteriormente, como aqueles relacionados à avaliatividade e à tradução sob a ótica funcionalista. Dividimos esta seção, a fim de assegurar a clareza, em três partes: na primeira, retomamos algumas informações relevantes sobre a obra analisada. Na sequência, utilizando o modelo de análise pré-translativa de Nord (2012), caracterizamos, em geral, o livro com base nas informações que tínhamos acesso. Finalmente, desenvolvemos as análises propostas.

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de apresentarmos as análises, cabe apresentarmos e aclararmos alguns aspectos que julgamos importantes. O primeiro deles é relacionado ao detalhamento de nosso objeto de estudo. *Mujeres Alteradas* ([2003] 2005) (no Brasil, *Mulheres Alteradas*) é uma série de quadros criada pela cartunista argentina Maitena Burundarena. Os quadros começaram a ser publicados nos anos 1990, em Buenos Aires, na revista feminina *Para Ti* e no jornal *El Clarín*. Somente alguns anos depois, em 2003, é que eles foram compilados e publicados em cinco volumes pela editora *Sudamericana – Lumen*. Foram traduzidos por Ryta Vinagre e lançados no Brasil pela editora Rocco em 2003.

Em nosso trabalho, optamos por trabalhar com a análise de dez quadros do primeiro volume de *Mulheres Alteradas*. Essa escolha deu-se em virtude de priorizarmos a profundidade das análises em relação à quantidade. Assim, a opção numérica está associada à característica qualitativa do trabalho, bem como a própria limitação de espaço que o gênero textual dissertação nos impõe. Como critério de escolha, utilizamos, basicamente, três: (i) a presença de avaliatividade, em aspectos possíveis de serem localizados dentro do SA; (ii) a sua tradução ao português, em sua variedade brasileira; (iii) à título de variedade de elementos, a localização do excerto dentro do SA. Na sequência, explicamos um pouco melhor esses dois critérios.

O primeiro está perceptível em todos os quadros da autora, pois eles têm um caráter muito ácido. Todas as histórias têm como personagem principal mulheres e seus dilemas na vida cotidiana. Por isso, cada seção trata sobre um tema distinto e ironiza comportamentos sociais clichês e estereotipados relacionados ao gênero feminino. Em síntese, Maitena reproduz julgamentos que são constantemente direcionados às mulheres, utilizando-os como forma de crítica. Além de perceber essa presença, interessou-nos verificar como essa linguagem avaliativa utilizada nos quadros foi traduzida ao português, isto é, quais são as marcas de tradução que são notadas na versão brasileira.

Explorando um pouco mais sua composição, percebemos que, no livro, a estrutura dos quadros mantém certa linearidade, pois cada seção apresenta, normalmente, seis quadros (excepcionalmente, alguns quadros apresentam quatro ou oito). Em geral, as histórias não têm uma relação direta de continuidade, como ocorre na maioria dos exemplares do gênero. Entretanto, isso não quer dizer que não haja semelhanças entre elas, pois o livro está dividido em cinco temáticas de “alterações”: alterações próprias de seu sexo; alterações físicas e outros derivados da moda; um costume inalterável, o casamento; um motivo para se alterar sempre, a família; e alguns outros motivos para ficar meio alterada. Outra característica bastante recorrente está ligada ao fato que Maitena utiliza muito um tipo de construção quantitativa-exemplificativa, por exemplo, “seis coisas tipicamente femininas”.

Ainda sobre a estrutura, cada página apresenta um título macro que representa uma situação e a divisão, em geral, seis quadros exemplificando a circunstância mencionada. Tais exemplos corroboram para o sentido da (auto)apreciação e do humor de suas produções. Assim, a cartunista Maitena apresenta e problematiza comportamentos sociais ligados às mulheres que estão instituídos como normais. Em síntese, “no interior das tirinhas se apresentam cenas cotidianas de interação entre distintos personagens, os quais levam a cabo práticas discursivas muito reconhecíveis e familiares (estereotipadas), nas quais é determinante a identidade de gênero” (PAREDES, 2015, p. 78, tradução nossa)⁴⁷. Aprofundamos esses aspectos na próxima seção, quando definimos elementos intra e extratextuais.

Outro aspecto importante a ser mencionado é em relação à tradutora da obra. Não almejamos emitir um juízo de valor de aprovação ou reprovação de suas traduções, até mesmo porque não temos acesso ao encargo de tradução e aos critérios que ela utilizou para fazê-la. O que propomos é olhar para o original e para a tradução com base no que discutimos, em nossa pesquisa, sobre avaliabilidade e tradução funcionalista e, com base nesse olhar, analisar as marcas de tradução, oferecendo, quando parecer-nos necessário, outras propostas de tradução. Assim, a avaliação que fizemos foi em relação à perspectiva que defendemos.

4.2 OS QUADROS: ELEMENTOS INTRA E EXTRATEXTUAIS

Como vimos no capítulo anterior, há diversos fatores que influenciam uma tradução. Nord (2012) sugere que o tradutor tenha atenção a uma série de aspectos intra e extratextuais, propondo

⁴⁷ No original: en el interior de las viñetas se representan escenas cotidianas de interacción entre distintos personajes, los cuales llevan a cabo prácticas discursivas muy reconocibles y familiares (estereotípicas), en las que es determinante la identidad de género.

que ele responda perguntas acerca do texto a ser traduzido, conforme o objetivo a ser alcançado. Utilizaremos esses critérios para caracterizar, de modo geral, o livro *Mujeres Alteradas*, e, na próxima seção, nas análises, aspectos pontuais sobre o quadro em si. Temos ciência que nossa visão é limitada por termos acesso apenas aos livros em si, em espanhol rioplatense e português brasileiro, porém julgamos necessário propor esse detalhamento como forma de complementar o desenvolvimento das análises. Além disso, como vimos, o TM pode ter finalidades diferentes do TB, mas, aqui, a título de organização, consideramos que ele possui a mesma finalidade do original. Em síntese, pelas limitações que temos, os tratamos com olhar uniforme, diferenciando-os apenas quando as condições nos permitirem.

Começamos, então, pelos elementos extratextuais. O primeiro deles é a relação entre emissor e redator. Consideramos como emissor, do original, a autora Maitena e, da tradução, o mesmo emissor por intermédio de uma redatora, Ryta Vinagre, que produziu a versão em português. Já em relação ao receptor e ao destinatário, julgamos que receptores são todos aqueles que tiverem acesso ao livro, enquanto os destinatários são as mulheres⁴⁸, haja vista que Maitena retrata os dilemas femininos como forma de crítica. Por isso, faz sentido que seja esse o público-alvo por haver, muitas vezes, uma autoidentificação com o tema apresentado⁴⁹.

Já o canal de comunicação é via escrita, fazendo-se o uso de meio impresso, através do livro. Vale destacar que, originalmente, o meio de circulação era a revista *Para ti* e o jornal *El Clarín*. Julgamos que, nessa época, os quadros tinham uma difusão maior em virtude do meio em que estavam inseridos. O local de circulação, do original, era a Argentina, especialmente Buenos Aires, que é a cidade da autora. Já do livro traduzido, pressupomos que seja o Brasil como um todo.

No que concerne ao tempo, há duas considerações a serem feitas: a primeira, em relação à publicação dos livros, tanto o original, quanto o traduzido, tiveram sua primeira versão em 2003. Entretanto, é preciso ressaltar que *Mujeres Alteradas* ([2003] 2005) é fruto de uma compilação de quadros publicados ao longo dos anos de 1993 e 1994, nos meios citados anteriormente.

A época de publicação já nos permite vislumbrar os padrões de sociedade, principalmente em relação às mulheres, que estavam vigentes tanto na Argentina e cremos que, de forma análoga, no Brasil. Por isso, consideramos que a motivação esteja ligada a um desejo de criticar esses padrões estereotipados que são relacionados às mulheres, utilizando o humor a partir do próprio

⁴⁸ Maitena, afirma, em entrevista: “Yo hablo de las relaciones humanas y lo que le pasa a la gente es igual en todas partes dentro de un mundo urbano y occidental [...] Las mujeres no somos todas iguales, pero nos pasan las mismas cosas”. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/cultura/maitena-otra-vez-junto-con-los-lectores-de-la-nacion-nid1093700>>. Acesso em: 10 abril 2020.

⁴⁹ Maitena, em entrevista, comenta que “Una vez una señora me dijo: ‘Cómo puede ser que vos sepas lo que yo pienso’. ‘Porque pensamos igual’, le dije”. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/cultura/maitena-con-el-humor-ves-el-sistema-de-pensamiento-de-una-sociedad-nid2058905>>. Acesso em: 10 abril 2020.

retrato de mulheres alteradas. Finalmente, como função textual, temos, de forma predominante, a função expressiva, de caráter subjetivo, ao opinar sobre os temas apresentados.

Na sequência, temos os fatores intratextuais. Acerca deles, fazemos uma observação em relação a sua especificidade. As informações apresentadas são tratadas de forma geral, olhando para o livro como um todo. Nas análises, observaremos características específicas de cada quadro, retomando atributos extratextuais. Em relação ao tema/conteúdo, sobre o primeiro, dependerá do quadro em questão, mas sempre são temáticas femininas, associadas à vida das mulheres, em forma de conteúdo. Por tratarmos de clichês femininos, as pressuposições são importantes para a interpretação do sentido. Em geral, mulheres terão os pressupostos necessários para a compreensão, alguns em maior medida e outros em menor, a depender de suas vivências e visões de mundo. A autora utiliza muito dos pressupostos, pois, como veremos, a macro e microestrutura corroboram para isso.

Como macroestrutura temos uma organização sempre linear. À título de compreensão, apresentamos uma seção, abaixo, do livro traduzido. Há um título, localizado no início da seção, que contextualiza a situação. Abaixo dele, são distribuídos, em geral, seis quadros retratando em diferentes contextos relativos à situação apresentada. Em cada quadro, há uma espécie de subtítulo e a representação pictórica do que se está mencionando. Sempre a imagem retrata uma mulher alterada passando por aquela situação. Já a nível da microestrutura, percebemos construções sintáticas e lexicais mais informais, julgamos que seja em virtude de querer registrar a linguagem do dia a dia, pois os retratos são situações do cotidiano vivenciadas por mulheres.

Os elementos não-verbais são extremamente importantes para esse gênero textual específico, pois ajudam na construção da informação, tanto quanto os elementos verbais. Em *Mulheres Alteradas*, as ilustrações são utilizadas para ilustrar e reforçar o contexto apresentado, enfatizando as expressões das personagens. Em geral, podemos perceber que os elementos verbais não poderiam ser separados dos não-verbais. As imagens não sofreram alterações na tradução para o português. Avaliamos que dois motivos colaboraram para isso: o principal, em virtude de as situações retratadas serem compartilhadas culturalmente com a realidade brasileira e, em menor medida, para não descaracterizar a obra da autora, já que Maitena também é responsável pelas ilustrações.

Imagem 1 – Estrutura das páginas de *Mulheres Alteradas*

As seis injustiças mais machistas quando o assunto é beleza



Fonte: Maitena, 2003, p. 23.

Finalmente, em relação ao léxico e à sintaxe, Maitena optou pelo uso diversificado de construções lexicais e sintáticas, a depender do contexto da seção. Parece-nos que isso demonstra que essas alterações ocorrem com as mulheres pertencentes aos distintos estratos sociais, com diferentes características físicas e de personalidade. A nível lexical, chama a atenção o uso de gírias. Em relação à tradução, percebe-se que a tradutora, em alguns casos, preocupou-se com essas características.

Em síntese, as informações apresentadas estão compiladas no seguinte quadro, criado a partir do modelo desenvolvido por Nord (2012):

Tabela 1 – Aspectos extra e intratextuais presentes em *Mujeres Alteradas 1*, de Maitena

Elementos extratextuais		Elementos intratextuais	
Emissor	Maitena/Tradução de Rita Vynagre	Tema Conteúdo	Temáticas ligadas ao mundo feminino
Receptor Destinatário	Todos que tiverem acesso ao livro/Mulheres	Pressupostos	Necessários para compreensão, identificação às situações
Canal	Via escrita, meio impresso – livro	Macroestrutura	Linear, segue uma mesma organização
Local	Original: Buenos Aires, Argentina Tradução: Brasil	Microestrutura	Construções sintáticas e lexicais simples, informais
Tempo	Original: década de 90 Livro: 2003	Elementos não-verbais	O gênero textual caracteriza-se pela presença desses elementos, essenciais à compreensão.
Motivo	Criticar estereótipos ligados às mulheres	Léxico	Variável, a depender do contexto
Função textual	Expressiva	Sintaxe	Variável, a depender do contexto

Fonte: a autora com base em Nord (2012).

Reiteramos que, nesta seção, buscamos utilizar a proposta de análise textual de Nord (2012) para explorar as características da obra, original e traduzida, de Maitena. Sabemos que muitas das informações são apresentadas de forma limitada, já que se basearam exclusivamente em nosso olhar analítico. Entretanto, isso não anula a importância dos dados apresentados, pois eles nos permitiram explorar características importantes da obra.

Nesse âmbito, os aspectos elencados por Nord (2012) e esmiuçados anteriormente permitem que a avaliabilidade seja identificada mais facilmente, especificamente no tocante às informações fornecidas pelos pressupostos, pelos elementos não-verbais, pela função do TB, pelo tempo e meio etc. Em síntese, os elementos propiciaram uma contextualização dos elementos avaliativos, já que, como discutido anteriormente, estes não podem ser pensados fora do seu contexto de produção. Assim, finalmente, retomamos e aprofundamos alguns dos fatores extra e intratextuais quando apresentamos as análises, pois, a partir de um contexto mais definido, pode-se extrair mais informações.

4.3 CONSTRUINDO AS ANÁLISES DO *CORPUS*

Finalmente, chegamos à realização das análises do *corpus*. Elas ocorreram através dos dez quadros selecionados do volume 1 de *Mujeres Alteradas*, em espanhol, e na sua versão traduzida ao português brasileiro, *Mulheres Alteradas*. À título de organização, optamos por criar subseções para

cada uma delas. Em cada uma, seguimos, em geral, a mesma organização. Inicialmente, apresentamos o(s) quadro(s), detalhando informações importantes, situamos o segmento avaliativo, dentro do sistema que apresentamos anteriormente. Para entender o valor do elemento avaliativo utilizamos definições encontradas para os termos/expressões em dicionários on-line de língua espanhola. Ao buscar entender o que significavam as palavras/expressões sinalizadas, foi possível também verificar se tal excerto tratava-se de um termo geral ou específico da zona portenha, pois muitos dicionários, como o da Real Academia Espanhola (RAE), oferecem tais informações.

Depois disso, comparamos a versão original com a versão traduzida, levando em consideração aspectos relacionados à tradução funcionalista. Nesse aspecto, também tomamos definições dicionarizadas para os segmentos na versão traduzida. Por fim, nos casos em que julgamos necessário, fazemos uma nova proposta de tradução. Vale destacar que, em alguns casos, a análise foi feita com base em dois quadros do *corpus*, uma vez que estes puderam ser aproximados por apresentarem um elemento avaliativo em comum ou por portarem um nível contextual semelhante. Assim, as análises evidenciam o aspecto qualitativo de nosso trabalho, pois, apesar de utilizarmos o mesmo caminho metodológico, cada uma das propostas destacou pontos diferentes do SA e mobilizou aspectos pontuais de tradução, discutidos a partir de preceitos funcionalistas.

4.3.1 Análise 1 – O caso da palavra tarada

Imagens 2 – Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres



Fonte: Maitena, 2005/2003, respetivamente, p. 7.

No original: Algunos de los prejuicios más comunes respecto de las mujeres

A primeira análise que faremos é em relação a um quadro que faz parte da seção “Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres”. Nela, Maitena apresenta seis casos de preconceitos que são, constantemente, vivenciados pelas mulheres. As situações apresentadas relacionam-se a diversos “setores” da vida feminina, dentre eles o financeiro, no qual retrata-se que

se uma mulher tem muito dinheiro, é porque alguém a está bancando; o comportamental, se é bondosa, certamente é idiota, e o profissional, ao retratar que se tem sucesso, é uma péssima mãe.

Os preconceitos apresentados ainda são percebidos pelas mulheres, talvez de uma forma mais velada, mas estão presentes, em virtude de estarem enraizados por causa de uma cultura machista. No livro, em geral, quase sempre, os quadros apresentam mulheres, porém, dentre os seis quadros dessa seção, temos a presença de um com dois homens, sem representação feminina, o filho falando que conheceu uma mulher super independente, e o pai, um senhor, considerando que ela, por esse motivo, é uma vagabunda. Além disso, no quadro mencionado anteriormente, em relação à alteração “comportamental”, apresentam-se duas meninas reproduzindo discursos que, provavelmente, escutaram de alguém.

Para esse trabalho, interessa-nos, em especial, o quadro que está destacado acima (Imagens 2). Nele, vemos dois personagens, um homem e uma mulher, jovens, em um cenário que remete a um bar, pela mesa e copos. Muito provavelmente trate-se de um primeiro encontro, em virtude da temática sobre a qual estão conversando – hobbies. Ela relata ter como hobby estudar no tempo livre que deixa a faculdade.

Acima da ilustração, temos um quadro recordatório e é nele que reside o principal foco da análise. Nota-se que há a inscrição *Si sos linda... sos tarada*, em português, “Se você é linda... é uma tarada”. Notamos que se constrói uma estrutura produzida a partir do fato de que se a mulher tem uma característica positiva, necessariamente, haverá o outro lado da moeda, um atributo negativo, cuja existência frustra, em certa medida, a qualidade boa.

Nesse cenário, pensemos, sobretudo, na palavra *tarada*. Em espanhol, esse termo refere-se às pessoas que padecem de uma tara física ou psíquica, entendendo-se que tara seja um defeito que acaba diminuindo alguém, característica de uma pessoa tonta ou boba⁵⁰. Assim, o preconceito retratado e criticado por Maitena concerne ao fato que mulheres, fisicamente bonitas, dentro do que se julga como beleza, constantemente serão associadas a serem tolas.

Dentro do contexto, com base no SA (MARTIN; WHITE, 2005), a palavra *tarada* é um adjetivo, que se encontra, no sistema de Avaliatividade, dentro do parâmetro atitude, visto que, essa área, objetiva a expressão linguística de avaliações negativas, caso do quadro em questão, e positivas. Apresenta-se de forma explícita e, por isso, de fácil interpretação. Dentro do subsistema atitude, o termo pode ser relacionado ao quesito julgamento, pois emite uma apreciação sobre um comportamento humano, isto é, ao fato de uma pessoa que, por estar dentro dos padrões de beleza,

⁵⁰ Disponível em: <<https://dle.rae.es/tarado?m=form>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

será néscia. Esse julgamento faz parte da estima social, em termos de capacidade, especialmente a aptidão mental feminina, pois reproduz um rótulo atribuído, com frequência, às mulheres.

No campo do funcionalismo, julgamos que a funcionalidade estaria ligada à manutenção do mesmo nível de julgamento: insinuar que se a mulher tem alguma qualidade, certamente terá alguma outra negativa que a invalida. Em relação à tradução ao português, quando comparamos os dois segmentos, vislumbramos que a tradutora optou por utilizar a técnica de tradução literal, traduzindo *tarada* ao termo “tarada” em português. Entretanto, se julgarmos que o escopo da tradução seria manter a crítica feita no original, isto é, a sua função expressiva, perceberemos que a escolha da tradutora não tenha sido a mais adequada. Nossa posição justifica-se, principalmente, pelo sentido que a palavra *tarada* tem em português. O adjetivo tem, no Brasil, um sentido muito mais depreciativo que em espanhol, sendo, inclusive, utilizado com conotações sexuais. Inclusive, em sua flexão de gênero masculino, *tarado*, é constantemente associada a pessoas pervertidas ou que cometeram crimes sexuais, depravadas⁵¹.

Portanto, enquanto, em espanhol, o termo define uma pessoa como boba, tonta ou que possuiu algum tipo de defeito. Em português, o sentido é mais pesado, pois, em geral, se refere à pessoa desequilibrada moralmente, inclusive a nível sexual. Assim, apesar de serem homônimos perfeitos que existem nas duas línguas, elas não admitem tal aproximação, inclusive por apresentarem gradações avaliativas diferentes. Em resumo, apesar de ambos serem adjetivos que atribuem características, em geral, negativas, eles não parecem funcionar da mesma maneira e, portanto, não permitem que se extraiam os mesmos sentidos.

Por isso, julgamos que a tradução não cumpriu, sob a ótica funcionalista, a sua função, uma vez que o sentido foi alterado substancialmente. Em nível de avaliatividade, verificamos que continua existindo o termo avaliativo, mesmo sobre condições de funcionamento diferentes, evocando significações diferentes do original. Finalmente, propomos que a utilização de uma técnica como a adaptação seria mais efetiva. Por conseguinte, julgamos que a tradução passaria a cumprir o seu escopo se o termo *tarada*, do espanhol, fosse traduzido, ao português, como tola/burra/idiota. Adotando-se, então, o seguinte resultado: Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres: se você é linda.... é uma tonta.

4.3.2 Análise 2 – Da expressão ao objeto

Imagens 3 – Seis maneiras típicas de desvalorizar o outro

⁵¹ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tarado/>>. Acesso em: 08 jul. 2020.



Fonte: Maitena, 2005/2003, respectivamente, p. 40.
 No original: Seis típicas maneras de desvalorizar al otro

Este quadro faz parte da seção dedicada a mostrar “Seis maneiras típicas de desvalorizar o outro”. É interessante perceber que nesse ela utiliza a estrutura enumerativa-exemplificativa, como comentamos em momentos anteriores. Diferente do anterior, neste cenário, Maitena faz apreciações relacionadas às atitudes que elas têm, em virtude de provocarem uma desvalorização em outra pessoa, especialmente nos homens, presentes em todos os quadros. As formas de menosprezar ao outro são diversas, a autora retrata cenas comuns com mulheres duvidando da palavra, ignorando as decisões dele, bocejando quando ele fala, entre outros.

Para discussão, apresentamos um dos exemplos dados sobre maneiras comuns de desconsiderar o outro. Nele, o quadro recordatório indica que uma delas é criticando a roupa que ele compra. No quadro, temos, provavelmente, um casal; os elementos não-verbais permitem que visualizemos a cara de deboche da mulher, ao falar, segurando a gravata do homem, que, por si, apresenta uma expressão de enfado. Além disso, a mulher representa a fala, utilizando o balão correspondente para isso, enquanto o homem, mesmo desgostoso da situação, aparece apenas com a expressão irônica de seu pensamento.

Nessa perspectiva, a nível de avaliatividade, vislumbramos a sua existência tanto na fala desta, quando no pensamento daquele. Entretanto, é suficiente que reflitamos sobre a fala da mulher, especificamente da expressão *mamarracho* e de sua tradução ao português. *Mamarracho* é uma expressão coloquial, empregada como substantivo masculino ou adjetivo; é usado, em geral, para valorar uma pessoa extravagante, principalmente pelo modo de vestir-se e portar-se, e também para nomear algo que está mal feito, ridículo⁵². A tradutora optou por traduzi-lo utilizando uma técnica adaptativa, uma vez que substituiu a expressão *mamarracho* pelo objeto que ele caracterizava, “gravata”.

⁵² Disponível em: <<https://dle.rae.es/mamarracho?m=form>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

Essa adaptação permite posições diferentes dentro do sistema avaliativo. A primeira delas é a própria questão da percepção valorativa, pois, apesar de ambos serem substantivos, o sentido de *mamarracho* aproxima-o de um significado explicitamente qualificativo. Entretanto, isso é mais implícito quando falamos de “gravata”, aqui a avaliatividade precisa ser interpretada como tal, pois trata-se de um *token*, interpretado a partir dos demais elementos, como a expressão facial e a organização sintática anterior.

À nível do subsistema atitude, consideramos que ambos se encaixem no quesito apreciação, já que engloba a reação do emissor e suas relações com a realidade, especificamente com a aparência de uma peça de roupa. Essa apreciação manifesta-se a partir da reação, do tipo qualidade, uma vez que o comentário da personagem diz respeito à “qualidade” do objeto, a gravata, nesse contexto. Apesar dessa semelhança, há pontos em que o original e o traduzido se afastam, é o caso da avaliação em relação ao nível de gradação. Em espanhol, a gradação é mais acentuada, pois é permeada por mais força, isto é, intensidade. Já em português, a gradação está mais a nível de foco, uma vez que utiliza uma expressão que, isoladamente, não seria considerada avaliativa.

Em relação à tradução, julgamos que a função tenha sido cumprida parcialmente. É perceptível que o tom apreciativo se manteve na tradução, mas com uma menor intensidade, devido à adaptação do termo, pois deixou a aparência do termo avaliativo mais implícita. Uma proposta de tradução para *mamarracho*, respeitando sua acepção e coloquialidade, seria a palavra “cafonice”.

4.3.3 Análise 3 – Valoração através de animais

Imagens 4 – Seis bons motivos para uma mulher querer ver o Ex



Fonte: Maitena, 2005/2003, respetivamente, p. 45.

No original: Seis buenas razones que tiene una mujer para querer ver al Ex

Este quadro faz parte da seção intitulada “Seis bons motivos para uma mulher querer ver o Ex”, na qual a cartunista apresenta valorações relacionadas, sobretudo, aos motivos pelos quais uma mulher pode querer ver o ex-companheiro. Assim, são apresentadas situações nas quais as mulheres os encontram e os tipos de valorações que fazem em relação a eles. Inclusive no primeiro dos quadros, “para ver como ele anda sem ela”, a personagem expõe um preconceito, uma vez que associa a sexualidade do ex às roupas que ele está vestindo, avaliando-as como de *mariconazo*⁵³, traduzido ao português como de “viadinho”.

Logo no primeiro quadro verificamos que, muitas vezes, nomes de animais podem ser utilizados como forma de tecer avaliações. O que corrobora com o fato de que as marcas textuais apreciativas podem figurar-se das mais variadas formas em seu uso concreto (MARTIN, 2000). Inclusive, com certa frequência animais são associados às valorações, em geral como uma ênfase negativa, como vimos na tradução do exemplo mencionado. Esse fato reforça a necessidade de uma análise contextual, já que substantivos que nomeiam animais passam a figurar como adjetivos depreciativos.

No quadro em questão, Maitena expõe que, muitas vezes, há o desejo que de se ver o ex unicamente para saber com quem ele “anda”. Nesse aspecto, a autora ironiza o fato de que muitas mulheres, após o fim de um relacionamento, sentem-se satisfeitas ao verem seus antigos companheiros com outras pessoas que consideram “inferiores” a elas. No exemplo, percebemos uma surpresa da personagem ao saber que o homem está com determinada pessoa. O espanto é corroborado por sua expressão e por sua gesticulação.

Em nossa perspectiva, interessa-nos a palavra *gansa*, traduzido ao português como “pata”. Primeiro, observamos que o termo não está sendo utilizado em seu sentido habitual, isto é, como um tipo de ave. Em espanhol, a palavra, em um sentido conotativo, refere-se à uma pessoa malcriada, preguiçosa, descuidada, incapaz e, até mesmo, tonta⁵⁴. Com base nessa acepção, torna-se visível a intencionalidade da personagem no quadro: utilizar *gansa* para inferiorizar a suposta nova companheira.

Em relação ao SA, podemos posicionar tal valoração do seguinte modo: no tocante à atitude, concebemos estar entre os polos do julgamento e da apreciação, mesmo que esta, em geral, se refira a objetos, enquanto aquela está direcionada ao comportamento humano. Assim, o termo *gansa* compreende uma espécie de julgamento de estima social de caráter negativo sobre a normalidade de determinados comportamentos, conceito este construído com base em padrões instituídos.

⁵³ Termo depreciativo em espanhol utilizado para referir-se a homossexuais e a homens com traços considerados femininos, afeminados. Disponível em: <<https://dle.rae.es/marica#AV7YDtA>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

⁵⁴ Disponível em: <<https://dle.rae.es/ganso>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

Entretanto, tal valoração não se limita ao julgamento, pois aparenta existir também uma apreciação. Destacamos que, de modo usual, a apreciação se refere a objetos e fenômenos, mas, como sinaliza White (2004), pessoas também podem ser “apreciadas”. Desse modo, parece incidir sobre a pessoa que recebeu a avaliação um caráter apreciativo sob sua própria composição e valoração.

Ainda em aspectos de avaliatividade, cabe localizar a expressão em termos de engajamento. Martin e White (2005) pensaram o engajamento como a forma de perceber se os emissores reconhecem oradores anteriores a eles, isto é, se, e como, ocorre a abertura a outros discursos, outras vozes, que, quando em caso afirmativo, intitula-se heteroglossia. Em nosso caso, mesmo sem marcas linguísticas explícitas, aparentam existir outras vozes por trás do termo em análise. Nossa perspectiva deve-se ao fato de que os sentidos evocados por *gansa* remetem a padrões construídos socialmente, isto é, derivados de uma concepção que acabou por definir padrões e características através das quais se associaria uma mulher a essa concepção.

Já em face ao quesito tradutório, percebemos alguns aspectos que merecem ser destacados. O primeiro deles, correlacionado à avaliatividade, refere-se ao quesito funcional que a palavra *gansa* tem: julgamos que seu uso possui a função de diminuir a pessoa a qual o termo alude. Portanto, tomaremos esse como sendo o escopo da tradução. Em outras palavras, o termo traduzido deveria cumprir esse objetivo também.

Em aspectos gerais, a tradução do quadro foi feita através da técnica tradutória associada à tradução literal. Assim, *gansa* traduziu-se ao português como “pata”. Nesse cenário, apesar de terem diferenças significativas dentro do campo biológico, consideramos os termos como sinônimos dentro do contexto de circulação do livro. Por esse motivo, tecemos essa análise considerando ambos como sinônimos e a técnica empregada como a da tradução literal.

No entanto, apesar disso, percebemos que a grande problemática dessa tradução é que o aspecto valorativo perde sua força no texto em português. Essa perda deve-se, principalmente, ao fato de que a expressão “pata” não tem força expressiva de avaliação no contexto brasileiro, ao menos não no sentido para o qual foi utilizada. Assim, apesar de existirem sentidos conotativos e expressões idiomáticas para a palavra⁵⁵, principalmente, em sua forma masculina – pato – nenhum deles se aproxima da forma funcional de *gansa* em espanhol. Não obstante, encontramos apenas uma acepção que cumpriria, em parte, o sentido valorativo. Tal sentido é da palavra *gansa*, em

⁵⁵ Em sentido conotativo, conseguimos encontrar referências a jogadores sem habilidade, bem como a homens que, geralmente em companhia a mulheres, pagam todas as despesas. Há expressões como “cair como um pato”, utilizada quando a pessoa é enganada ou ludibriada, e “pagar o pato”, quando alguém acaba arcando como as consequências de ato que não praticou”. Disponível: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pato>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

português, significado este que possui um tom mais evidente de valoração: *gansa* como forma de remeter-se a mulher prostituta, meretriz⁵⁶. Entretanto, mesmo que *gansa* tivesse sido assim traduzida, a funcionalidade seria modificada em comparação ao espanhol, bem como o grau de avaliatividade presente no termo.

Com base nesses aspectos, retomamos Nord (2010) que propõe que uma unidade funcional pode ser traduzida literalmente se as condições de funcionamento forem consideradas iguais nas duas culturas – base e meta. Entretanto, a autora mesmo dispõe que tal fato é bastante raro, mesmo com culturas consideradas bastante próximas, a mencionar os casos de Argentina e Brasil, por sua proximidade física. Como nos quadros de Maitena há uma prevalência da função expressiva significa dizer, nas palavras de Nord (2010, p. 247, tradução nossa) que como “[...] os sistemas de valores são específicos das culturas, podemos encontrar problemas de tradução ao respeito se há divergência de valores entre as duas culturas”⁵⁷. Isso é o que percebemos na análise, uma vez que o valor de *pata* não é compartilhado entre as culturas, não, ao menos, com o mesmo aspecto semântico. Por isso, não houve uma manutenção da funcionalidade na comparação entre TM e TB.

Assim, com base no que discutimos, ponderamos que a tradução não foi bem sucedida no tocante aos critérios utilizados para análise, pois, de modo geral, extinguiu o peso valorativo do texto original, bem como não cumpriu a funcionalidade proposta. Dessa forma, concebemos que a tradução mais adequada de *gansa*, mantendo o caráter avaliativo tal qual o original, assim como a conotação referente à figura do animal, poderia ser através dos termos “lesma”, “toupeira” ou, até mesmo, “anta”.

4.3.4 Análise 4 – Valoração através de animais: *cerdo*

O exemplo da análise 4 assemelha-se ao anterior, principalmente no quesito do uso de uma designação relacionada ao mundo animal para apresentar a avaliação: *cerdo*, traduzido ao português como “leitão”, como veremos com mais detalhes adiante. Ele se distingue do anterior à medida que, pela proximidade entre culturas, o uso da própria tradução literal manteve o sentido valorativo, o que não ocorreu no exemplo anterior.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/gansa/>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

⁵⁷ No original: [...] los sistemas de valores son específicos de las culturas, podemos encontrar problemas de traducción al respecto si hay divergencia de valores entre las dos culturas.

Imagens 5 – Algumas boas razões para começar um regime



Fonte: Maitena, 2005/2003, respetivamente, p. 28.
No original: Algunas buenas razones para empezar el régimen

Este quadro está na seção intitulada “Algumas boas razões para começar um regime”. Nela, Maitena satiriza algumas situações pelas quais as mulheres são levadas a começar uma dieta. Dentre as oito situações apresentadas, encontramos desde motivos associados a roupas que não servem a comentários tecidos por outras pessoas. No quadro em questão, de conteúdo textual há apenas o subtítulo descritivo da situação apresentada. Os demais elementos são não-verbais, como a presença da figura da mulher, com roupas íntimas, segurando as próprias pregas de gordura. A ação é reforçada pela expressão de tristeza e desespero que traz em seu rosto.

Chama-nos atenção, especificamente, o uso do termo *cerdo*, traduzido ao português como “leitão”. Basicamente, esse termo em seu aspecto conotativo, em espanhol, pode referir-se à pessoa ruim, suja (com poucos hábitos de higiene) e que come em excesso⁵⁸. Já sua tradução “leitão”, em modo figurativo, diz respeito exatamente ao último sentindo que *cerdo* evoca, isto é, entende-se “leitão” como uma referência a pessoa que come muito, que está gorda⁵⁹. Portanto, no quesito funcionalidade, parece-nos que o termo no TM deveria expressar uma avaliação de caráter negativo, sugerindo o excesso de peso.

Vale destacar que a palavra “leitão” é tomada, em geral, como sinônima de porco em português. Assim, mesmo que esta tenha um significado mais abrangente, pois engloba também os outros sentidos de *cerdo*, a substituição por aquela em nada prejudicou o quesito avaliativo. Fato

⁵⁸ Disponível em: <<https://dle.rae.es/cerdo#8KHKmOx>> e <<https://www.wordreference.com/definicion/cerdo>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/leit%C3%A3o/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

que garantiu, sob aspectos funcionalistas, o propósito do termo no texto traduzido. No português brasileiro, a acepção “leitão” é funcional para o contexto, mesmo que, em algumas regiões, a referência mais comum seria o termo “porco”, entretanto, caso se desejasse um termo mais recorrente, outra opção seria a palavra “baleia”⁶⁰, o qual em sua forma pejorativa é, de forma recorrente, utilizada para fazer referência às pessoas gordas⁶¹.

Assim, no tocante ao SA, podemos posicionar *cerdo*, e sua respectiva tradução, sob o mesmo parâmetro que *pata*, do exemplo anterior. Assim, localiza-se dentro do parâmetro atitude, pois expressa uma avaliação linguística negativa em relação ao peso. Ainda dentro de atitude, no que confere às subpartes, *cerdo* aparece com um valor de julgamento de estima social, como uma piada, mas que traz à tona uma valoração da normalidade de uma determinada atitude, qual seja a de comer.

Autores como Vian Junior, Souza e Almeida (2010) consideram que o subsistema julgamento é construído com base em um conjunto de regras/normas convencionadas de comportamento, que são construídas de formas diferentes em cada cultura. Diante disso, parece-nos interessante perceber que, em alguns casos, tais culturas se afastam, como no caso de *pata*, e, em outros, como de *cerdo*, se aproximam, utilizando, inclusive, o mesmo termo avaliativo. Nesse aspecto, Nord (1994) corrobora com a discussão ao propor que existam funções transculturais e, até mesmo universais, mas que variam no que tange à manifestação textual, uma vez que não basta apenas a disposição no sistema linguístico, mas das convenções e normas específicas que dispõem cada uma das línguas.

Consideramos que esse seja um exemplo de caráter avaliativo que carregue consigo uma característica mais globalizada. Como apresentamos no início desse trabalho, há valorações universais como bonito/feio, mas, a depender do contexto, os referentes que os definem podem ser diferentes. Entretanto, na contemporaneidade, parece existir o que Dantas (2011) definiu como um culto ao corpo, isto é, a um padrão globalizado de beleza feminina, o que inclui a magreza⁶².

⁶⁰ Pym (2017) diferencia a equivalência natural da equivalência direcional. Aquela pressupõe que o que se pode dizer em uma língua pode ter o mesmo valor em outra, não importando se vamos a língua A para a B ou vice-versa. Já esta percebe a direcionalidade como um fator relevante. Assim, se há uma tradução de A para B e depois se faz uma retradução de B para A não se chegará, necessariamente, ao mesmo ponto de partida. Essa noção é interessante ao propor que a direção de tradução é relevante. Assim, por exemplo, se partíssemos do uso figurativo de “baleia” em português, não chegaríamos automaticamente a *cerdo*, inclusive porque há em espanhol uma palavra do mesmo campo semântico que “baleia” para fazer referência ao mesmo sentido, o termo *foca*. Disponível em: <<https://es.thefreedictionary.com/foca>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

⁶¹ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/baleia>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

⁶² Nas palavras de Dantas (2011, p. 901, inserção nossa) “[...] o culto ao corpo [é] [...] um modo de relação dos indivíduos com seus corpos baseada numa preocupação exacerbada em modelar e aproximar este corpo do ideal de beleza estabelecido. [...] Um corpo magro, belo e jovem virou um mandamento ligado à ideia de sucesso e felicidade de nossa época.”

Assim, comparando os dois exemplos, este e o anterior, parece-nos viável utilizar a discussão trazida por Nord (1994, p. 106, tradução e comentários nossos), a qual pondera que “as fronteiras de um âmbito cultural não são claras, nem estão fixadas de uma vez por todas. Dentro de um determinado grupo [de línguas] pode haver um comportamento comum em um campo [...] [este exemplo] e comportamentos diferentes em outro [exemplo anterior]”⁶³. Mesmo tratando da tradução, a autora tece um comentário que serve ao campo Avaliativo igualmente: diferentes culturas não emitem avaliações de forma igual. Em realidade, mesmo dentro de uma mesma língua há possibilidade de diferença de significados. Isso faz com que estas possam aproximar-se em alguns pontos e, na mesma medida, afastar-se em outros.

4.3.5 Análises 5 e 6 – Dois pesos, duas medidas: atorranta

Imagens 6 – Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres



Fonte: Maitena, 2005/2003, respectivamente, p. 7.

No original: Algunos de los prejuicios más comunes respecto de las mujeres

Imagens 7 – Algumas delícias de relação pai-filha



⁶³ No original: Las fronteras de un ámbito cultural no son claras ni están fijadas una vez por todas. Dentro de un determinado grupo puede haber comportamiento común en un campo [...] y comportamientos diferentes en otro.

Fonte: Maitena, 2005/2003, respectivamente, p. 56.
No original: Algunas delicias de la relación padre-hija

Diferentemente das outras análises, nesta propomos a observação conjunta dos quadros pertencentes às análises 5 e 6. Essa escolha justifica-se, grosso modo, pela presença de um mesmo termo valorativo, mas com gradações diferentes de avaliatividade em cada um dos casos, como veremos na sequência.

Começamos por entender o contexto no qual estão inseridos estes dois quadros, pois a partir dele é possível compreender o uso do termo *atorranta*, o qual nos despertou interesse. O primeiro está em uma seção já mencionada na análise 1: “Alguns dos preconceitos mais comuns em relação às mulheres”. Como dito anteriormente, os quadros expõem situações nas quais as mulheres, caso possuam algum atributo positivo, terão, por obrigação, outro que, de modo geral, anula o primeiro mencionado. Por exemplo, se alguma tem muito dinheiro, certamente é porque há alguém – um homem – que está bancando.

No quadro em questão, há a presença de um rapaz que conversa com seu pai sobre uma mulher, com a qual, provavelmente, tem um relacionamento recente. A nível de expressividade dos personagens, percebemos dois opostos: o rapaz aparenta estar muito animado ao referir-se a ela, ao passo que o pai carrega um semblante de aversão, corroborado pelos braços cruzados⁶⁴.

Tais fisionomias são confirmadas quando observamos suas falas. Enquanto o rapaz enumera animadamente atributos que considera positivos na mulher, como o fato de estudar à noite e trabalhar durante o dia e o de morar sozinha, o pai emite uma percepção totalmente diferente do filho, considerando tais características como um polo negativo. Em síntese, tudo o que o rapaz considera como positivo, o pai julga o contrário.

Consideramos que essa diferença ocorra, dentre outros motivos, pela diferença entre as gerações, dado que a percepção sobre o papel da mulher, em seus diversos aspectos, alterou-se significativamente nos últimos anos. Nesse cenário, Pinto (2015, p. 15) considera que esse processo “[...] se estabelece a partir da internalização e reprodução de normas, crenças e costumes de modo que a realidade de determinado contexto seja experimentada como algo naturalizado”. Assim, o que é visto com bons olhos para um, não o é para o outro.

Já nosso segundo caso está presente na seção intitulada “Algunas delicias da relação pai-filha”, que difere-se das outras seções por algumas características: a primeira, é que,

⁶⁴ Analisar a linguagem corporal não é objetivo de nosso trabalho, mas nesse caso, em específico, vale a pena destacar alguns pontos. Pease e Pease (2006) mencionam que os braços cruzados, de modo geral, são atrelados à posição negativa ou defensiva, que surge como uma tentativa de bloquear o que é recebido. No quadro em si, parece-nos que busca expressar uma aversão em relação a nova companheira do filho.

estruturalmente, não há o subtítulo descritivo de cada quadro – traço recorrente na obra de Maitena; a segunda é que, de certo modo, se correlaciona com a primeira, pois há uma ordem cronológica nos quadros, retratando fatos da relação pai-filha que iniciam-se quando esta é criança e termina quando se torna adolescente.

Ao segundo ponto, cabe mais desenvolvimento. Cada quadro, dos seis que compõem a seção, retrata uma situação na qual o pai atende às vontades, aos desejos da filha, independentemente da situação. Tais situações vão desde, quando ainda criança, autorizar que a filha não coma quando não quiser, até tirar satisfações com uma professora porque esta supostamente teria gritado com ela. O cenário só parece ser alterado quando, supomos pela fala do pai, a filha já adolescente se refere a um suposto namorado a ele – sendo este o quadro de análise.

Assim, no quadro temos a presença de um pai e uma filha. Aquele com uma expressão raivosa, reforçada pela sua fala, inclusive destacada com um tracejamento mais forte. Assim, como o par que compõem a díade de análise, nos chama a atenção a posição dos braços do homem⁶⁵, já que cooperam para a construção de sentidos. Já daquela temos apenas a expressão atônita diante do que expressa seu pai. Não temos acesso ao que ela proferiu anteriormente, mas isso não afeta a compreensão do contexto. Esse quadro vai ao encontro do que Pinto (2015) apresenta, pois, de acordo com a autora, a mulher, ao correr da história, não possuía controle nem sobre questões ligadas à sua intimidade, como sentimento e sexualidade, já que, por muito tempo, e com resquícios até na atualidade, tais manifestações dependiam da autorização e aceite da figura paterna, sem mencionar os casos em que este decidia quem poderia ocupar tal papel.

Depois da apresentação geral, cabe destacar em que ponto ambos se aproximam: a presença do termo, em espanhol, *atorranta*. Essa palavra é a principal fonte de avaliatividade na fala dos pais dos quadros. O adjetivo é comumente utilizado na Argentina e Uruguai e possui, basicamente, três sentidos: *atorranta* pode ser utilizado para qualificar uma pessoa preguiçosa, que possui pouca vontade para trabalhar; pode se referir à pessoa que não possui domicílio fixo⁶⁶; e, em um contexto ainda mais depreciativo, é utilizado para se referir a prostitutas, a mulheres imorais⁶⁷.

Apesar de os três significados trazerem uma característica de valoração, percebemos, pelo contexto, que *atorranta*, nos quadros em questão, foi utilizado com proximidade ao último sentido. Por isso, no tocante à funcionalidade, em ambos, apreciamos que a finalidade concerne em

⁶⁵ Pease e Pease (2006) propõem que postura carrega certa agressividade, isto é, que as mãos na cintura indicam, de modo geral, irritação e falta de paciência.

⁶⁶ Disponível em: <<https://dle.rae.es/atorrante?m=form>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.diccionarioargentino.com/term/Atorranta>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

inferiorizar/diminuir a pessoa a qual se refere, isto é, a nova companheira do filho e a própria filha por ter arranjado um namorado.

Levando em consideração o modelo quadrifuncional proposto por Nord (2010), julgamos que as incidências do termo *atorranta* exercem funções diferentes nos contextos nos quais aparecem. No primeiro caso, o seu uso parece estar ligado à função expressiva, através da qual o personagem emite uma opinião, de cunho avaliador, em direção à mulher. Entretanto, no segundo caso, apesar da faceta expressiva, aparenta se aproximar mais de uma função mais apelativa, justamente porque este pai busca convencer a filha e espera que ela perceba o comportamento negativo que ele atribui à situação.

Ao observarmos a tradução dos respectivos quadros, verificamos que a tradutora optou por transpor ao português de forma diferente o mesmo termo, utilizando técnica relacionada à adaptação para a CM. Esse é o principal aspecto que destacamos em nossa análise: como um mesmo termo, traduzido de forma diferentes, apresenta graus de avaliatividade diferentes. Vale destacar que não há qualquer empecilho em traduzir um mesmo termo de modos diferentes, ideia defendida por Nord (1994) justamente por valorar que o importante é que se cumpra a funcionalidade determinada para o TM. Inclusive pensamos que a tradução foi bem sucedida, em nível de função, pois o caráter avaliativo permaneceu dentro de cada um dos contextos.

Interessa-nos verificar como a tradução do termo *atorranta* pode figurar em lugares diferentes no que toca ao aspecto gradativo. Salientamos que dentro do SA há o subsistema gradação, o qual é utilizado para verificar como as avaliações podem ser atenuadas ou intensificadas, principalmente em graus de positividade e de negatividade (CRUZ, 2012). Autores como Vian Junior, Souza e Almeida (2010) consideram que há uma escala de intensidade avaliativa, na qual elementos avaliativos podem ser classificados.

Assim, a gradação no quesito força se refere à intensificação nos dois casos, pois há uma acentuação negativa no uso. Entretanto, a escala de gradação não pode ser medida sob o uso da mesma régua, já que quando se traduz *atorranta* como “vagabunda”, no primeiro caso, colocamos o termo em um polo mais negativo do que quando, em comparação, se transpõe *atorranta* para “indolente”, no segundo caso. Julgamos que há, inclusive, uma suavização no segundo caso. Por fim, consideramos que esse exemplo retrata que um mesmo termo ao ser traduzido no TM e, até mesmo, em seu TB pode figurar em distintos pontos em relação ao critérios do SA, o que corrobora que só se pode perceber a carga avaliativa com base no enunciado completo (WHITE, 2004).

4.4.6 Análises 7 e 8 – Outras possibilidades de tradução: literalidade ou não?

Imagens 8 – Os seis riscos mais comuns da festa de aniversário



Fonte: Maitena, 2005/2003, respectivamente, p. 67.

No original: Los riesgos más comunes de “La fiesta de cumpleaños”

Imagens 9 – As coisas que você percebe com a chegada do calor



Fonte: Maitena, 2005/2003, respectivamente, p. 10.

No original: Las cosas de las que te das cuenta con los primeros calores

No início do capítulo 3, discutimos brevemente algumas teorias e concepções ligadas ao campo da tradução. Autores como Pym (2017) apresentam que, na história da tradução, há teorias que vão desde a defesa do texto traduzido como cópia fiel do texto original, até outras que consideram que os fatores culturais devem acompanhar as decisões tradutórias. Consideramos que a própria percepção do que seja a tradução, adotada pelo tradutor, influencie nas técnicas utilizadas por este no processo de translação. Nesse cenário, dentre as várias técnicas de tradução, destacamos a de tradução literal, que é tida por muitos como a ideia de tradução (BARBOSA, 2004). Nos propomos a analisar, nos exemplos 7 e 8, como o uso de uma técnica tradutória diferente poderia – ou não – modificar a avaliatividade de uma expressão.

Nesse aspecto, seguimos a mesma organização das outras análises e começamos pela contextualização. O primeiro quadro está na seção “Os seis riscos mais comuns da festa de aniversário”. Nela, a autora ilustra riscos que mulheres podem ter ao promover uma comemoração de aniversário. Dentre as situações estão convidar várias pessoas e aparecem poucas e deprimir-se antes dos convidados chegarem. Interessante é notar que, nessa seção em específico, o aspecto valorativo é atribuído pela própria autora, como veremos adiante. O quadro em análise apresenta que um dos riscos é convidar pessoas de grupos sociais diferentes e estes acabarem não se entendendo, como familiares e colegas da faculdade.

Já o segundo encontra-se na seção intitulada “As coisas que você percebe com a chegada do calor”, na qual Maitena apresenta algumas circunstâncias que a chegada do calor – verão – acaba por reforçar: como o fato que o período escolar dos filhos está terminando e que sua barriga continua “lá”. No quadro em questão, tal análise está relacionada ao fato de que, com o calor, há uma vontade maior de largar o emprego e aproveitar os dias mais bonitos e longos.

De ambos, interessa-nos as palavras *mangos* e *ganado*, respectivamente. O primeiro é utilizado coloquialmente na Argentina para fazer referência a dinheiro, especificamente ao peso⁶⁸. Para traduzi-lo, a tradutora optou por utilizar um método mais adaptativo, transpondo a expressão *dos mangos* por “uma miséria”. Já o segundo, *ganado* é utilizado coloquialmente para fazer alusão a um grupo de pessoas⁶⁹. Assim como o exemplo anterior, optou-se por uma adaptação em sua tradução, a qual fez-se por “tribos”.

Esses dois quadros não apresentam um contexto avaliativo tão explícito, tão evidente, já que a valoração aparece em termos menos enfáticos. Esse caráter avaliativo dos quadros, como mencionado anteriormente, parece-nos partir diretamente da cartunista Maitena em relação às situações. No primeiro caso, aparenta existir, com base no SA, uma valoração do subsistema atitude ligada ao julgamento da própria cartunista em relação à ação da mulher em convidar pessoas de “tribos” diferentes. Já no segundo, a valoração, também no campo da atitude, concentra-se mais no âmbito da apreciação, nesse caso ao trabalho, especificamente ao salário, principalmente no que tange à valoração, aspecto social relacionado ao significado social que algo tem.

Nesse cenário, o que nos interessa é perceber como a técnica de tradução empregada auxilia na manutenção ou não da avaliatividade. Por isso, nesse ponto, tencionamos a imaginar como estaria a avaliatividade desses dois itens caso trocássemos a técnica tradutória. Em outras palavras, importa-nos, aqui, verificar se com essa alteração, de adaptativa para literal, a avaliatividade se manteria.

⁶⁸ Disponível em: <<https://dle.rae.es/mango?m=form>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

⁶⁹ Disponível em: <<https://dle.rae.es/ganado?m=form>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Vejamos o que aconteceria em cada um dos casos. Já vimos que, em espanhol, *ganado* tem como significado, além do usual, a referência a um grupo de pessoas. O termo foi traduzido como “tribos”. Literalmente, *ganado* se iguala ao termo “gado” do português. O termo até possui uma acepção conotativa, mas que se difere totalmente do termo em espanhol. No português, a expressão “gado” surgiu como uma forma de intitular homens que faziam de tudo para conquistar uma mulher. Hoje, o termo foi ampliado e passou a fazer referência às pessoas que não possuem opinião própria e que são facilmente enganados, persuadidos⁷⁰. Nesse contexto, percebemos que a troca geraria uma alteração significativa de sentido em relação ao original, bem como a avaliatividade do termo passaria a ter uma gradação maior.

Já no segundo quadro, *mangos*, em espanhol, faz alusão à unidade monetária, ao peso propriamente dito. Foi traduzido ao português como “miséria”, palavra que tem como uma de suas acepções a referência que um determinado valor, nesse caso o salário, é muito baixo. Entretanto, no português, também existe a palavra “mango”, utilizada em algumas regiões, com acepção de referência ao dinheiro, ao real, com uso idêntico ao espanhol⁷¹. A única diferença existente relaciona-se à frequência de uso, uma vez que, na Argentina seu uso parece ser mais regular que no Brasil. Assim, nesse quadro, seria factível, em partes, que se empregasse outra técnica tradutória, como a da tradução literal, pois o sentido valorativo permaneceria.

Esses dois exemplos nos permitem vislumbrar quanto a tradução se relaciona com a avaliatividade, isso porque uma escolha tradutória não gera as mesmas consequências que outra. Nesse aspecto, tal análise é considerada por Nord (1998, p. 70, tradução nossa) essencial para o tradutor, já que este deve interpretar e selecionar os indicadores funcionais que devem estar presentes no TM e verificar “se podem ser empregados como tais para cumprir as funções desejadas do texto meta ou se é necessário adaptá-las às convenções e normas comunicativas vigentes na cultura meta”. Por isso, esses dois exemplos, à luz do funcionalismo, demonstram a força da função do texto em detrimento da técnica tradutória, uma vez que esta acaba sendo uma consequência daquela e não o contrário.

O fato acaba corroborando com o que Martin e White (2005) afirmam ao propor que um elemento pode variar de significação a depender de seu contexto. Assim, mesmo que duas línguas possuam um mesmo vocábulo e que estes são aparentemente próximos, isso não significa que ambos poderão ser utilizados nos mesmos contextos. Assim, é perceptível que, em alguns casos,

⁷⁰Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/gado/>>, <<https://www.dicionariopopular.com/gado-demais/>>, <<https://definicao.net/gado-demais-significado/>>. Acessados em: 14 jul. 2020.

⁷¹ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mango/>> e <<https://www.dicionarioinformal.com.br/mango/>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

varia totalmente o valor cultural que um elemento tem, enquanto em outro parece carregar consigo o mesmo uso.

4.4.7 Análise 9 – Ser um *crack*

Imagens 10 – As seis injustiças mais machistas quando o assunto é beleza



Fonte: Maitena, 2005/2003, respectivamente, p. 23.

No original: Las seis injusticias más machistas del culto a la belleza

Dando sequência, este quadro foi retirado da seção “As seis injustiças mais machistas quando o assunto é beleza”. Nela, Maitena agregou um tom de valoração em cada um dos quadros, ao expor situações comparativas entre homens e mulheres, na quais exige-se muito mais – beleza – destas do que daqueles. Dentre as situações apresentam-se algumas relacionadas ao fato de que, por exemplo, há quase uma exigência que a mulher seja magra, enquanto aos homens reserva-se o direito ou não de o sê-lo; e que as mulheres têm quase uma obrigação a fazer depilação, enquanto aos homens não se faz esse tipo de cobrança.

Já o quadro em análise é valorativo em todos os seus aspectos, isto é, aqui a avaliação não está presente apenas em um quadro, mas em todos seus elementos. Assim, no subtítulo, a autora já satiriza o fato que ver um homem mais velho com uma mulher mais nova não nos espanta como ao contrário, ver uma mulher mais velha com um homem mais novo. No primeiro, naquele caso é algo notável, enquanto neste é um escândalo. A situação é comprovada pela cena retratada: temos um casal, uma mulher mais velha e um rapaz, e, ao fundo, um casal tece comentários depreciativos sobre os primeiros. Eles falam justamente sobre essa diferença de idade, valorando que à mulher/corona não deve ser nada barato estar com um homem mais novo, algo que insinua que ela deve pagar para ter aquele relacionamento.

Esse exemplo evidencia que a linguagem avaliativa, muitas vezes, não se restringe a apenas um termo, mas pode ser construída diante de um contexto. Nesse sentido, mesmo nos casos em que

destacamos elementos textuais, estes foram analisados com base no contexto no qual figuravam. Dessarte, podemos localizar o quadro como um todo dentro, principalmente, do subsistema atitude, mais especificamente em termos de julgamento de sanção social. Isso porque percebemos que o casal acaba por emitir uma valoração ao casal, em especial à mulher, em relação ao seu comportamento social. Certamente, essa opinião foi construída com base em valores sociais estabelecidos, o que reforça o caráter avaliativo de normalidade desse comportamento – uma mulher mais velha relacionar-se com um homem mais novo. Enquanto, este é considerado anormal, o contrário parece não gerar a mesma repulsa.

Apesar de voltarmos nossa atenção ao todo, chamo-nos atenção o emprego do termo *crack* como um adjetivo que qualifica o homem que mantém um relacionamento com uma mulher mais nova. Esse termo deriva da língua inglesa e está presente também em português praticamente com o mesmo significado: ademais da acepção relacionada à droga, se utiliza para referir-se a alguém que se destaca por talento ou habilidade em alguma área, principalmente no esporte⁷². Diferem-se, portanto, em nível de abrangência, pois, no espanhol, *crack* tem um uso mais abrangente, já que se refere, ademais de pessoas habilidosas, a pessoas dignas de admiração e simpáticas. Ao passo que, no Brasil, tal incidência restringe-se mais ao esporte. Destacamos que, mesmo o contexto emitindo uma avaliação negativa à situação, esse vocábulo em si transmite uma valoração de cunho positivo. Entretanto, à diferença do espanhol, em português, em geral, não se utilizaria esse termo para referir-se à situação apresentada. Nesse ponto, reside a escolha da tradutora por traduzir funcionalmente *crack* para “gostosão”, termo muito mais representativo no português.

Apesar de não sabermos a que corrente se filia a tradutora dos quadros, Rita Vynagre, há características funcionalistas que podem ser percebidas em algumas de suas traduções. Sob esse viés, é concebível pensar que nem todas as respostas estão no TB, mas podem ser encontradas olhando para o TM, isto é, para a LM. Nesse aspecto, Nord (2010b) se refere a esse processo como um salto pela vala cultural, ação que pode ocorrer por duas perspectivas: partindo do TB para o TM, procedimento A, ou ao contrário, saindo do TM para o TB, procedimento B. Para diferenciar tais caminhos, utilizamos as próprias palavras de Nord (2010b, p. 11, tradução nossa)

O procedimento A parece ser o mais «seguro» (não se afastar demais do texto base para produzir uma tradução mais «fiel» possível) – mas tem a desvantagem de que inclusive depois de dois ou três passos de melhora a vala cultural permaneça diante do tradutor, e qualquer cavalo teria dificuldades para saltar uma vala quando a tem demasiado perto. Se permanece neste lado da vala, a tradução seguirá sendo um texto próprio da *cultura* base, ainda que na *língua* meta. Para se decidir pelo procedimento B se necessita mais coragem, e a desvantagem aqui pode ser que

⁷² Disponível em: <<https://definicion.de/crack/>> e <<https://dle.rae.es/crack>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

alguns detalhes do texto de origem se percam no salto. Convém, portanto, depois de chegar à cultura meta, olhar para trás para recobrar os elementos da bagagem que ainda faltam para a produção de uma tradução adequada.⁷³

Em outras palavras, sob o viés funcionalista é possível pensar a transposição cultural a partir de uma outra visão: concebendo que, muitas vezes, não se faz necessário sair do TB e nem pensar que ele tem todas as respostas; às vezes, o salto se dá olhando para a CM e, por consequência, a LM, através de uma percepção que admite as idas e vindas entre as duas línguas.

4.4.8 Análise 10 – Tirar un par de lances

Imagens 11 – Os seis primeiros passos clássicos de uma recém-separada



Fonte: Maitena, 2005/2003, respectivamente, p. 44.

No original: Los seis clásicos primeros pasos de una recién separada

Finalmente, em nossa última análise, trazemos um quadro da seção “Os seis primeiros passos de uma recém-separada”. Maitena apresenta algumas situações típicas que costumam acontecer com as mulheres depois que terminam um relacionamento. Dentre as situações apresentadas estão o desejo de mudar de visual, a preocupação com o corpo e, até mesmo, a vontade de comprar um cachorro. No quadro acima, Maitena apresenta que, após o fim de um relacionamento, muitas mulheres acabam se reaproximando de amigas das quais haviam se afastado por causa da relação amorosa. De acordo com o subtítulo, esse afastamento ocorria porque ele não

⁷³ No original: El procedimiento A parece ser el más «seguro» (no alejarse demasiado del texto base para producir una traducción lo más «fiel» posible) – pero tiene la desventaja de que incluso después de dos o tres pasos de mejora la valla cultural permanece ante el traductor, y cualquier caballo tendría dificultades para saltar una valla cuando la tiene demasiado cerca. Si permanece en este lado de la valla, la traducción seguirá siendo un texto propio de la cultura base, aunque en lengua meta. Para decidirse por el procedimiento B se necesita más coraje, y la desventaja aquí puede ser que algunos detalles del texto de origen se pierdan en el salto. Conviene, por lo tanto, después de arribar a la cultura meta, mirar hacia atrás para recobrar los elementos del bagaje que todavía faltan para producir una traducción adecuada.

gostava de tais amigas. Entretanto, a cartunista destaca que, quando há a reaproximação, a pessoa pode ficar sabendo de coisas inacreditáveis.

É nesse cenário que temos duas personagens e sobre a fala de uma delas reside nossa análise: ela acaba por dizer que o ex-companheiro da amiga *se me tiró un par de lances*. Com base nesse enunciado, é possível observar que tenha origem na expressão do espanhol *tirarse un lance*, a qual pode ser usada em diversas situações, mas que, basicamente, se refere a ação executada sem certeza que funcionará, isto é, decidir-se a fazer algo por considerar o momento oportuno, mesmo sem garantia que funcione⁷⁴. Assim, pelo contexto, podemos supor que ela se refere a que o ex-companheiro da amiga deu investidas amorosas a ela, isto é, a paquerou.

Por isso, percebemos que esse comentário apresenta um contexto avaliativo de reprovação do comportamento do homem, já que o esperado para a situação é que, quando se está em um relacionamento monogâmico, não se demonstre interesse amoroso por outras mulheres, especialmente direcionado às amigas de sua companheira. Assim, no tocante ao SA, esse traço avaliativo concerne principalmente ao subsistema atitude, principalmente no caráter de julgamento ao comportamento que o homem teve.

No tocante à funcionalidade, parece-nos residir justamente na emissão de uma reprovação do comportamento do homem. O trecho *él se me tiró un par de lances* foi traduzido ao português “eu tive uns dois encontros com ele”. A tradução não nos parece ter cumprido com o objetivo para o qual foi planejada, uma vez que houve uma alteração de sentido e, de forma análoga, do caráter avaliativo. Vejamos com atenção: há uma diferença bastante significativa entre o homem ter a paquerado e eles terem tido alguns encontros. Enquanto no primeiro caso o caráter avaliativo está direcionado ao homem, no segundo, ele passaria a estar para os dois, a ele e a amiga. Portanto, nesse contexto, julgamos que seria mais adequado, em vistas da funcionalidade, que tal trecho tivesse sido traduzido como “ele deu em cima de mim”, “me flertou algumas vezes” ou “me cantou”.

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.ar/loterias/tirarse-un-lance-n93872>> e <<https://que-significa.com/significado.php?termino=tirarse+un+lance>>. Acessados em: 15 jul. 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à parte final de nosso trabalho. Assim, para concluí-lo propomos, inicialmente, uma retrospectiva sobre seus capítulos, apresentando por último a Introdução, pois é abordada em pormenores na sequência. Assim, no capítulo 2, nosso interesse esteve voltado à compreensão da teoria da Avaliatividade e, em específico, ao SA. Essa vertente busca analisar como os emissores expressam linguisticamente suas avaliações, dentre elas as opiniões, julgamentos, apreciações etc. Apesar da amplitude de suas possíveis realizações, Martin e White (2005) desenvolveram o SA, o qual permite que estas emissões sejam categorizadas em termos de atitude, gradação e engajamento.

A continuação, no capítulo 3, nos detivemos a explorar o campo de estudos de tradução. Partimos de uma perspectiva mais abrangente, na qual foi abordado o conceito de tradução e tecemos algumas considerações sobre as técnicas e teorias concernentes à área. Após esse trecho introdutório, discutimos aspectos da Teoria Funcionalista de tradução com base, principalmente, nos estudos de Nord. Nesse cenário, nos interessou compreender, dentre outros aspectos, a teoria do escopo e as funções da linguagem. Ao final do capítulo, propomos uma aproximação entre os dois campos: Avaliatividade e a tradução à luz do funcionalismo.

Por fim, no capítulo 4, exploramos os aspectos teóricos dos capítulos anteriores a partir da realização das análises de nosso *corpus*, composto por dez quadros selecionados do livro *Mujeres Alteradas I*, da cartunista bonaerense Maitena. Os quadros foram selecionados com base na presença de elementos valorativos e de questões tradutórias relevantes. Assim, a análise ocorreu com base na metodologia apresentada, destacando o aspecto qualitativo da investigação. Cada quadro nos permitiu explorar aspectos pontuais das duas teorias apresentadas, o que reforçou a possível intersecção dos campos.

Depois desse recorrido pelo trabalho, interessa-nos pontuar algumas questões apresentadas na Introdução. O primeiro ponto está relacionado ao cumprimento dos objetivos propostos. Tencionávamos, no objetivo geral, comparar como os elementos valorativos presentes nos quadros originais foram traduzidos ao português à luz da teoria funcionalista. Já como objetivos específicos, queríamos identificar a presença da linguagem avaliativa na obra *Mujeres Alteradas I* ([2003] 2005); classificar tais elementos dentro da Teoria da Avaliatividade (doravante TA); e verificar, a partir da teoria funcionalista de tradução, como eles foram traduzidos ao português com vistas ao cumprimento ou não de seus objetivos.

Nessa perspectiva, acreditamos que os objetivos foram alcançados, pois, de modo geral, alcançamos a percepção de como a Avaliatividade presente nos quadros foi traduzida ao português.

De modo específico, percebemos que o tom valorativo é uma característica intrínseca da obra de Maitena, pois, ao tecer suas críticas aos estereótipos femininos, a autora emite juízos de valor sobre as diversas temáticas abordadas em seus quadros. Além disso, foi possível classificar os elementos valorativos dentro do SA, com base na característica predominante do tipo de avaliatividade. Por fim, com convergência com o funcionalismo, verificamos a funcionalidade ou não da tradução de palavras/expressões analisadas no que concernia à manutenção da valoração.

As perguntas que nos propomos a responder foram: qual é a presença de elementos valorativos no livro *Mujeres Alteradas I* de Maitena? Como tais componentes valorativos foram traduzidos à língua portuguesa, em sua variedade brasileira? E, por fim, houve a manutenção do aspecto semântico-avaliativo no produto tradutório? Diante do que construímos nesta pesquisa, podemos respondê-las do seguinte modo: em relação à primeira, a Avaliatividade aparece com frequência em seus quadros, sendo uma característica marcante de sua obra. Em alguns casos a percebemos de modo mais explícito e em outros mais implícito. No tocante às outras duas, as palavras/expressões foram traduzidas ao português brasileiro a partir de duas técnicas, tradução literal e equivalência, em nível de adaptação. Percebemos que, em alguns casos, o aspecto semântico da valoração, após a tradução, foi alterado consideravelmente, tanto em dimensões de atenuação, quanto de acentuação. Motivo este pelo qual sugerimos, em alguns deles, outra proposta de tradução.

Nossas hipóteses foram construídas com base nesses questionamentos e no trabalho preliminar de Dessbesel e Laiño (2017). A primeira consistia na ampla presença de elementos avaliativos nos quadros e a segunda que a tradução de tais elementos, em alguns casos, não cumpriria os objetivos para os quais foi feita, principalmente no quesito da alteração valorativa. De fato, com a construção da investigação, verificamos a ampla ocorrência de excertos avaliativos, bem como verificamos que, em alguns casos, a tradução de tais não cumpriu o quesito funcional proposto.

A principal limitação de nossa pesquisa foi a impossibilidade de obter informações sobre o encargo de tradução. Nord (2012) pondera que as funções que deve desenvolver o TM não são obtidas automaticamente a partir da análise do TB, uma vez que estas dependem grandemente da funcionalidade atribuída ao tradutor, isto é, do que se solicitou ao tradutor. Assim, o TM não precisa, necessariamente, cumprir as mesmas funções do TB. Entretanto, à título de organização, foi com essa noção que trabalhamos: a de que o TM deveria cumprir as mesmas funções do TB.

Consideramos que a principal contribuição de nosso trabalho seja o de conseguir aproximar os dois campos de estudo, avaliatividade e tradução funcionalista. Em outras palavras, em propor a

interface teórica e prática entre os estudos da avaliatividade e da tradução sob viés funcionalista. Essa aproximação permitiu uma análise mais consistente de nosso *corpus* de pesquisa, uma vez que ofereceu os subsídios para tal. Inclusive vale destacar que há premissas que aproximam as duas áreas, por exemplo, o aspecto do contexto linguístico é essencial tanto para Avaliatividade quanto para a perspectiva funcionalista.

Nesse cenário, apesar de alguns trabalhos já utilizarem essa intersecção, estes ainda são escassos no Brasil. Por isso, nossa pesquisa pode repercutir em um alargamento para outros trabalhos que também tenham como base a interface proposta, a fim de aprofundar esse panorama ou utilizá-lo na observação de outros aspectos linguísticos ligados ao campo da tradução e da avaliatividade.

REFERÊNCIAS

- ALBIR, Amparo Hurtado. **Traducción y Traductología**: introducción a la traductología. Madrid: Cátedra, 2001. 695 p.
- ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Pereira; VIAN JUNIOR, Orlando. Estudos em avaliatividade no Brasil: panorama 2005-2017. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 273-295, abr./jun. 2018. Universidade Federal de Goiás.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. A teoria na prática. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003. 85 p.
- AUBERT, Francis. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta?. **Ilha do Desterro**: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, Florianópolis, v. 17, n. 0, p. 185-192, jul./dez. 1987.
- BAKHTIN, Michael. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BARROS, José D'assunção. Teoria e metodologia: algumas distinções fundamentais entre as duas dimensões, no âmbito das ciências sociais e humanas. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, p.273-289, jan./abr. 2013.
- BLAUTH, Taís Paulilo. **A paisagem indizível em duas traduções brasileiras de *Heart of Darkness***: uma análise de estilo com base em corpus. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- BOHUNOVSKY, Ruth. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 8, p.51-62, jul./dez. 2001.
- CABRAL, Sara Regina Scotta. **A mídia e o Presidente**: um julgamento com base na Teoria da Valoração. Santa Maria: UFSM, 2007. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, 2007.
- CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da. **A Avaliatividade em pareceres de revista científica de Linguística**: uma perspectiva sistêmico-funcional. 2012. 221 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011.
- DESSBESEL, Elisete Elvira. **A tradução da ironia nos quadrinhos de *Mujeres Alteradas 1***: uma análise à luz da teoria funcionalista de Christiane Nord. Orientador: Maria José Laiño. 2017.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português e Espanhol) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2497>. Acesso em: 6 jul. 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FURLAN, Mauri. Possibilidade(s) de Tradução(ões). **Cadernos de Tradução**, Florianópolis: UFSC, n. 3, p. 89-111, 1998.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009. Tradução de Marcos Malvezzi.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 30, ed. 03, p. 15-41, Jul./Set. 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. London: Arnold, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 162 p. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes.

KENEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003. p. 17-28.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MAITENA. **Mujeres Alteradas 1**. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. 80 p.

MAITENA. **Mulheres Alteradas 1**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 80 p. Tradução de Ryta Vinagre.

MARTIN, James Robert. Beyond exchange: appraisal systems in English. In: HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff. **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working with Discourse: meaning beyond the clause**. New York: Continuum, 2003.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave, 2005.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo linguístico: um breve histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 3, n. 2, p.18-35, jul./dez. 2009.

MIRANDA, Hellen Betin. **Bergoglistmos**: uma análise contrastiva à luz da neologia e da avaliatividade em corpus de discursos do Papa Francisco. 2018. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

NORD, Christiane. **Texto base - texto meta**: un modelo funcional de análisis pretraslativo. Castelló de La Plana: Publicacions de La Universitat Jaume I, 2012. 282 p.

NORD, Christiane. Las funciones comunicativas en el proceso de traducción: un modelo cuatrifuncional. **Núcleo**, Caracas, v. 27, p.239-255, 2010a. Anual.

NORD, Christiane. La intertextualidad como herramienta en el proceso de traducción. **Puentes**, Granada, n. 9, p. 9-18, mar. 2010b.

NORD, Christiane. El funcionalismo en la enseñanza de traducción. **Mutatis Mutandis**, Medellín, v. 2, n. 2, p. 209-243, jan./dez. 2009.

NORD, Christiane. **Translating as a purposeful activity**: functionalist approaches explained. Manchester / New York: St Jerome Publishing, 1997.

NORD, Christiane. La unidad de traducción en el enfoque funcionalista. **Quaderns**: Revista de traducció, Barcelona, v. 1, n. 0, p. 65-77, jan./jul. 1998.

NORD, Christiane. **Traduciendo funciones**. In: ALBIR, Amparo Hurtado. **Estudios sobre la traducción**. Castelló: Publicacions de La Universitat Jaume I, 1994. p. 97-112.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à semiótica**: passo a passo para compreender os signos e a significação. São Paulo: Paulos, 2017. Coleção Introduções.

OLIVEIRA JÚNIOR, Juarez Nunes de. **Desmistificando a neutralidade em ad via sistema de avaliatividade**: um estudo exploratório-descritivo sobre a assinatura avaliativa do áudio descritor de curtas de temática LGBT. 2016. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Curso de Doutorado em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

PAREDES, Elena Méndez de. "Mujeres Alteradas": La autoironía de grupo como liberación de tabúes femeninos. **Discurso & Sociedad**, S. I., v. 9, n. 1-2, p.71-94, mar./jun. 2015.

PAZ, Octavio. **Tradução**: literatura e literalidade. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2009. (Edição bilíngue). Traduzido por Doralice Alves de Queiroz.

PEASE, Allan; PEASE, Barbara. **El lenguaje del cuerpo**. Barcelona: Amat Editorial, 2006. 270 p.

PINTO, Fabiane Natalia de Souza; BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas (orientadora). **Dois faces da mulher contemporânea**: carreira e maternidade. Rio de Janeiro, 2015. 112p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PYM, Anthony. **Explorando teorias da tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2017. 336 p. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri, Juliana Steil.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Akal Universitaria, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 03, p.245-265, jul./set. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a11.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro de. **Metodologia da pesquisa aplicada a contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. 2. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. 20, p.51-67, jan./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

SOUZA, Ladjane Maria Farias de. **O modelo de linguagem avaliativa (Appraisal Framework) como ferramenta para a análise descritiva do texto traduzido**. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

STEFANONI, Andrea. **Entrevista con Maitena «La felicidad no hace réir a nadie»**. 2003. Disponível em: https://www.lainsignia.org/2003/diciembre/cul_070.htm. Acesso em: 05 abr. 2020.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: a history of translation**. London / New York: Routledge, 1995. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9780203360064>. Acesso em: 10 abr. 2020.

VIAN JUNIOR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira (Org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230 p.

TEZZA, Cristovão. Discurso poético e discurso romanescos na teoria de Bakhtin. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988. p. 55.

WHITE, Peter. Valoração: a Linguagem da Avaliação e da Perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. esp., p. 177-205, 2004.

WILSON, Carmem Diva Rodrigues Jorge. **Relações interpessoais em um fórum de discussão online: A perspectiva sistêmico-funcional em práticas discursivas de ensino a distância**. 2008. 268 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.



Emitido em 24/09/2020

DISSERTAÇÃO Nº 2/2020 - PPGEL - CH (10.17.08.05.01.09.08.03)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 28/09/2020 13:13)

GIOVANA SANTOS DA SILVA

SECRETARIO EXECUTIVO

CAPPG - CH (10.17.08.05.01.09.08)

Matrícula: 1946406

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.uffs.edu.br/documentos/> informando seu número: **2**, ano: **2020**, tipo: **DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **28/09/2020** e o código de verificação: **8702a3584d**